

Coleção
Sexualidade & Mídias

Florêncio M. Costa-Júnior
Ana Cláudia Bortolozzi
(Organizadores)

LEITURAS SOBRE A
SEXUALIDADE
EM FILMES

BEHAVIORISMO, ANÁLISE DO
COMPORTAMENTO E TERAPIAS CONTEXTUAIS

VOLUME 10

Vol. 10

**LEITURAS SOBRE A
SEXUALIDADE EM FILMES:
Behaviorismo, Análise do
Comportamento e Terapias
Contextuais**



GEPESec

Grupo de Estudos e Pesquisa em
Sexualidade, Educação e Cultura

 **Pedro & João**
editores

Florêncio Mariano da Costa-Júnior
Ana Cláudia Bortolozzi
(Organizadores)

LEITURAS SOBRE A
SEXUALIDADE EM FILMES:
Behaviorismo, Análise do
Comportamento e Terapias
Contextuais

VOLUME 10

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Florêncio Mariano da Costa-Junior; Ana Cláudia Bortolozzi (Orgs.)

Leituras sobre a sexualidade em filmes: Behaviorismo, Análise do Comportamento e Terapias Contextuais. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. 207p.

ISBN 978-65-5869-165-5 [impresso]

978-65-5869-166-2 [Ebook]

1. Sexualidades em filmes. 2. Behaviorismo. 3. Análise do Comportamento. 4. Autores. I. Título.

CDD – 150

Capa: Andersen Bianchi

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luiz Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2021

“(...) estarão preparados - ou poderão fazê-lo - os behavioristas depois de Skinner, para adaptar o conhecimento produzido às atuais condições, de modo a superar apropriadamente as dimensões econômico-sociais favorecidas do berço capitalista norte-americano para colocá-lo, agora sob novos prismas?”

(Behaviorismo Radical: crítica e metacrítica, CARRARA, 1997, p.12).

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
Ana Cláudia Bortolozzi Florêncio Mariano da Costa-Júnior	
Capítulo 1	
A PROFESSORA DE PIANO: PRÁTICAS BDSM, SEXUALIDADE E SAÚDE MENTAL	15
Florêncio Mariano da Costa-Júnior	
Capítulo 2	
CARA GENTE BRANCA: TEORIA DAS MOLDURAS RELACIONAIS, IDENTIDADE NEGRA E RELACIONAMENTOS INTERRACIAIS	41
Táhcita Medrado Mizael	
Capítulo 3	
SAN JUNIPERO: O CONTROLE SOCIAL DO COMPORTAMENTO SEXUAL EM BLACK MIRROR	61
Caroline Prestes Villa Renan Kois Guimarães Camila Muchon de Melo	
Capítulo 4	79
SHAME: COMPORTAMENTO SEXUAL COMPULSIVO EM UMA PERSPECTIVA COMPORTAMENTAL	
Mayra Savi Gonçalves Florêncio Mariano da Costa-Júnior	

Capítulo 5 NINFOMANÍACA I e II: QUESTÕES SOBRE A COMPULSÃO SEXUAL Thaís Juliana Medeiros	101
Capítulo 6 COISA MAIS LINDA: A SORORIDADE SOB A PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO Sarah Faria Abrão Teixeira	123
Capítulo 7 365 DIAS: REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO DE SELF E O CONTEXTO DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER SOB A ÓTICA ANALÍTICO COMPORTAMENTAL Aline de Marco da Silveira Thais de Souza Mascotti	139
Capítulo 8 EU MATEI ELE: UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE A INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO NA VIVÊNCIA DA HOMOSSEXUALIDADE Felipe Gonçalves Tiago Florêncio	157
Capítulo 9 BOY ERASED: HOMOSSEXUALIDADE, ÉTICA E MORALIDADE NAS TERAPIAS DE REORIENTAÇÃO SEXUAL Leonardo Peres Navarro Florêncio Mariano da Costa-Júnior	173

SOBRE OS (AS) AUTORES (AS)	199
SOBRE O ORGANIZADOR E A ORGANIZADORA	203

APRESENTAÇÃO

Ana Cláudia Bortolozzi
Florêncio Mariano da Costa-Júnior

O Behaviorismo tem como objeto de estudo a interação entre indivíduo e ambiente e busca compreender as variáveis ambientais internas e externas que funcionalmente estão relacionadas aos comportamentos analisados. O desenvolvimento das psicoterapias de orientação Behaviorista ainda carece de contribuições que auxiliem na compreensão dos processos comportamentais que se relacionam com questões de gênero, sexualidade e diversidade sexual, seja no campo conceitual, experimental ou aplicado.

Para atender essa lacuna apresentamos este Volume 10 da *Coleção Sexualidade & Mídias*, **Leituras sobre a Sexualidade em Filmes: Behaviorismo, Análise do Comportamento e Terapias Contextuais**, que na mesma direção dos demais livros da coleção, reúne autores e autoras que selecionaram filmes, séries e curtas em torno de uma temática comum – que é a sexualidade humana e suas intersecções diversas - para uma análise crítica que vá além do senso comum e dialogue com leitores e leitoras a partir de referenciais teóricos consistentes.

O livro é composto por nove capítulos. Quem abre a obra é um dos organizadores, Florêncio Mariano da Costa-Júnior, analisando o filme **A Professora de Piano: práticas BDSM, sexualidade e saúde mental**, no Capítulo 1, problematizando os entrelaçamentos entre contextos de desenvolvimento das práticas sexuais e da vulnerabilidade

psicológica, especialmente sobre as experiências de abuso e violência consentidas ou não consentidas.

Táhcita Medrado Mizael, no Capítulo 2, ***Cara Gente Branca: teoria das molduras relacionais, identidade negra e relacionamentos interracialis***, analisa uma série que retrata o cotidiano de universitários negros dos EUA enfrentando situações de racismo. A autora apresenta uma análise sobre as questões intra e interracialis relacionadas ao colorismo, ao sexismo, dentre outros aspectos.

A famosa série de ficção científica *Black Mirror*, que trata das consequências de um mundo dominado pela tecnologia, foi analisada no Capítulo 3, ***San Junipero: o controle social do comportamento sexual em Black Mirror***, pelos autores Caroline Prestes Villa, Renan Kois Guimarães e Camila Muchon de Melo. No episódio analisado os autores discutem o romance entre duas mulheres, retratado de maneira sensível e com outras intersecções, como a bissexualidade e a raça.

No Capítulo 4, ***Shame: comportamento sexual compulsivo em uma perspectiva comportamental***, os autores Mayra Savi Gonçalves e Florêncio Mariano da Costa-Júnior, discutem sobre os fatores morais e culturais funcionando como barreiras para que a compulsão sexual seja compreendida como prejudicial à saúde e às condições de vida. Além disso, os autores acreditam que os valores sobre a masculinidade podem contribuir para o fortalecimento dos repertórios da própria compulsão.

Na mesma direção, temos o Capítulo 5, ***Ninfomaniaca I e II: questões sobre a compulsão sexual***, de Thaís Juliana Medeiros. A autora descreve a narrativa da personagem Joe nos dois filmes e analisa os comportamentos compulsivos relacionados ao sexo a partir da esquete experimental, para evitar ou diminuir as respostas emocionais aversivas (estresse, ansiedade e medo), as quais foram aprendidas em uma vida de pouco contato

social e poucas interações para aprimorar habilidades sociais e classes de respostas positivas e reforçadoras. Também conclui que “são poucas as pesquisas na área de análise do comportamento que abordem a compulsão sexual, especialmente entre mulheres, devido ao estigma e exclusão social que vivenciam em função do transtorno” (p.123).

A autora Sarah Faria Abrão Teixeira, no **Capítulo 6, Coisa Mais Linda: a sororidade sob a perspectiva da análise do comportamento**, analisa na série essa temática atual: solidariedade e empatia entre as mulheres, voltada para a luta dos direitos. A autora olha para o feminismo à luz do behaviorismo, sem sobrepor a ele, pois, segundo ela “o objetivo da comunidade analítico comportamental seria se contrapor, assim como o feminismo interseccional, a todo e qualquer tipo de preconceito. Defender a análise relacional organismo/ambiente significa identificar que o problema não está no indivíduo e sim em práticas culturais discriminatórias” (p. 140).

No Capítulo 7, **365 Dias: reflexões sobre o conceito de self e o contexto de violência contra a mulher sob a ótica analítico comportamental**, as autoras Aline de Marco da Silveira e Thais de Souza Mascotti discutem um filme que trata de um relacionamento baseado em comportamentos de violência sexual e psicológica. Um tema atual e de discussão pertinente e urgente, apresentam a narrativa e analisam o longa, especialmente nas relações conjugais, a partir de conceitos como: humilhação, dependência, opressão, feminicídio e empoderamento.

No Capítulo 8, **Eu Matei Ele: uma breve reflexão sobre a influência da religião na vivência da homossexualidade**, os autores Felipe Gonçalves e Tiago Florêncio analisam a relação entre a religião e a homossexualidade em um Curta metragem brasileiro. A partir de uma análise cuidadosa, os autores mostram com exemplos a agência de controle e o

controle aversivo, o reforçamento negativo, a punição positiva, a punição negativa e a culpa, e ressaltam o quanto a religião funciona como dispositivo de controle sobre as sexualidades dissidentes.

Finalmente, o Capítulo 9, **Boy Erased: homossexualidade, ética e moralidade nas terapias de reorientação sexual**, de Leonardo Peres Navarro e Florêncio Mariano da Costa-Júnior, encerra esta obra. O filme analisado é baseado em uma história real sobre um jovem gay que participou compulsoriamente de um programa terapêutico de reorientação sexual com pressupostos religiosos conservadores, e o quanto isso significou uma violência na sua vida. Segundo os autores, a análise ressalta o “debate necessário sobre as técnicas, intervenções clínicas e a diversidade sexual. As diferentes identidades existem e sempre existiram na cultura e, durante muito tempo, a Psicologia e a Psiquiatria patologizaram as sexualidades divergentes do referencial heteronormativo” (p. 202).

Para quem tem familiaridade com a abordagem teórica que nos propomos a apresentar, qual seja o Behaviorismo, análise do comportamento e as terapias contextuais, esperamos que a leitura seja um momento de reflexão, somatória e debate. Para quem não têm conhecimento, nem domínio, esperamos que seja um momento para uma aproximação que desperte interesse, conhecimento, discussões e enriquecimento. Afinal, defendemos o respeito à diversidade em todos os sentidos, inclusive às diferentes abordagens teóricas no campo da Psicologia.

Boa leitura!

Capítulo 1

A PROFESSORA DE PIANO: PRÁTICAS BDSM, SEXUALIDADE E SAÚDE MENTAL

Florêncio Mariano da Costa-Júnior

“Neste mundo, há apenas duas tragédias: uma a de não satisfazermos os nossos desejos, e a outra a de os satisfazermos.”

(“O leque de Lady Windermere”, Oscar Wilde, 1892).

Introdução

A sexualidade é um conjunto de comportamentos humanos nos quais estão inter-relacionados diversos fenômenos complexos, tais como o corpo sexual, os desejos, as emoções, as relações de gênero, a identidade de gênero, as práticas sexuais, a linguagem e a cultura. Tanto no campo individual, quanto no social e cultural, a sexualidade abarca os seguintes processos e contextos: 1) o corpo biológico, sua materialidade e sua interpretação cultural nos diferentes momentos da história (LAQUEUR, 2001); 2) as práticas culturais que organizam os processos de desenvolvimento humano e a aprendizagem (BOZON, 2004; WEEKS, 1999); 3) as dinâmicas de organização política e ideológica de uma dada cultura e a normatização da sexualidade (FOUCAULT, 1984, 2005; SENA, 2007); 4) experiências ontogenéticas pelas quais todos/as são expostos/as ao longo do curso de vida (MALOTT, 1996; MOTT, 2006; WEEKS, 1999); 5) repertórios individuais de identidade: desejo, estilos sexuais e crenças sobre o sexo e

sexualidade (KINSEY *et al.*, 1970; SENA, 2010); 6) a linguagem e os processos envolvidos na aprendizagem de sentidos simbólicos que circunscrevem essa gama de processos e práticas relacionados à sexualidade (LOURO, 2003; STOCKWELL; MORAN, 2014).

A vasta gama de sentidos simbólicos relativos aos desejos sexuais e às fantasias sexuais emergem das relações simbólicas da linguagem (ROCHE, 2002). Stockwell e Moran (2014) explicitam que as fantasias sexuais são comuns entre os humanos e ampliam a excitação sexual. Segundo esses autores, embora algumas fantasias possam estar diretamente relacionadas às experiências passadas de uma pessoa, outras podem não estar relacionadas à uma história direta e, portanto, são mais difíceis de explicar e possivelmente se originam das relações arbitrariamente derivadas da linguagem. Desta forma, parte-se da premissa que o comportamento (interação entre organismo e ambiente) é alterado pela linguagem.

No campo das ciências do comportamento, a Teoria das Molduras Relacionais (RFT - *Relation Frame Theory*) oferece um modelo explicativo da linguagem e da cognição humana e auxilia na compreensão dos processos envolvidos no desejo e nas fantasias sexuais (ROCHE, 2002). A RFT estuda o comportamento operante de estabelecer relações arbitrárias e designa como Responder Relacional Arbitrariamente Aplicável (RRAA) os repertórios comportamentais que não foram aprendidos por experiência direta e sim por relações derivadas (BARNES-HOLMES; ROCHE, 2001; PEREZ *et al.*, 2013).

A Teoria das Molduras Relacionais (RFT) amplia as explicações sobre como aprendemos a relacionar arbitrariamente os estímulos e desenvolve um arcabouço experimental e teórico capaz de demonstrar que a aprendizagem, além de ocorrer pelas relações de equivalência e igualdade, também ocorre pelas relações

arbitrárias de oposição, diferença, comparação, espaço, temporalidade e causalidade (PEREZ *et al.*, 2013). Os exemplos a seguir ilustram relações derivadas por: **oposição**: “Amor é o oposto de ódio”; **diferença**: “Sexo é diferente de afeto”; **comparação**: “Piano é melhor do que violino”; **hierarquia**: “A música faz parte da arte”; **relações espaciais**: “O vestido está no armário”; **relações temporais**: “A primavera vem antes do verão”; e **relações de causalidade**: “Se você chegar tarde em casa, então receberá uma bronca”.

No que se refere à linguagem, a RFT a define como um meio de comunicação vocal e não vocal, que inclui desempenhos complexos como pensar, resolver problemas e fantasiar. Segundo essa teoria, a linguagem, por ser um comportamento operante, está sob controle de estímulos antecedentes e consequentes arbitrariamente relacionados e que adquiriram função de outros estímulos. A linguagem é, portanto, mais do que o repertório de identificar e nomear estímulos, mas também envolve os repertórios de relacionar certos eventos ambientais que possam ter uma relação arbitrária ou experiencial. Nessa perspectiva, as mudanças nas funções dos estímulos ocorrem então como resultado de sua relação com outros estímulos (BARNES; ROCHE, 1997; BARNES-HOLMES; ROCHE, 2001; STOCKWELL; MORAN, 2014).

Ao longo da vida os seres humanos aprendem a responder às inúmeras relações entre estímulos e essas respostas de linguagem tornam-se fluentes com o tempo. É este tipo de história de aprendizagem que permite aos indivíduos se comportarem, com respostas relacionais derivadas em vários contextos, incluindo a fantasia e o desejo sexual (BARNES; ROCHE, 1997; BARNES-HOLMES; ROCHE, 2001; STOCKWELL; MORAN, 2014).

Os repertórios individuais de identidade e o desejo sexual são diversos, e nessa diversidade de desejos que

orientam as práticas sexuais podem existir também os sentidos simbólicos das práticas BDSM (STOCKWELL; MORAN, 2014). O acrônimo “BDSM”¹ é um termo que se refere a um conjunto de práticas sexuais que envolvem sadomasoquismo e fetichismo: *Bondage*, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadomasoquismo (GLYDE, 2015). Embora não sejam a mesma coisa, o sadomasoquismo e os fetichismos são elementos com linguagens simbólicas que circunscrevem algumas sexualidades (ZILLI, 2008). A prática BDSM abrange uma gama de experiências e interações sexuais que incluem o uso de punição física, restrições, estimulação física intensa, dor e frequentemente implica dramatização ou fantasias (SCHUERWEGEN *et al.*, 2020).

Schuerwegen *et al.* (2020) e Weinberg, Williams e Moser (1984) ressaltam que apesar de muitas pessoas acreditarem que as atividades de BDSM estejam focadas na dor, para alguns participantes de BDSM a experiência de intimidade sexual tem como elemento central a interação baseada no poder e no controle. Nesse sentido, o poder e o controle nas interações de submissão ou dominação parecem estar funcionalmente relacionados à preferência por essa dinâmica sexual.

Venâncio (2012) apresenta uma síntese descritiva das práticas que compõe o acrônimo BDSM, possibilitando uma compreensão geral do desejo em cada tipo de prática:

- **Bondage e Disciplina (B/D)**: conjunto de práticas diversas que se centram, sobretudo, em situações de restrição e constrangimento físico (*Bondage*, que no sentido original da palavra se refere à condição de escravo/a), humilhação e castigo (no sentido disciplinar e

¹ No acrônimo “BDSM” a letra B se refere à *Bondage*, o par B & D para *Bondage e Disciplina*. O par D & S para *Dominação e Submissão*, e o par S & M para *Sadismo e Masoquismo* (ZILLI, 2008).

corretivo, como punição por uma ação supostamente inapropriada, real ou hipotética), estimulação e controle sensorial que pode incluir ou não o orgasmo.

- **Dominação e Submissão (D/S)**: consiste na procura deliberada e consciente de uma relação na qual exista desigualdade de poder entre os envolvidos. O poder nesse sentido se refere à possibilidade de ter o controle físico, psicológico e emocional para obtenção de prazer orgástico ou não. Nessas práticas existem papéis diferenciados e representações que designam a posição de cada um nas interações eróticas e consensuais de dominação e submissão e na “troca de poder”².

- **Sadomasoquismo (S/M)**: práticas que envolvem a erotização de atividades relacionadas com dor e sofrimento. “Sado” (de sádico) é o termo associado à pessoa que provoca a dor ou o sofrimento, enquanto o masoquista é aquele que sente satisfação em ser alvo dessas ações.

Ainda no que se refere aos papéis e preferências sexuais na comunidade BDSM, três papéis principais são identificados como: os/as dominadores/as, os/as submissos/as e os/as *switchers*. O/a dominador/a ou “Dom/Domme”, que às vezes é também referido como sádico/a ou “top”, é o/a participante ativo/a em uma interação BDSM e é ele/a que comanda o curso dessa

² No site da comunidade fetichista de Londres (*Total Power Exchange*, Wikipédia, 2009) esse termo, do inglês “*power exchange*”, se refere a interação na qual o/a submisso/a transfere toda a autoridade para a responsabilidade do/a dominador/a. A troca de poder pode ser aplicada a aspectos individuais como sexo, finanças etc., ou até transferir toda a responsabilidade de si para a pessoa dominadora. As trocas de poder podem ser classificadas como “total”: quando engloba todos os aspectos da vida do/a submisso/a; “espontânea”: quando ocorre de forma leve; “momentânea”: quando é negociada apenas para uma atividade ou cena sexual.

interação. O submisso, também chamado de “Sub” ou “bottom”, desempenha um papel “passivo”. É ele quem define seus limites nas práticas sexuais e se comporta completamente sob o controle do/a Dom/Domme. Por último, o/a switch é um/a praticante que pode alternar entre os papéis de Dom/Domme e Sub, dependendo de fatores circunstanciais, tais como seu estado de humor e desejo, o papel de gênero ou a preferência do/a parceiro/a (DE MELO, 2010; SCHUERWEGEN *et al.*, 2020; ZILLI, 2008).

Outra figura identitária no universo BDSM são as pessoas denominadas de “baunilha” – indivíduos cuja prática sexual e o desejo estão orientados para relações sexuais e íntimas convencionadas pela cultura, seja pelo romantismo, reciprocidade, cuidado, pela genitalidade ou pela amorosidade (DA SILVA, 2016).

Apesar de alguns elementos/práticas BDSM terem certa popularidade na mídia convencional (GLYDE, 2015), existem poucas pesquisas sobre os processos psicológicos e operações motivadoras envolvidos nas práticas.

O estudo de Schuerwegen *et al.* (2020) cita algumas pesquisas que relacionam fatores psicológicos e influências sociais às práticas BDSM, tais como personalidade, experiências traumáticas e outras condições de adoecimento psicológico.

A pesquisa de Wismeijer e Van Assen (2013) indicou que praticantes BDSM apresentam menor grau de neuroticismo³, maior abertura à novas experiências, maior conscienciosidade⁴, menor sensibilidade à rejeição, maior

³ No campo das avaliações de personalidade, o neuroticismo é definido como um traço cognitivo-afetivo ou uma expressão negativa da personalidade. Considera-se o neuroticismo como um funcionamento perturbado, mais ou menos estável, da personalidade (OLIVEIRA, 2002).

⁴ É caracterizada como a necessidade por fazer as coisas de maneira organizada e ordenada; foco excessivo nas obrigações; preocupação

bem-estar subjetivo. No entanto eram também pessoas menos agradáveis nas interações interpessoais. Outros estudos sugerem a relação entre a preferência por práticas BDSM e o transtorno de personalidade borderline, comportamento sexual de risco, tentativas de suicídio e comportamentos autolesivos (DE NEEF *et al.*, 2019).

Ainda sobre a correlação entre práticas BDSM e adoecimento psicológico, a literatura indica que algumas pessoas com desejos BDSM também apresentam processos comportamentais que nas ciências do comportamento são denominados de esquiva experiencial e de desregulação emocional (MESSMAN-MOORE; WALSH; DILILLO, 2010; NORDLING; SANDNABBA; SANTTILA, 2000).

O termo esquiva experiencial se refere aos processos comportamentais que causam danos nas habilidades adaptativas e que ocorrem com a função de controlar ou alterar a forma, a frequência ou a sensibilidade situacional dos pensamentos, sentimentos e sensações (BARBOSA; MURTA, 2014; HAYES, *et al.*, 1996; FORSYTH; RITZERT, 2020).

A desregulação emocional por sua vez é um processo comportamental relativo à incapacidade de reconhecer, legitimar e manejar as próprias emoções, e que pode gerar tanto a intensificação das emoções, como por exemplo, o temor, o pânico, a raiva etc., quanto a desativação da intensidade emocional, levando à experiências dissociativas, como por exemplo, despersonalização, desrealização ou entorpecimento emocional (LEAHY; TIRCH; NAPOLITANO, 2013).

Os processos de desregulação emocional estão associados a outros transtornos psicológicos (depressão maior, ansiedade, dependência química e transtornos da

excessiva; perfeccionismo; regras rígidas nos relacionamentos (CARVALHO, 2014).

personalidade), acarretando em dificuldades nas relações afetivas, familiares, acadêmicas, profissionais e, sobretudo, no convívio social (LINEHAN, 2010).

A teoria acerca do desenvolvimento da desregulação emocional mais aceita atualmente é a teoria biossocial na qual se baseia a Terapia Comportamental Dialética, desenvolvida por Linehan (2010).

Nesse arcabouço teórico, a desregulação emocional resulta das seguintes condições de desenvolvimento: 1) disposição biológica geneticamente herdada pela qual ocorre uma sensibilidade elevada a certos estímulos emocionais e um lento retorno ao nível emocional basal; 2) exposição extensiva à interações interpessoais que invalidam experiências emocionais e nas quais prevalecem as interações que punem a expressão das emoções negativas e reforçam a expressão emocional somente depois de exageros; 3) interações mediadas por práticas culturais que acentuam a invalidação das experiências emocionais e legitimam as condições de abuso e autoritarismo, como por exemplo, o sexismo que normaliza as invalidações emocionais e abuso físico ou sexual que frequentemente as mulheres com Transtorno de Personalidade Borderline vivenciam em seu curso de desenvolvimento (LINEHAN, 2010; MESSMAN-MOORE; WALSH; DILILLO, 2010).

Os estudos não encontram consenso em relação à hipótese de que experiências traumáticas seriam preditivos para interesses nas práticas de BDSM (DE NEEF *et al.*, 2019; GLYDE, 2015; WISMEIJER; VAN ASSEN, 2013). O estudo de Ten Brink *et al.* (2020) não identificou correlação entre experiências de abuso na infância, mas reconheceu a maior ocorrência de abusos físicos, sexuais e psicológicos na vida adulta de pessoas que praticam BDSM.

O estudo de Nordling, Sandnabba e Santilla (2000), por sua vez, indica que quanto maior a frequência de episódios

de abuso, pior pode ser a imagem corporal do indivíduo abusado e maior a probabilidade de apresentar episódios de desregulação emocional com tentativas de suicídio e autolesão.

Messman-Moorea, Walshbe e DiLillo (2010) examinaram se a desregulação emocional estaria relacionada às contingências do comportamento sexual de risco (comportamentos sexuais que produzem prejuízos) e à revitimização sexual (ocorrência de novos abusos). Os resultados da pesquisa sugeriram que a desregulação emocional é um preditor para comportamentos sexuais de risco, frequentemente com parceiros desconhecidos, e também para episódios de revitimização sexual. Desta forma os estudos parecem indicar que a desregulação emocional aumenta a vulnerabilidade para que novas situações de abuso ocorram, bem como está relacionada à certos comportamentos sexuais que potencialmente podem produzir prejuízos emocionais e físicos.

Weinberg (2006) revisou estudos produzidos com praticantes de BDSM ao longo de três décadas e verificou que as pesquisas empíricas não confirmam que os praticantes de BDSM apresentam maior grau de adoecimento psicológico, tampouco corroboram que tais práticas poderiam ocasionar adoecimento. Essa revisão de estudos sugere que o BDSM, quando consentido e sem prejuízos físicos ou morais, pode ser considerado como uma atividade recreativa e não uma manifestação de psicopatologia ou uma condição de vulnerabilidade.

De Neef *et al.* (2019) defendem que a patologização das práticas e do desejo BDSM deve ser questionada e apoiam que diferentes condições de abuso não consentido na vida adulta e os processos de discriminação social é que vitimizam essa população, deixando-a psicologicamente vulnerável.

Conclui-se disto que possivelmente outros transtornos psiquiátricos, comportamentos sexuais de risco, desregulação emocional, episódios de abuso e violência (não consentidos) e até mesmo a discriminação social é que poderiam configurar condições de adoecimento em praticantes de BDSM.

Wismeijer e Van Assen (2013) demonstraram que a participação em atividades BDSM em contextos seguros e consentidos está associado a níveis mais elevados de bem-estar subjetivo nos praticantes. Na análise desses autores existe uma associação entre as atividades de BDSM e reduções dos níveis de estresse, o que fortalece a hipótese de que os praticantes de BDSM podem se envolver nessas atividades como um estilo de enfrentamento frente às condições estressoras do dia-a-dia. O mesmo ocorre com outras práticas sexuais, uma vez que a experiência sexual pode resultar em sensação relaxamento e bem estar.

Lindemann (2011) e Williams *et al.* (2016) abordam os aspectos potencialmente terapêuticos do envolvimento em atividades BDSM e os possíveis benefícios pessoais oriundos quando tal atividade é consentida e praticada com outros integrantes da comunidade BDSM (grupos de encontros, festas temáticas, casas noturnas, etc.).

O intenso embate ético entre os grupos de ativismo LGBTQIA+ e as práticas normativas resultou em muitos avanços quanto aos direitos e visibilidade das pessoas com sexualidades não normativas. A retirada da homossexualidade e da transexualidade como doença nos manuais de diagnóstico psiquiátrico foi um desses resultados que, por sua vez, fomentou indagações acerca da patologização de sexualidades não convencionais, o que inclui o BDSM.

No Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais – DSM-V (APA, 2014) a prática BDSM é classificada como um tipo de Parafilia (desejo sexual parafilico),

denominada de “masoquismo sexual” e “sadismo sexual”. O DSM-5 define as Parafilias como um tipo de interesse sexual, persistente e intenso, que vai além dos desejos de estimulação genital ou atividades preparatórias/preliminares consentidas com parceiros/as humanos/as que apresentam fenótipo típico e tenham maturidade física. Nesse manual, o foco principal do estímulo parafilico pode ser relacionado com as atividades eróticas, como por exemplo: estrangular, infringir dor, ser humilhado, etc., ou com o alvo erótico, que seria o interesse sexual preferencial por cadáveres, crianças, animais, pessoas em trajes específicos, objetos, etc.

Ainda nessa perspectiva, uma Parafilia só passa a ser considerada como uma Perturbação Parafilica (transtorno) quando causa sofrimento psicológico ao indivíduo, ou cuja satisfação sexual provoque dano ou risco para o próprio ou para terceiros. Desta forma, uma Parafilia é uma condição necessária, mas não suficiente, para se ter uma Perturbação Parafilica (APA, 2014). Esta distinção é importante não só para o contexto clínico, mas também para questões judiciais (ANDRIEU; LAHUERTA; LUY, 2019; DA SILVA, 2016; ZILLI, 2008).

Da Silva (2016) tece críticas acerca da patologização das práticas BDSM e argumenta que em certas circunstâncias o critério "intenso e persistente" é impreciso no que se refere à fronteira que limita uma prática como normal, sendo a partir dela o que vai ser considerado doentio. Para a autora, uma outra crítica se refere à manutenção de concepções que tomam o prazer genital como elemento central para definição da sexualidade normal.

Segundo De Neef (2019) e Weinberg (2006), a inclusão do sadismo sexual e do masoquismo sexual no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) tem suas raízes nas descrições de Freud e Krafft-Ebing, que

patologizaram esses interesses. Presumivelmente Freud e Krafft-Ebing tinham concepções conservadoras sobre a sexualidade e se basearam na literatura que descrevia práticas sexuais extremas que não representam necessariamente o BDSM, como por exemplo, as obras do Marquês de Sade (DA SILVA, 2016).

Os estudos apresentados até aqui podem demonstrar que a sexualidade é um fenômeno complexo e sua análise invariavelmente esbarra em valores morais e normas vigentes. As discussões sobre sexualidades não normativas podem ampliar a visibilidade e acolhimento de pessoas que não se enquadram nos desejos adjetivados como “adequados” ou “normais”.

Parece-nos relevante que outras variáveis, e não somente o desejo, sejam analisadas como possíveis fatores de vulnerabilidade psicológica em pessoas que praticam BDSM. Buscando contribuir para a discussão sobre práticas BDSM, saúde mental e sexualidade, o presente capítulo pretendeu analisar o filme *A Professora De Piano*. Para tal, a personagem principal e suas interações com seu parceiro sexual e com sua mãe serão descritas e analisadas.

Vídeo Analisado

Tipo de Material	Filme
Título Original	<i>La Pianiste</i>
Nome Traduzido	A Professora de Piano
Gênero	Drama/romance
Ano	2001
Local de lançamento e Idioma original	França/Alemanha; francês e alemão.
Duração	2h11min
Direção	Michael Haneke

O material analisado é uma adaptação cinematográfica do romance austríaco “A pianista”, publicado em 1983 e escrito por Elfriede Jelinek.

O filme é ambientado em Viena e narra a estória de Erika Kohut, uma mulher de aproximadamente 40 anos que vive com sua mãe controladora (cujo nome não é revelado).

Erika trabalha como professora de piano em um renomado conservatório de música. Seu semblante é apático, inexpressivo, mal se relaciona com colegas de trabalho e com seus alunos é rígida, exigente, hostil e agressiva. No filme podemos notar que Erika não possuía nenhum relacionamento amoroso e não apresentava interesse em desenvolver interações interpessoais.

O pai de Erika morreu quando estava internado em um hospício. Já a relação entre Erika e sua mãe é conflituosa, uma vez que sua mãe apresenta um comportamento intrusivo, vitimizador e invalidante, e busca controlar ao máximo a rotina e as escolhas da filha. O cotidiano de Erika é meticulosamente acompanhado e administrado pela mãe: compromissos, carreira, gastos financeiros, roupas etc. As falas da mãe demonstram como sua interação com Erika é predominantemente composta por críticas agressivas e depreciativas, avaliações, repreensão e culpabilização.

Ao longo do filme os interesses e desejos sexuais de Erika são expostos: ela frequenta lojas de material pornográfico, fica excitada cheirando o papel higiênico sujo de esperma de homens que se masturbam nesses locais.

Erika tem desejos voyeristas e constantemente observa a intimidade sexual de terceiros. Erika também tem episódios de comportamento auto lesivo, cortando a pele da região genital com lâmina de barbear.

Em outras cenas podemos ver a personagem emitindo comportamentos emocionalmente desregulados: puxando os cabelos de sua mãe durante uma briga; mutilando de

forma intencional as mãos de uma aluna; humilhando seu aluno; constrangendo com falas agressivas e depreciativas seus colegas de trabalho. Além disso, é possível notar nas interações de Érika seu baixo repertório de empatia e acolhimento.

Em dado contexto, Erika é convidada para um recital na casa de uma família rica e lá conhece Walter, um jovem estudante que se interessa por ela e passa a manifestar seu interesse de forma ousada e insistente.

Inicialmente Erika repele as investidas amorosas de Walter, no entanto, o jovem persevera em suas tentativas para se aproximar da professora. Walter não obedece ao distanciamento de Erika, que aos poucos vai se envolvendo e desejando a insubordinação de Walter.

Depois de diferentes tentativas, Walter acaba entrando em contato com elementos pouco convencionais da vida íntima e sexual de Erika. A vida de Erika se altera com surgimento deste aluno completamente obcecado por ela. Os dois vão aos poucos desenvolvendo um peculiar tipo de relacionamento no qual os limites morais e éticos são confrontados, na medida em que Erika manifesta suas vulnerabilidades emocionais e seus desejos por práticas sexuais sadomasoquistas e por papéis de submissão e dominação.

Análise Crítica

Com o desenvolver do filme, é possível notar que os comportamentos de Erika se enquadram no campo das práticas parafilias fetichistas e BDSM, sendo possível identificar as categorias do voyeurismo fetichista, do masoquismo, do sadismo sexual. Destaco que nesse ponto aproximo a análise dos critérios diagnósticos, uma vez que muitas das práticas de Erika não são consensuais e por vezes trazem prejuízos a ela e a terceiros.

O voyeurismo de Erika é ilustrado quando as cenas mostram a personagem sentindo prazer ao observar outras pessoas fazendo sexo ou assistindo pornografia nas cabines do cinema pornô que frequenta. Quanto às práticas de masoquismo, podemos identificar que Erika sente intenso prazer ao ser humilhada, torturada e ameaçada (SCHUERWEGEN et al., 2020). Nas interações não sexuais podemos notar repertórios sádicos com os quais Erika humilha e deprecia as pessoas com quem convive.

Os desejos masoquistas da personagem ficam detalhados na carta entregue a Walter com instruções das práticas de *Bondage*, *Dominação* e *Submissão* que ela espera ter com ele:

"Se te implorar, aperta mais as cordas. Aperta mais o cinto, pelo menos 2 ou 3 furos. Quanto mais apertado, melhor. Depois, enfia-me na boca as meias que já pus de lado e as enterre bem para que não consiga soltar o mínimo som. Depois, tira-me a venda, senta na minha cara e me dá murros na barriga para me obrigar a enfiar minha língua no seu traseiro. É esse o meu maior desejo: pés e mãos atadas atrás das costas, fechada à chave perto da minha mãe, não podendo ela me alcançar devido à porta fechada, e ficar assim até de manhã".

Na carta, Érika especifica que Walter a faça sentir dor, a humilhe e controle sua liberdade. As instruções revelam seu desejo em sensações dolorosas e em estar sob domínio de uma pessoa que controle sua experiência sensorial e lhe imponha constrangimento físico e cerceamento de sua liberdade.

Pode-se inferir que Walter, por ser insubordinado e insistente, tenha se tornado um contexto sexualmente apetitivo, uma vez que os comportamentos dele possam estar funcionalmente relacionados ao perfil dominador.

Na carta a Walter, o intenso desejo em práticas de Bondage e Disciplina (VENÂNCIO, 2012) é ilustrado quando Erika pede para ser presa e punida por desobediência:

“Não se preocupe com a minha mãe, esse problema é meu. Leve as chaves de todas as portas da casa e não deixe ficar nenhuma. Se me surpreender desobedecendo às suas ordens, me bate, por favor, ainda que seja na cara e com as costas da mão”.

Esse trecho faz menção do desejo de vivenciar situações de humilhação e castigo como punição por sua ação supostamente inapropriada de desobediência.

É possível supor que os desejos e fantasias sexuais de Erika estejam relacionados ao ambiente social em que esteve presente ao longo de sua vida. Diferentes relações arbitrárias entre controle e afeto, estimulações físicas e violência, reprovação e prazer possam ter derivado relações simbólicas que compõe os estímulos apetitivos existentes nas práticas BDSM.

Algumas hipóteses dessas relações arbitrárias podem ser: relações de oposição: “prazer é o oposto de afeto”; diferença: “dominação é diferente de cuidar”; comparação: “socos são mais intensos que carinhos”; hierarquia: “dominação faz parte da intimidade”; relações temporais: “suas ordens antecedem tudo que eu irei fazer” e relações de causalidade: “se você quiser e me obrigar, então eu ficarei com você”.

Ao se deparar com a habilidade musical de uma das alunas do conservatório, Erika age de forma premeditada e perversa, colocando cacos de vidro nos bolsos do casaco desta aluna com o intuito de que a mesma ficasse incapaz de se apresentar no concerto da escola. Logo após ver que sua ação de fato mutilou a mão da aluna, Erika se abstém em prestar cuidados, vai para o banheiro e é seguida por

Walter. Nessa cena, com ambos no banheiro sob risco de serem descobertos, Erika inicia um jogo de dominação e controle sobre a excitação sexual de Walter, como podemos observar no diálogo:

Erika: Vou escrever aquilo que tem o direito de me fazer. Vou registrar os meus desejos e você lerá quando quiser. Não parece satisfeito, Walter Klemmer.

Walter: Não pode me deixar assim! Continua, anda...

Erika: Não tenho mais vontade de te tocar.

Walter: Continua, por favor, vem!

Erika: Nem pensar! Baixe as patas Monsieur Klemmer, senão não voltamos a nos ver.

Walter: A sua atitude é completamente perversa. Além disso, me magoa.

Erika: Eu sei que sim.

Walter: Pare!

Erika: Walter, você é estúpido! Está estragando tudo! Não lhe toco mais. Quero que fique assim, nada mais. Virado para mim! E não se vista!

Walter: Eu não sou estúpido, você é que é! Devia saber que não se faz isto com um homem.

Erika: Desgraçado! Cale a boca!

Nessa cena a personagem parece dar modelo do repertório de dominação que espera de Walter. Ela estabelece regras a serem seguidas ali e masturba Walter, controlando sua experiência sensorial ao mesmo tempo que rechaça suas investidas românticas.

Um outro dado ilustrado no filme se refere aos processos comportamentais que Erika manifesta. Apesar de não ter o objetivo de concluir que padrão de comportamento de Erika se enquadra como Transtorno de Personalidade Borderline, pareceu evidente que alguns componentes comuns nesse transtorno são experimentados pela personagem, como, por exemplo: a

inabilidade em interações sociais, a desregulação emocional, os comportamentos auto lesivos e a esquivia experiencial (DE NEEF *et al.* 2019; HAYES *et al.*, 1996; LINEHAN, 2010; MESSMAN-MOORE; WALSH; DILILLO, 2010).

Erika tem um baixo repertório de agradabilidade social, é inexpressiva e hostil nas interações interpessoais, e o contexto familiar de Erika pareceu ser um ambiente preditor para desregulação emocional. A relação com sua família pode ter modelado e fortalecido o estilo de expressão emocional que oscila entre a inibição extrema e a desinibição extrema. A personagem tem dificuldade para reconhecer e legitimar as próprias experiências emocionais relacionadas a Walter e a mãe. Erika também não consegue modular a intensidade, a frequência e a expressão das experiências emocionais de forma coerente ao contexto, tampouco é capaz de expressar emoções que promovam a manutenção do seu bem-estar ou de sua integridade física. Tais características comportamentais são constantemente descritas na literatura como sinais e sintomas de desregulação emocional e esquivia experiencial no Transtorno de Personalidade Borderline (LINEHAN, 2010; MESSMAN-MOORE; WALSH; DILILLO, 2010).

A cena em que Erika assedia sexualmente a própria mãe pode estar relacionada com as dificuldades da professora em modular suas expressões emocionais de afeto e desejo, bem como pareceu ser motivada pela intensa experiência emocional após ter revelado seus desejos de BDSM a Walter. Nessa ocasião Walter a rejeita, demonstra repulsa pelo conteúdo da carta e tece avaliações negativas sobre ela. Nessa mesma noite antes de dormir, a personagem assedia a mãe.

O filme mostra Erika emitindo comportamentos de auto mutilação e tendo reações respondentes de incontinência urinária, tosse e vômito, os quais podemos

inferir como sendo episódios de desregulação emocional contingentes às suas experiências sexuais. Outros episódios de desregulação emocional ocorreram nos momentos em que Erika está experimentando as aproximações românticas e sexuais de Walter, os sentimentos de rejeição quando Walter se distancia e também quando fica entorpecida em aparente desrealização quando Walter efetiva a cena sexual descrita por Erika na carta (vai até a casa, a espanca, prende a mãe no quarto e abusa sexualmente de Erika).

A desrealização é marcada pela sensação de desligamento do ambiente em que a pessoa se encontra, e deste modo Erika possivelmente evita entrar em contato com eventos internos aversivos, como pensamentos escrupulosos, sentimentos de imoralidade e devassidão que podem ter sido extensivamente aprendidos na relação com a mãe (LEAHY; TIRCH; NAPOLITANO, 2013; LINEHAN, 2010).

A cena final do filme também pode corresponder a outro episódio de desregulação emocional. Após ter sido violentada sexualmente, ser humilhada e ter apanhado de Walter, Erika manifesta agitação nos minutos que antecedem sua apresentação no evento de formatura do conservatório e parece estar à procura de Walter. No momento em que ambos se encontram no Hall do teatro, Erika fica paralisada, e ao receber cumprimentos indiferentes e superficiais do mesmo, a personagem parece sentir uma intensa reação emocional e golpeia seu próprio peito com uma faca. Com o peito sangrando, Erika se retira do teatro, abandonando a apresentação musical em aparente entorpecimento.

A hostilidade da personagem nas interações com os alunos, com Walter e com a mãe, parece ter função de esquivar experiencial – respostas que possuem a função de

evitar o contato com eventos privados aversivos ou com eventos que os evocam ou os eliciam.

Em uma das cenas Erika é vista na loja de produtos pornográficos por um de seus alunos e dias depois desse ocorrido a personagem ministra aula de piano para esse aluno. Durante a aula, apesar de apresentar uma aparente tranquilidade emocional, Erika possivelmente deveria estar experimentando uma intensa vulnerabilidade emocional por ter sua intimidade exposta. Possivelmente na presença de sentimentos de medo, vergonha e inferioridade, Erika se comporta de modo hostil e agressivo, humilhando e ameaçando o aluno, e com isso se esquia da experiência emocional aversiva: se sentir suja, envergonhada, julgada, imoral.

Os estudos na área das psicoterapias comportamentais e contextuais evidenciam que, a longo prazo, a esquia experiencial tende a aumentar a dor e o sofrimento, reduzindo a variabilidade comportamental e desenvolvendo comportamentos disfuncionais (BARBOSA; MURTA, 2014; FORSYTH; RITZERT, 2020). No filme, pareceu ser exatamente esse o curso de desenvolvimento dos processos comportamentais de Erika.

A estória narrada no filme oferece elementos para contextualizar a história de desenvolvimento dos comportamentos sexuais de risco que podem estar associados ao funcionamento emocional de Erika. As condições de sofrimento experimentadas pela personagem parecem mais associadas aos processos de desregulação emocional e esquia experiencial do que às práticas BDSM.

Por sua vez, as relações entre prazer sexual, intimidade e afeto em contextos de dominação, controle e humilhação que estiveram presentes no curso de vida de Erika podem ter contribuído para que os estímulos presentes em contextos de BDSM se tornassem sexualmente apetitivos.

É possível supor que nas práticas sexuais de Erika as interações de dominação e submissão, ao mesmo tempo em que trazem excitação e prazer, também evocam sentimentos de culpa, repreensão, vulnerabilidade, e assim a aproximam de episódios de desregulação emocional ou de esquivas das experiências.

Considerações Finais

O masoquismo sexual de Erika e sua postura sádica como professora de piano revelam relações arbitrárias, possivelmente derivadas de sua história de desenvolvimento em um ambiente no qual os vínculos estiveram sempre associados a controle, intrusividade e reprovação. Os processos de desregulação emocional e as esquivas experienciais compõem as estratégias mal adaptadas para lidar com um universo de interações que invalidaram Erika e suas preferências sexuais.

O filme permite problematizar como se configuram os entrelaçamentos entre contextos de desenvolvimento, práticas sexuais e vulnerabilidade psicológica, e oferece exemplos ficcionais que contribuem para analisarmos como as experiências de abuso e violência não consentidas e a estigmatização podem favorecer o sofrimento psicológico quando estão entrelaçados com práticas sexuais de risco e não consensuais.

Além disso, o filme nos permite debater sobre a hipótese de que prática BDSM, quando consentida e negociada, não apresenta potencial de adoecimento, ao passo que os processos de desregulação emocional e esquiva experiencial em conjunto com diferentes tipos de abuso e práticas parentais é que impactam sobre a qualidade de vida e saúde mental de pessoas, sejam elas praticantes de BDSM ou não.

Referências

- ANDRIEU, B.; LAHUERTA, C.; LUY, A. Consenting to constraint: BDSM therapy after the DSM-5. **L'Évolution Psychiatrique**, 84, n. 2, p. e1-e14, 2019.
- APA, AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Artmed Editora, 2014.
- BARBOSA, L. M.; MURTA, S. G. Terapia de aceitação e compromisso: história, fundamentos, modelo e evidências. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, 16, n. 3, p. 34-49, 2014.
- BARNES, D.; ROCHE, B. Relational frame theory and the experimental analysis of human sexuality. **Applied and Preventive Psychology**, 6, n. 3, p. 117-135, 1997.
- BARNES-HOLMES, S. C. H. D.; ROCHE, B. **Relational frame theory: A post-Skinnerian account of human language and cognition**. Springer Science & Business Media, 2001.
- BOZON, M. **Sociologia da sexualidade**. FGV Editora, 2004.
- CARVALHO, L. F.; BALBINO, B.; PRIMI, R. Revisão da dimensão conscienciosidade do Inventário Dimensional Clínico da Personalidade. **Revista CES Psicologia**, 7, n. 2, p. 1-14, 2014.
- DA SILVA, V. L. M. A Psiquiatrização do sexo não normativo: BDSM e a 5ª revisão do Manual Diagnóstico e Estatístico de doenças. **Vivência: Revista de Antropologia**, 1, n. 48, p. 25-37, 2016.
- DE MELO, M. L. **A dor no corpo: identidade, gênero e sociabilidade em festas BDSM no Rio de Janeiro**. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2010.
- DE NEEF, N.; COPPENS, V.; HUYS, W.; MORRENS, M. Bondage-discipline, dominance-submission and sadomasochism (BDSM) from an integrative biopsychosocial perspective: A systematic review. **Sexual medicine**, 7, n. 2, p. 129-144, 2019.

FORSYTH, J. P.; RITZERT, T. R. Cultivando a aceitação psicológica. In: HAYES, S.; HOFMANN, S.G. (Ed.). **Terapia Cognitivo-Comportamental Baseada em Processos: Ciência e Competências Clínicas**: Artmed, cap. 24, p. 286-295, 2020.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade II: O uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. São Paulo: Graal, 2005.

GLYDE, T. BDSM: psychotherapy's grey area. **The Lancet Psychiatry**, 2, n. 3, p. 211-213, 2015.

HAYES, S. C.; WILSON, K. G.; GIFFORD, E. V.; FOLLETTE, V. M.; STROSAHL, K. Experiential avoidance and behavioral disorders: A functional dimensional approach to diagnosis and treatment. **Journal of consulting and clinical psychology**, 64, n. 6, p. 1152, 1996.

KINSEY, A. C.; POMEROY, W.; MARTIN, C. **Conducta sexual del Varón**. México: Editorial Interamericana, 1970.

LAQUEUR, T. W. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Tradução WHATELY, V. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LEAHY, R. L.; TIRCH, D.; NAPOLITANO, L. A. **Regulação emocional em psicoterapia: um guia para o terapeuta cognitivo-comportamental**. Artmed Editora, 2013.

LINDEMANN, D. BDSM as therapy? **Sexualities**, 14, n. 2, p. 151-172, 2011.

LINEHAN, M. **Terapia cognitivo-comportamental para transtorno da personalidade borderline**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

LOURO, G. P. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MALOTT, R. W. A behavior-analytic view of sexuality, transsexuality, homosexuality, and heterosexuality. **Behavior and Social Issues**, 6, n. 2, p. 127-140, 1996.

MESSMAN-MOORE, T. L.; WALSH, K. L.; DILILLO, D. Emotion dysregulation and risky sexual behavior in revictimization. **Child abuse & neglect**, 34, n. 12, p. 967-976, 2010.

MOTT, L. Teoria antropológica e sexualidade humana. **Departamento de Antropologia-UFBA [Internet]**, 2006.

NORDLING, N.; SANDNABBA, N. K.; SANTTILA, P. The prevalence and effects of self-reported childhood sexual abuse among sadomasochistically oriented males and females. **Journal of Child Sexual Abuse**, 9, n. 1, p. 53-63, 2000.

OLIVEIRA, J. H. B. D. Neuroticismo: algumas variáveis diferenciais. **Análise Psicológica**, 20, p. 647-655, 2002.

PEREZ, W. F.; NICO, Y. C.; KOVAC, R.; FIDALGO, A. P.; LEONARDI, J. L.. Introdução à Teoria das Molduras Relacionais (Relational Frame Theory): principais conceitos, achados experimentais e possibilidades de aplicação. **Perspectivas em análise do comportamento**, 4, n. 1, p. 32-50, 2013.

ROCHE, B. The development of sexual arousal patterns in humans: Implications arising from the derived transformation of functions. **Behavioral Development Bulletin**, 11, n. 1, p. 47, 2002.

SCHUERWEGEN, A.; HUYS, W.; COPPENS, V.; DE NEEF, N.; HENCKENS, J.; GOETHALS, K.; MORRENS, M. The psychology of kink: a cross-sectional survey study investigating the roles of sensation seeking and coping style in BDSM-related interests. **Archives of sexual behavior**, p. 1-10, 2020.

SENA, T. **Os relatórios Kinsey, Masters & Johnson, Hite: as sexualidades estatísticas em uma perspectiva das ciências humanas**. 2007. 311 f. 2007. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências.

SENA, T. Os relatórios kinsey: práticas sexuais, estatísticas e processos de normalização. **Fazendo Gênero 9-Diásporas, Diversidades, Deslocamentos**, 2010.

STOCKWELL, F. M.; MORAN, D. J. A relational frame theory account of the emergence of sexual fantasy. **Journal of sex & marital therapy**, 40, n. 2, p. 92-104, 2014.

TEN BRINK, S.; COPPENS, V.; HUYS, W.; & MORRENS, M. The psychology of kink: a survey study into the relationships of trauma and attachment style with BDSM interests. **Sexuality Research and Social Policy**, p. 1-12, 2020.

TOTAL POWER EXCHANGE. **Wikipedia**, Londres, 11, maio, 2009 Disponível em: <http://wikipedia.org/index.php?title=Total_power_exchange>. Acesso em: 10 ago. 2020.

VENÂNCIO, N. A. M. Dor no corpo e prazer na alma: a construção do significado e da identidade no bdsm. *In: VII Congresso português de sociologia*, 2012, Universidade do Porto.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. *In: LOURO, G. O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 35-82, 1999.

WEINBERG, M. S.; WILLIAMS, C. J.; MOSER, C. The social constituents of sadomasochism. **Social problems**, 31, n. 4, p. 379-389, 1984.

WEINBERG, T. S. Sadomasochism and the social sciences: A review of the sociological and social psychological literature. **Journal of homosexuality**, 50, n. 2-3, p. 17-40, 2006.

WILLIAMS, D.; PRIOR, E. E.; ALVARADO, T.; THOMAS, J. N.; CHRISTENSEN, M. C. Is bondage and discipline, dominance and submission, and sadomasochism recreational leisure? A descriptive exploratory investigation. **The Journal of Sexual Medicine**, 13, n. 7, p. 1091-1094, 2016.

WISMEIJER, A. A.; VAN ASSEN, M. A. Psychological characteristics of BDSM practitioners. **The journal of sexual medicine**, 10, n. 8, p. 1943-1952, 2013.

ZILLI, B. D. O consentimento no discurso de legitimação do BDSM: sentimentos ou livre-arbítrio. **26ª Reunião Brasileira de Antropologia**. Porto Seguro, 2008.

Capítulo 2

CARA GENTE BRANCA: TEORIA DAS MOLDURAS RELACIONAIS, IDENTIDADE NEGRA E RELACIONAMENTOS INTERRACIAIS

Táhcita Medrado Mizael

Introdução

Relações derivadas

Durante muito tempo, um desafio na análise do comportamento foi responder às críticas de teóricos da linguagem sobre como indivíduos podem emitir frases ou palavras nunca aprendidas diretamente, uma vez que a área se baseava nos princípios da aprendizagem operante e respondente. Esse “mistério” foi desvendado a partir dos estudos de Sidman e de seus colegas, com início na década de 1970 (e.g., SIDMAN, 1971; 1994; SIDMAN; TAILBY, 1982). Esses estudos evidenciaram uma outra forma de aprendizagem, chamada de *relações derivadas de estímulos*, termo utilizado para denotar que tais relações não eram diretamente ensinadas, mas derivadas de um treino.

Resumidamente falando, esse corpo de estudos demonstrou que, por exemplo, ao ensinar a um indivíduo as relações entre a palavra escrita BOLA (estímulo A) e a palavra falada “bola” (estímulo B) e, em seguida, entre a palavra falada “bola” (estímulo B) e a figura de uma bola (estímulo C), o indivíduo aprendia a relacionar a palavra escrita BOLA com a

figura de uma bola (relação AC), e vice-versa (relação CA)¹. Quando esses elementos que foram ensinados (relações AB e BC) passam a se tornar substituíveis em algumas ocasiões (como no exemplo acima), dizemos que eles constituem uma classe de equivalência (e.g., DE ROSE, 1993; SIDMAN, 1994). Desse modo, não é preciso que tenhamos o objeto bola toda vez que quisermos nos referir a ela; podemos simplesmente dizer ou escrever seu nome. Essa é uma grande vantagem da linguagem.

Interessante é que, além de aprendermos mais do que nos foi ensinado, e de tratarmos todos os estímulos de uma classe de equivalência como funcionalmente similares, a formação de uma classe de equivalência pode fazer com que reajamos a um dos estímulos da classe como se ele fosse outro. Imagine que você aprendeu a relacionar uma borboleta à palavra escrita “BUTTERFLY” e esta foi relacionada à palavra falada “butterfly”. Se você tem medo de borboletas, e esses três estímulos constituem uma classe de equivalência em seu repertório verbal, ao ouvir alguém dizendo “butterfly” perto de você, você pode reagir a palavra como se estivesse diante de uma borboleta real, mesmo que a pessoa apenas esteja falando sobre uma. Essa característica tem sido chamada de *transferência de funções* (e.g., DE ROSE, 1993), e possui implicações importantíssimas especialmente na área clínica.

Teoria das Molduras Relacionais

Brevemente falando, a teoria das molduras relacionais (RFT em inglês²) é uma proposta de entendimento da

¹ Outras relações também emergem após um treino deste tipo. Por uma questão de tamanho do texto, tentei explicitar as características principais que permitirão aos leitores entender a análise do vídeo proposto. Para um estudo mais compreensível sobre relações derivadas, ler, por exemplo, Sidman (1994).

² Relational Frame Theory.

linguagem e cognição humanas, sugerida por analistas do comportamento e baseada grandemente na literatura sobre relações derivadas (HAYES; BARNES-HOLMES; ROCHE, 2001; SIDMAN, 1994). Para essa teoria, a base da linguagem e da cognição, ou seja, da capacidade de responder a um estímulo com base nas relações entre outros estímulos é um operante generalizado chamado de *responder relacional arbitrariamente aplicado* (RRAA) (HAYES et al., 2001; TÖRNEKE, 2010).

O RRAA é um tipo de relação derivada, estabelecido por meio de um treino de múltiplos exemplares, onde crianças inicialmente são reforçadas a responderem a relações entre estímulos baseadas em suas características formais (físicas). Desse modo, a utilização de vários exemplares (e.g., cachorro, árvore, bola) aliada ao treino de várias propriedades formais (e.g., tamanho, cor, altura, peso) permite que a criança abstraia dicas contextuais que vão sinalizar o tipo de relação avaliada (coordenação, comparação, hierarquia, oposição, entre outras; e.g., DE ALMEIDA; SILVEIRA; ARÁN, 2017; TÖRNEKE, 2010).

Gradualmente, relações entre estímulos arbitrárias (não baseadas nas características formais – físicas – dos estímulos) também passam a ser apresentadas para a criança. Desse modo, a criança aprende não só a responder a relações como “*quem é maior, o cachorro ou o gato?*”, como também a “*qual vale mais, a moeda de vinte e cinco centavos ou a de cinquenta centavos?*”. Nesse caso, as palavras “maior” e “mais” servem como dicas que sinalizam o tipo de relação estabelecida, e as relações estabelecidas podem evocar respostas do indivíduo (como no exemplo da pessoa que tem medo de borboleta – animal – e a ouvir a palavra “borboleta” ser emitida, se assusta). Emoldurar, então, nada mais é do que relacionar os estímulos a partir dessas dicas (comparação, hierarquia, etc.) e responder a partir das relações estabelecidas

(HAYES *et al.*, 2001; MOREIRA; SILVA; LIMA; ASSAZ; OSHIRO; MEYER, 2017).

Na seção anterior, sobre as relações de equivalência, o tipo de relação estabelecida entre os estímulos é sempre de coordenação: A é o mesmo que B; BOLA é o mesmo que a figura de uma bola. Portanto, um substitui o outro em uma variedade de situações. Uma das contribuições da teoria das molduras relacionais é mostrar que podemos relacionar os estímulos de muitos modos, e não só a partir da coordenação destes (ou equivalência, nos termos de Sidman e seus colegas). Assim, podemos dizer que este carro é *mais rápido* que aquele; que a girafa é *mais alta* que o cavalo; que o pai nasce *antes* que o filho; que a criança é *diferente* do adulto; que escuro é o *oposto* de claro, etc.

Como nas relações de coordenação (ou equivalência) dizemos que acontece *transferência de funções* de estímulo, na RFT dizemos que ocorre *transformação das funções*. Em termos gerais, estímulos podem adquirir novos significados a partir de suas relações com outros estímulos. Por exemplo, um indivíduo que aprendeu que homens são fortes e que mulheres são delicadas, ao aprender que homem é o oposto de mulher, pode aprender também que homens são brutos, e que mulheres são fracas.

A RFT, como mencionado previamente, é uma proposta de entendimento da linguagem e da cognição. Nesse sentido, uma das características mais importantes da linguagem é que ela deve ser coerente, ou seja, deve ser logicamente consistente (TÖRNEKE, 2010). Apesar de a linguagem ser, basicamente, o estabelecimento de relações arbitrárias entre sons, palavras e objetos/seres, quando uma relação é estabelecida, ela não pode ser modificada em qualquer contexto e a despeito das regras formais da língua em questão. Imagine se você decide substituir a palavra “não” por “pafe” durante uma conversa. Quantas pessoas irão te entender? Desse modo, uma vez que a linguagem, ou

melhor, o responder relacional é amplamente reforçado desde a primeira infância, a coerência acaba também sendo reforçada. Como resultado, a coerência se torna um reforçador generalizado para nós que somos verbalmente competentes (TÖRNEKE, 2010).

Self e Teoria das Molduras Relacionais

A experiência do self, em diferentes áreas, está intimamente relacionada ao “Eu”. Para a RFT, a história de vida - incluindo o treino de múltiplos exemplares a que as crianças são expostas no desenvolvimento da linguagem e a influência das verbalizações dos cuidadores sobre o que a criança é ou faz - são importantes para entender as experiências de self (TÖRNEKE, 2010). Embora, no desenvolvimento da linguagem a criança emita muitas frases, como “*Eu quero mamar*”, “*Eu quero boneca*”, “*Eu estou com sono*”, “*Eu estou triste*”, o link entre o próprio comportamento da criança e a palavra “Eu” é permanente, e o uso de “Eu” ou do próprio nome da criança em conjunto com ações e sentimentos é reforçado pela comunidade verbal, desde que tenha coerência. Desse modo, o link entre o uso de “Eu”, o próprio nome da criança ou apelidos desta e ações observáveis, é amplamente reforçado e se expande ao incluir também eventos privados, acessíveis somente a própria criança ou indivíduo (DE ALMEIDA *et al.*, 2017).

Para a RFT, a experiência do self é possível graças a habilidade de tomar perspectiva, ou, em termos não técnicos, se colocar “no lugar” de outra pessoa. Por sua vez, seriam necessárias três molduras relacionais para tomar perspectiva: a moldura interpessoal (relação entre “eu” e qualquer outra pessoa ou ambiente); espacial (a partir da minha perspectiva, estou sempre em um local específico, denominado de “aqui”, e não em outros locais – “ali”); e a moldura temporal (o momento presente em que

um comportamento acontece – o “agora” está em uma relação de temporalidade a qualquer outro momento, seja passado ou futuro – “naquele momento”). Essas três molduras relacionais formariam as chamadas molduras dêiticas, as quais dependem da perspectiva do falante e do ouvinte (DE ALMEIDA *et al.*, 2017). Assim, três relações são vistas como parte da tomada de perspectiva: Eu/você, aqui/aí, e agora/naquele momento, sendo que a RFT identificou três aspectos da nossa experiência de self: *self como contexto*, *self como processo* e *self como conteúdo* (e.g., MOREIRA *et al.*, 2017; TÖRNEKE, 2010).

Um indivíduo sempre responde a partir da perspectiva do Eu/aqui/agora. Se eu consigo pensar sobre a perspectiva de um outro indivíduo, é a partir da minha própria perspectiva. Para a RFT, é a partir dessa perspectiva do Eu/aqui/agora que o self tem origem. É a partir dessa perspectiva que eu aprendo a falar sobre mim, e é a partir dela que eu vou vivenciar tudo o que acontecer comigo. Por ser contínua, essa perspectiva nos dá um senso de continuidade, de modo que, em maior ou menor grau, sentimos que somos a mesma pessoa: “Eu”. Essa experiência de self tem sido descrita como *self como perspectiva* ou *self como contexto* (TÖRNEKE, 2010).

A experiência de *self como processo* é semelhante à concepção de Skinner sobre eventos privados e de como podemos aprender a Tateá-los. Desse modo, essa experiência é composta por nossas sensações corporais, pensamentos e sentimentos, existindo sempre no aqui e no agora. Diferentemente da experiência de *self como contexto*, essa experiência não é tão constante; nem sempre nos sentimos do mesmo jeito ou pensamos a mesma coisa. Além disso, esses sentimentos, sensações corporais e pensamentos nunca são descolados de seus significados, sendo sempre o que estes significam *para mim* (e.g., DE ALMEIDA *et al.*, 2017; TÖRNEKE, 2010).

Por fim, a experiência de *self* como *história*, ou *self* como conteúdo, é a junção do que aprendemos que somos e fazemos (o que nos dizem sobre nós) com nossas próprias descrições do que somos e fazemos, de modo a formar um grande resumo sobre quem somos. Boa parte desse tipo de experiência consiste em molduras de comparação e possuem valoração positiva ou negativa, constituindo um resumo do ‘que é bom e/ou ruim em mim’. Esse tipo de experiência é usualmente evocado quando nos apresentamos para uma pessoa desconhecida (“*Olá, me chamo Ana, sou psicóloga e tenho 32 anos*”, por exemplo). Um detalhe importante é que essa história ou conteúdo deve ser logicamente consistente, uma vez que a coerência é um reforçador generalizado, como mencionado anteriormente (e.g., MOREIRA et al., 2017; TÖRNEKE, 2010).

A falta de consistência costuma ser consequenciada com punição, e a própria pessoa que se comporta de modo inconsistente com essa experiência de *self* pode buscar justificativas para seus próprios comportamentos, de modo que a coerência seja restaurada.

Relacionamentos interraciais no Brasil e nos Estados Unidos

Em primeiro lugar, é importante relatar brevemente sobre o histórico dos Estados Unidos com a escravidão. Assim como no Brasil, indivíduos africanos foram sequestrados e levados para os Estados Unidos para serem escravizados. Entretanto, no Brasil, a “saída” encontrada pelo governo para lidar com uma sociedade majoritariamente negra em um contexto de racismo científico foi a instituição da miscigenação como política de branqueamento da população, 1) facilitando a imigração de europeus com traços valorizados (brancos, com olhos claros, etc.); 2) adotando o mito da democracia racial, onde

o país passava a imagem pública de que todas as raças tinham as mesmas oportunidades e viviam em harmonia; 3) adotando o indivíduo miscigenado como a “cara” da população brasileira, de modo que qualquer discussão sobre raça pudesse ser interpretada como antidemocrática, e 4) eliminando a população afrodescendente (mais adequadamente chamado de genocídio da população negra) (NASCIMENTO, 2016).

Nos Estados Unidos, diferentemente do Brasil, leis de segregação foram oficializadas no país, de modo que os indivíduos negros foram obrigados a morar em bairros segregados, e que mesmo que houvesse interação com pessoas brancas, os negros utilizavam banheiros, bebedouros e outros locais separados dos brancos (e.g., COLLINS, 2000; DAVIS, 2016; FRANKLIN, 1956).

Isso forjou uma aliança necessária entre a população negra que era (e ainda é) discriminada, chamadas às vezes de solidariedade racial (COLLINS, 2000). Entre outras coisas, isso facilitou a percepção de que, enquanto grupo (e mesmo após o fim das políticas de segregação oficializadas), indivíduos negros, independentemente da classe social, gênero, orientação sexual e outras características, eram considerados inferiores e discriminados por sua ascendência africana.

Desse modo, é comum que indivíduos negros nos Estados Unidos aprendam sobre a história de escravidão, as chamadas leis Jim Crow (de segregação racial) e os legados de um histórico de escravidão para seu povo (o que – infelizmente – raramente acontece no Brasil). Assim, casamentos e relacionamentos intrarraciais são comuns e fortemente encorajados (e.g., COLLINS, 2000), tanto para indivíduos negros como brancos, e relacionamentos interracializados podem ser vistos, especialmente quando

envolvem uma pessoa negra e uma branca, como falta de solidariedade negra e negação de suas origens³.

Vídeo Analisado

Tipo de Material	Série
Título Original	<i>Dear White People</i>
Nome Traduzido	Cara Gente Branca
Gênero	Drama/Sátira
Ano	2017
Local de lançamento e Idioma original	Estados Unidos/Inglês
Duração	30min (cada episódio)
Direção	Justin Simien

A série *Dear White People* retrata o cotidiano de um grupo de estudantes universitários negros dos Estados Unidos que tem que lidar com o racismo, priorizando os seus pontos de vista acerca da temática de relações raciais. Cada episódio é focado em um dos sete personagens principais (Samantha - Sam, Joelle, Reggie, Troy, Lionel, Colandrea - “Coco”, e Gabe), sendo todos negros, exceto Gabe, que é branco. Todos os personagens vão sendo desenvolvidos ao longo da série. Boa parte dos episódios ocorre na residência estudantil Armstrong-Parker, onde a maioria dos estudantes negros reside. Por conta do objetivo do capítulo, irei me focar em alguns poucos detalhes dos personagens, descrevendo com mais detalhe Sam e Gabe, que formam o casal interracial foco de análise.

Samantha e Gabe são estudantes de cinema (*media studies*). Samantha é negra, mas possui pele clara e olhos claros, sendo filha de um pai branco e de uma mãe negra.

³ Além disso, o casamento de pessoas de raças distintas também era considerado crime em diversos estados dos Estados Unidos até 1967.

Ela apresenta um programa de rádio chamado “Cara gente branca”, onde expõe principalmente os comportamentos racistas emitidos por seus colegas brancos e o racismo institucional da Universidade.

Joelle é uma amiga próxima de Sam, de pele negra retinta. Ela é apaixonada por Reggie. Reggie é também negro retinto, possui habilidades acadêmicas excelentes e é apaixonado por Sam. Coco é uma mulher negra retinta que já foi amiga de Sam. Gabe é um homem branco que começa a se relacionar com Sam.

Análise Crítica

A análise a seguir foi feita com base na primeira temporada da série. Nas duas temporadas seguintes outros desdobramentos ocorrem, porém, o uso da série foi estratégico no sentido de permitir que a audiência brasileira com interesse na análise do comportamento como ferramenta de análise tenha a oportunidade de: 1) entender um pouco o contexto racial nos Estados Unidos e diferenças presentes na realidade brasileira; 2) visualizar brevemente o papel das relações derivadas no estabelecimento de relações e funções diversas a população negra e branca, e 3) fomentar um debate não sobre a legitimidade dos relacionamentos inter-raciais, mas sobre como isso pode influenciar a identidade negra de uma pessoa (mulher, especialmente).

No primeiro episódio, Gabe marca Sam em uma publicação, colocando uma foto dela e publicizando que eles estão juntos (“*odeio quando meu amor vai embora*”⁴). No momento em que a foto é postada, Sam está na residência estudantil Armstrong-Parker conversando com outros amigos e colegas negros. Neste momento, uma

⁴ No original, *hate when bae leaves*.

pessoa diz “A senhora *black power* namora brancos”, e Sam é também julgada por vários de seus pares negros com olhares.

Joelle diz para Sam que ela escondeu que tinha um namorado secreto (e branco). Sam responde dizendo que é *birracial*, então *tecnicamente* (não termina a frase). Joelle rebate dizendo que Sam é vista como negra. Joelle também comenta que Sam disse em algum momento que elas (mulheres negras) “*não podem desistir dos seus homens (negros)*”, e que elas se conheceram por um post escrito por Sam intitulado “*Não se apaixone pelo seu opressor: Um guia de amor para negras em Winchester*”. Joelle diz que têm homens afim de Sam, como o Reggie, e que Sam o dispensou para ficar com um homem branco. Sam diz que gosta de estar com Gabe.

Nesse episódio podemos observar que há uma **relação de coordenação** estabelecida entre ser negro e se relacionar com outras pessoas negras, e que, aparentemente, há também uma **relação de oposição** entre pessoas negras e brancas, uma vez que os colegas negros de Sam a julgam por ela estar se relacionando com um homem branco e que a própria Sam coordena a palavra “opressor” com “pessoa branca” (ou “homem branco”) (HAYES *et al.*, 2001).

Podemos perceber também que o julgamento de seus colegas negros (em especial Joelle) ao saberem que Sam, uma das maiores vozes contra o racismo na Universidade de Winchester, está se relacionando com um homem branco, é resultado da **falta de coerência** entre o discurso de Sam em torno da necessidade de ter relacionamentos intrarraciais (pelo menos com relação à população negra), e seu comportamento de sair com um homem branco (TÖRNEKE, 2010). Essa falta de coerência também é percebida por Sam, que tenta diminuí-la ao dizer que é birracial (se sou birracial, faço parte tanto do grupo branco

quanto do grupo negro e, portanto, posso me relacionar com pessoas brancas e negras sem que isso possa ser visto como uma incoerência).

No quarto episódio - que mostra parte da história de Sam com Colandrea -, ao ser perguntada sobre o seu tipo de homens em um grupo composto por mulheres brancas e negras, Sam fala: “*Eu gosto dos meus homens do mesmo jeito que do meu café. Encorpado, e preferencialmente com origens quenianas*”. Em outro momento, Sam diz: “*Há aspectos da minha experiência que, por mais que tente, um rapaz branco não entenderia nunca*”. Aqui podemos ver que na história de vida de Sam (ao menos nesse episódio), ela parece se identificar como negra (ao contrapor que um homem branco não entenderia aspectos de sua vida), além de possuir preferência afetivo-sexual por homens negros (afro-americanos).

Assim, podemos perceber que verbalizar “*Sou birracial*” no episódio 1 foi uma maneira de fugir das consequências aversivas de ser percebida como não-coerente, mesmo que ser birracial (biologicamente falando) seja um fato. Além disso, é ressaltada a **relação de coordenação** entre ser uma pessoa negra e se relacionar com outra pessoa negra, e a **relação de oposição** entre um indivíduo branco e outro negro (e.g., HAYES et al., 2001; TÖRNEKE, 2010).

No quinto episódio, em algum momento, quatro amigos de Sam conversam sobre o fato de ela estar namorando Gabe. Durante essa conversa, Joelle diz: “*Eu não sei se eu deixaria um branco colonizar meu corpo e nunca pensei que Sam deixaria*”, evidenciando como há uma **relação de oposição** entre brancos e negros, e que, além disso, as funções atribuídas (de forma direta ou verbal) aos brancos seriam negativas. O uso da palavra *colonizar* mostra que, para Joelle, o relacionamento com uma pessoa de outra raça (no caso, a branca) seria o equivalente à

invasão e controle do corpo negro por um homem branco. Aqui, portanto, há uma **relação de hierarquia** na visão de Joelle, onde o indivíduo branco domina um corpo negro, estando acima deste, e este corpo negro é inferiorizado pelo indivíduo branco. Ademais, o uso da palavra colonizar relacionado ao homem branco permite a **transformação das funções** atribuídas a este, modificando o seu significado e tornando-o negativo (DE ALMEIDA *et al.*, 2017; HAYES *et al.*, 2001; TÖRNEKE, 2010).

No sétimo episódio, Gabe começa a desconfiar que Sam e Reggie podem ter algo, ou seja, que Sam pode estar o traindo com Reggie. Reggie confessa que gosta de Sam no episódio anterior. Gabe diz “*eu te amo*” para Sam em um jantar com os amigos dele, e Sam diz “*eu te amo*” de volta. Sam descobre que Gabe chamou a polícia no dia de uma festa na qual uma briga entre Reggie e um rapaz branco foi consequenciada pela presença de um policial que apontou sua arma para Reggie.

Aqui, podemos ver que Gabe não disse a Sam que chamou a polícia, pois a consequência de ter feito isso foi não só o fim da briga, como o policial perguntar se Reggie era aluno na Universidade (pergunta que não foi feita para o rapaz branco com quem Reggie discutiu, nem para qualquer outra pessoa da festa), e apontar sua arma para Reggie, levando a um evento traumático para todos⁵.

Aqui podemos ver como a perspectiva de cada um dos atores, no caso Sam e Gabe, é diferente, e como Gabe não teve a capacidade de tomar a perspectiva de Sam (ou outra pessoa negra) antes de decidir se ligaria ou não para a

⁵ Para Reggie, pela experiência pessoal; para as demais pessoas negras, pelo estabelecimento da relação “presença de um policial” e “possível assassinato de uma pessoa negra”; e talvez para as demais pessoas brancas, em geral menos acostumadas com a truculência da polícia para com grupos subalternizados.

polícia. Gabe, representando as pessoas brancas como grupo, aprendeu possivelmente em sua história de vida que policiais servem para colocar ordem nos espaços, auxiliando na segurança destes mesmos espaços. Nesse sentido, ver um policial evoca sentimentos de segurança.

Por outro lado, para Sam e para as pessoas negras enquanto grupo, a presença de um policial (assim como tudo relacionado a ele – viatura, uniforme, etc.) é costumeiramente seguida pela abordagem policial (pedir para a pessoa parar, levantar os braços e separar as pernas e permitir que o policial o reviste, entre outros procedimentos), muitas vezes realizada de modo violento. Assim, chamar a polícia para separar uma briga entre um homem negro e outro branco pode ser vista, para os negros enquanto grupo, como uma forma de punir o indivíduo negro e não de resolver a briga, restaurando a ordem local. Desse modo, ver um policial evoca, frequentemente, medo e ansiedade. Gabe agiu com base na sua perspectiva da função de chamar um policial em uma situação de briga, mas, ao ver o resultado (o policial apontar sua arma para Reggie), se esquivou de uma possível consequência aversiva ao não dizer para Sam que chamou a polícia (VANDENBERGUE, 2002).

Quando Sam descobre que Gabe chamou a polícia, para de falar com ele. Aqui, podemos ver como as funções aversivas atribuídas a polícia se transferem para Gabe a partir do momento que ela descobre que foi ele quem chamou a polícia.

Após algum tempo, Gabe volta a procura-la. Nesse ínterim, Sam transa com Reggie, traindo Gabe, e Gabe descobre isso ao perguntar (como ele já estava desconfiado) para Sam porque ela transou com o Reggie. Ela responde que precisava ter certeza do que ela queria, indiretamente admitindo que o traiu. Sam diz que o ama

novamente, e que quer uma relação. Ao perguntar se Gabe também quer, ele responde que não sabe e vai embora.

Muitas interpretações são possíveis para a emissão da frase “*Eu precisava ter certeza do que eu queria*”, mas é possível argumentar que o que queremos tem a ver com quem somos. Levando em consideração que a coerência é um reforçador generalizado, ou seja, que a maneira pela qual eu ajo tem relação íntima com a minha noção de self, podemos pensar que essa frase tem a ver com perturbações no senso de self de Sam.

Levando em conta a temática principal da série (questões raciais), a experiência de **self como conteúdo** de Sam poderia ser descrita como “uma mulher ativista negra, estudante de cinema, que apresenta um programa na rádio em sua Universidade, que evidencia o racismo dentro e fora dos muros dessa”. Com a influência das respostas de seus colegas sobre o fato dela estar namorando um homem branco, além de suas próprias vivências e aprendizagem sobre o significado disso (que seria algo negativo), pode-se pensar que o senso de self como conteúdo de Sam sofreu uma mudança com esse relacionamento, passando a ser um ponto negativo de sua história (talvez descrito como “Eu sou negra e luto contra o racismo, MAS eu namoro um homem branco”). Ou ainda, que ela tenha tido a impressão de que “não estava sendo ela mesma” ao namorar Gabe, uma vez que esse ponto parece ser uma incoerência na história de Sam.

Dessa forma, ficar com Reggie tornaria suas ações finalmente coerentes com sua história de vida. Entretanto, após ficar com Reggie, Sam percebe, a partir de sua experiência de **self como processo**, onde Sam analisa suas próprias percepções, sensações corporais e sentimentos, que em alguns momentos suas interações com Gabe são reforçadoras, tanto no momento em que está com ele, como quando diz para Joelle que gosta de estar com ele,

mas é possível que, em outros momentos, perceba consequências negativas desse tipo de interação, como os olhares e julgamentos de seus colegas negros (DE ALMEIDA *et al.*, 2017; TÖRNEKE, 2010).

Apesar de ser uma extrapolação, podemos pensar que a decisão de querer um relacionamento com Gabe após ficar com Reggie não está somente relacionada a percepção de que ela não só se sente diferente com cada um (Sam diz que ama Gabe e em nenhum momento disse amar Reggie), uma vez que isso estaria relacionado a apenas uma das experiências de self (**self como processo**), mas que Sam também precisa criar novas relações e/ou transformar algumas funções de estímulo para que sua experiência de **self como conteúdo** seja vista como coerente e ela volte a se sentir como “ela mesma” (MOREIRA *et al.*, 2017; TÖRNEKE, 2010).

Portanto, ser uma pessoa negra com um histórico de ativismo negro e fomento a relações intrarraciais e se apaixonar por uma pessoa branca pode levar a uma crise de identidade, ou em outras palavras, a experiências de perturbação da nossa noção de self, sendo necessário o estabelecimento de novas relações ou a transformação de funções para que haja a percepção de coerência entre o que um indivíduo faz e aprendeu e o que ele diz (e explicações quando não há essa coerência) (TÖRNEKE, 2010).

Por sua vez, o letramento racial, ou seja, a aprendizagem sobre relações raciais nesse contexto dos Estados Unidos - e dentro da minha interpretação da série - pode levar a formação de molduras de oposição entre negros e brancos, com o próprio grupo sendo considerado positivo e o outro negativo, e essas características podem evocar respostas de medo, afastamento e esquivas do grupo considerado ruim, e

aproximação, admiração e tranquilidade diante de membros do próprio grupo⁶ (DE ROSE, 2016).

Considerações Finais

De maneira geral essa série traz muitas contribuições às discussões sobre questões raciais por discutir temas como colorismo, sexismo, relacionamentos intra e interracialis e racismo, em suas diversas formas. Neste trabalho, tentou-se apontar algumas relações que podem ser feitas entre a área das relações derivadas, de maneira geral, molduras de coordenação, oposição, hierarquia e dêiticas, a visão da RFT sobre o self e relacionamentos interracialis.

Muitos desdobramentos poderiam ser realizados com o conteúdo da série e a temática pretendida aqui, mas o ponto foi mostrar como a RFT ou as relações derivadas de maneira geral podem ser aplicadas no dia-a-dia para entender posicionamentos, impressões, conflitos e reações que temos diante de estímulos variados, como pessoas, objetos e até conceitos bastante abstratos, como a identidade, elaborada aqui a partir da noção de self proposta pela RFT.

Algumas limitações deste trabalho, que podem ser realizadas em propostas futuras, são a discussão de todas as três temporadas da série, articular o debate sobre relacionamentos interracialis a discussões brasileiras sobre a preferência de homens negros por mulheres brancas e/ou ao fenômeno descrito como “solidão da mulher negra”, e articular nossas preferências afetivo-sexuais com a

⁶ Essa é uma análise genérica e desconsidera outros n aspectos que podem transformar as funções dos estímulos, como gênero, classe, nacionalidade, entre outros. Para dar conta dessas interrelações, seria necessário um capítulo só sobre este assunto.

influência da mídia, especialmente no Brasil, onde apesar de sermos um país de maioria negra, a mídia televisiva passa a imagem de que o país é branco.

Referências

COLLINS, P. H. **Pensamento feminista negro**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DE ALMEIDA, J. H.; SILVEIRA, C. C.; ARÁN, J. F. Tomada de perspectiva como responder relacional derivado: Experimentos com indivíduos com desenvolvimento típico e atípico. *In: VILAS BOAS, D. L. O. et al. (Orgs.). Comportamento em foco volume 6: Processos clínicos e de saúde*. São Paulo: Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental, 2017, p. 103-117.

DE ROSE, J. C. C. Classes de estímulos: Implicações para uma análise comportamental da cognição. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, vol. 9, n. 2, p. 283-303, 1993.

DE ROSE, J. C. C. A Importância dos respondentes e das relações simbólicas para uma análise comportamental da cultura. **Acta Comportamental**, vol. 24, n. 2, p. 201-220, 2016.

FRANKLIN, J. H. History of racial segregation in the United States. **The Annals of the American Academy of Political and Social Sciences**, vol. 304, n. 1, p. 1-9, mar, 1956.

HAYES, S. C.; BARNES-HOLMES, D.; ROCHE, B. **Relational Frame Theory: A post-skinnerian account of human language and cognition**. 1. ed. Nova Iorque: Kluwer Academic Publishers, 2001.

MOREIRA, F. R.; SILVA, E. F. da; LIMA, G. de O.; ASSAZ, D. A.; OSHIRO, C. K. B.; MEYER, S. B. Comparação entre os conceitos de self na FAP, na ACT e na obra de Skinner.

Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, vol. 19, n. 3, p. 220-237, dez, 2017.

NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro: Processo de um racismo mascarado**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978.

SIDMAN, M. Reading and auditory-visual equivalences. **Journal of Speech and Hearing Research**, vol. 14, n. 1, p. 5-13, mar, 1971.

SIDMAN, M.; TAILBY, W. Conditional discrimination vs. matching to sample: An expansion of the testing paradigm. **Journal of the Experimental Analysis of Human Behavior**, vol. 37, n. 1, p. 5-22, jan, 1982.

SIDMAN, M. **Equivalence relations and behavior: A research history**. 1. ed. Boston: Editors Corporative Inc., 1994.

TÖRNEKE, N. **Learning RFT: An introduction to Relational Frame Theory and its clinical application**. 1. ed. Oakland: New Harbinger Publications, Inc., 2010.

VANDENBERGUE, L. A prática e as implicações da análise funcional. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, vol. 4, n. 1, p. 35-45, jun, 2002.

Capítulo 3

SAN JUNIPERO: O CONTROLE SOCIAL DO COMPORTAMENTO SEXUAL EM BLACK MIRROR

Caroline Prestes Villa
Renan Kois Guimarães
Camila Muchon de Melo

Introdução

A ideia de *controle do comportamento* suscitou diversas críticas à Análise do Comportamento, pois tradicionalmente se entende o controle de uma perspectiva pejorativa, ligado principalmente às relações exploratórias (CARRARA, 1992). Contudo, a Análise do Comportamento compreende essa questão com um olhar diferente. Buscando amparo no Comportamentalismo Radical, Skinner (1953, 1957, 1974) defendeu que se, por um lado, todo comportamento é controlado, por outro lado, o comportamento também controla o mundo. O controle é entendido então como inerente às relações dos seres vivos com o mundo.

Essa relação de controle é expandida na medida em que outros organismos participam da mesma. Nesse caso, o comportamento é tratado como *comportamento social* e é entendido como o comportamento de pelo menos duas pessoas, uma em relação à outra, ou conjuntamente em relação ao ambiente (SKINNER, 1953). Nesse contexto, o *controle social* do comportamento pode ser dividido em três níveis: o controle de pessoas por pessoas; o controle pelo grupo; e o controle por agências controladoras. No caso do controle interpessoal, uma pessoa comporta-se de

maneira que altera o comportamento da outra; já no controle pelo grupo, uma ou mais pessoas controlam o comportamento de um terceiro, tendo mais força do que o controle interpessoal; por fim, quando as agências controladoras estão envolvidas, uma vez que elas têm um alto nível de organização e manipulam variáveis mais complexas, o controle é ainda mais eficiente (SÁ, 1983; SKINNER, 1953).

Uma vez que essas formas de controle se estabelecem e são passadas de uma geração para outra, esse controle pode se tornar uma prática cultural. Como prática, esse controle pode ser exercido no nível interpessoal, no grupo ou por agências, e cada um desses tipos de controle terá graus diferentes de eficiência. Se esse for exercido por agências controladoras já estabelecidas e bem organizadas, ele pode ser visto na forma de regras bem estabelecidas (e.g., leis ou dogmas); já o controle do grupo pode ser visto por meio de máximas, provérbios ou ditados populares.

Um tipo de comportamento específico que possui suas particularidades em relação ao controle social é o comportamento sexual. Ao investigar a noção de sexualidade em B. F. Skinner, Villa (2021, não publicado) defende a possibilidade de definir tal conceito em termos comportamentais. Sendo assim, o comportamento sexual é entendido como um comportamento complexo que se tornou importante primeiramente na história da espécie, sendo modificado pelas histórias ontogenética e cultural. Assim como qualquer outro comportamento, o comportamento sexual é definido pela sua função, ou seja, por suas consequências.

Dessa maneira, uma ação sexual pode ser assim denominada quando sua emissão produzir como consequência o contato sexual como reforçador primário, reforçadores condicionados a ele, ou o afeto como um

reforçador generalizado especialmente ligado ao contato sexual. Além disso, é importante compreender também possíveis situações antecedentes a uma ação sexual, que podem ser desde a presença de um indivíduo considerado atraente, até imagens, conversas etc.; e também as operações motivacionais envolvidas, como o nível de privação ou saciação sexual do indivíduo, que podem alterar o valor reforçador da estimulação sexual, alterando assim a probabilidade de emissão de uma ação sexual (VILLA, 2021, não publicado).

Outro fator importante para a compreensão da sexualidade em termos comportamentais é o próprio controle social do comportamento sexual. Conforme afirma Skinner (1953, p. 422), o comportamento sexual depende também “do controle ético das relações sexuais, de restrições governamentais e religiosas, da educação sexual e assim por diante”.

Ainda para esse autor, a emissão de comportamentos que produzam reforçamento por contato sexual é altamente provável, contudo, esse tipo de comportamento também tem grande probabilidade de ser punido socialmente (SKINNER, 1953).

Isso provavelmente tem relação com o forte controle exercido pelas agências religiosas, principalmente as de tradição judaico-cristã, que estabelecem diversas formas de comportamento sexual como pecaminosas, sendo que algumas religiões toleram sua emissão mesmo no casamento apenas para fins de procriação (BARRETO, 2020; SKINNER, 1953; WEEKS, 2000).

Considerando que as agências de controle são mais organizadas e operam com mais sucesso do que grupos não organizados em suas práticas controladoras, a punição do comportamento sexual exercida pelas agências religiosas acaba sendo também exercida por outras agências, como governamentais e educacionais, e por grupos que passam

a considerar algumas formas de comportamento sexual como ruins ou erradas.

Esse tipo de controle social baseado em técnicas aversivas é ainda mais evidente quando relacionado à orientação sexual. Por ser um tema de interesse para diversas áreas do conhecimento, como as ciências biológicas e sociais, o estudo da orientação sexual acaba se tornando difícil e muitas vezes controverso (MENEZES, 2005; MENEZES; CARVALHO NETO, 2015).

Alguns autores que buscaram estudar esse fenômeno de uma perspectiva comportamental definem a orientação sexual como um “padrão de comportamento, que é complexo e que se fortalece, se mantém ou se enfraquece devido à influência de múltiplas variáveis ao longo da vida dos indivíduos” (BARRETO, 2020, pp. 39-40).

Pode-se considerar, assim, que essa definição corresponde à definição de comportamento sexual estabelecida por Villa (2021, não publicado), sendo que nesse caso também é especificada a fonte de reforçamento sexual (i.e., pessoas do mesmo sexo, pessoas do sexo oposto ou pessoas de ambos os sexos).

De acordo com Mallot (1996), uma possível visão analítico-comportamental da orientação sexual é de que todas as pessoas nascem suscetíveis a diferentes fontes de estimulação sexual, ou seja, bissexuais ou multissexuais, e é a partir de controle aversivo que essas fontes são restringidas. Tal controle é realizado tanto por meio de punição física, quanto por punições condicionadas, como sanções sociais, religiosas e legais (MALLOT, 1996; SKINNER, 1953).

Menezes e Brito (2007, p. 135), ao discorrerem sobre a homossexualidade, também consideraram que o sexo possui outras funções para além da reprodução e que assim “o organismo pode ter evoluído no sentido de ser suscetível a uma ampla variedade de estimulações sexuais”, sendo o

comportamento homossexual uma das variedades possíveis. Nesse sentido, as autoras apontam que a exclusividade, ou seja, ser somente heterossexual ou homossexual seria um produto cultural. Por meio de regras sociais de imposição da exclusividade, os indivíduos adotam publicamente práticas sexuais que se direcionam a apenas um sexo (MENEZES, 2005; MENEZES; BRITO, 2007).

Considera-se assim que o comportamento sexual em geral e o comportamento denominado de “orientação sexual” só podem ser compreendidos a partir de uma perspectiva interacionista (MENEZES, 2005). Tal perspectiva entende que a orientação sexual não seria biologicamente ou socialmente determinada, mas que há uma interação entre tais aspectos que torna mais ou menos provável que o indivíduo se comporte de uma ou outra maneira. Tomando como foco neste trabalho o controle social do comportamento, entende-se que a expressão da sexualidade não condizente com o padrão heterossexual acaba sendo alvo de punição social, haja vista as normas sociais estabelecidas por diferentes grupos e as normas religiosas e legais que consideram ruins ou errados comportamentos sexuais que não visem a procriação.

Em contrapartida a essas normas que foram por muito tempo sustentadas até mesmo no âmbito da área da saúde (quando se considerava, por exemplo, a homossexualidade como uma patologia), surgem movimentos sociais que foram se tornando cada vez mais organizados e responsáveis pela conquista de diversos direitos para as chamadas minorias sexuais (RIBEIRO, 2009).

Essas conquistas podem ser observadas em alguns marcos, como a Associação Americana de Psiquiatria deixar de considerar a homossexualidade como doença em 1973 e a Organização Mundial de Saúde fazer o mesmo em 1991 (BARRETO, 2020; RIBEIRO, 2009). Contudo, mesmo com algumas conquistas importantes no âmbito legal e da saúde

que aumentaram a visibilidade da população não heterossexual em diversos países do mundo, a luta pelos direitos sexuais ainda continua.

O controle aversivo exercido por agências de controle poderosas como as religiões de tradição judaico-cristã ainda é notável e abre espaço para diversas formas de preconceito e discriminação contra as minorias sexuais, como pessoas de orientação homossexual e bissexual, que serão o foco desta análise.

Vídeo Analisado

Tipo de Material	Série
Título Original	<i>Black Mirror</i> (Temporada 03, episódio 04: <i>San Junipero</i>)
Nome Traduzido	<i>Black Mirror - San Junipero</i>
Gênero	Drama/Ficção científica
Ano	2016
Local de lançamento e Idioma original	Reino Unido, Inglês
Duração	1h01min (episódio)
Direção	Owen Harris

A série *Black Mirror* é composta por diversos episódios independentes de ficção científica, que abordam em comum as consequências de um mundo dominado pela tecnologia.

O episódio *San Junipero* retrata uma cidade de mesmo nome criada em realidade virtual. Seus habitantes são tanto pessoas idosas em seus últimos anos de vida que visitam a cidade virtual por um tempo limitado por semana, quanto pessoas que já faleceram e optaram, em vida, por permanecer em *San Junipero* por tempo indeterminado. Todos os habitantes aparentam ser pessoas jovens, e podem visitar diferentes épocas do passado.

O episódio conta a história do relacionamento entre duas mulheres que se conhecem nessa cidade virtual. Kelly mora em um asilo e tem apenas três meses de vida. Ela foi casada durante 49 anos com um homem, com o qual teve uma filha que faleceu aos 39 anos de idade. Seu marido também faleceu há alguns anos e optou por não conhecer ou permanecer em *San Junipero* porque sua filha não teve a mesma oportunidade. Já Kelly opta por conhecer a cidade virtual e a frequenta com o propósito de ter novas experiências, mas não pretende permanecer após sua morte.

A outra personagem principal, Yorkie, é uma mulher que ficou tetraplégica aos 21 anos e está prestes a passar por uma eutanásia. Ela sofreu um acidente de carro logo após assumir para os seus pais conservadores e religiosos que era lésbica e desde então viveu no hospital. O sistema de *San Junipero* para ela é como uma nova chance de viver e, após a eutanásia, ela pretende permanecer na cidade virtual.

O episódio tem como foco o relacionamento das duas e os conflitos que o perpassam, tendo em vista as diferentes histórias de vida de cada uma fora do mundo virtual.

Análise Crítica

San Junipero pode ser considerado um episódio marcante para as lutas sociais relacionadas principalmente à pauta da orientação sexual. Ao juntar o foco tecnológico e futurista da série com uma trama que envolve o relacionamento entre duas mulheres e os conflitos sociais que perpassam essa relação, o episódio incita diversas reflexões a respeito das regras estabelecidas em nossa sociedade e se algum dia elas serão diferentes.

Ao analisarmos a história de Kelly, uma das personagens principais, o papel das contingências sociais durante o tempo de vida dela e como essas contingências mudam quando ela habita a cidade virtual de *San Junipero* fica evidente.

Kelly foi casada com um homem durante 49 anos e, quando o marido faleceu e optou por não conhecer ou permanecer em *San Junipero*, ela decidiu que iria viver uma vida diferente na cidade virtual. No início do episódio, quando ela e Yorkie se conhecem, Kelly está dispensando um rapaz com o qual aparentemente já tinha se relacionado antes, dizendo para ele procurar outras garotas.

Uma situação parecida acontece com a própria Yorkie, já que após elas terem uma relação sexual pela primeira vez, Kelly procura fugir de encontrá-la novamente. Esse tipo de relação que Kelly procura estabelecer com as pessoas em *San Junipero* é diferente da relação estável que ela teve com o marido durante muitos anos de sua vida, e ela justifica isso ao afirmar para Yorkie que não queria gostar de ninguém na cidade virtual, pois não sabia quanto tempo ainda teria de vida e não pretendia continuar vivendo lá.

A própria relação entre Kelly e Yorkie é retratada pelo episódio como sendo algo novo e diferente para a primeira personagem. O diálogo a seguir acontece logo após a primeira relação sexual entre as duas:

Yorkie: Quando descobriu? Que gostava de mulheres?

Kelly: Também gosto de homens. Direitos iguais!

Yorkie: Beleza... mas quando descobriu? Você sempre soube?

Kelly: Eu fui casada com um homem. Fui casada por um bom tempo. Eu sempre soube. Quer dizer, sentia atração por outras garotas, colegas de trabalho, amigas, uma garçonete que me servia... Tinha uma quedinha por elas. Mas nunca parti para a ação. Nunca fiz nada. Estava apaixonada por ele. Estava muito

apaixonada por ele. Mas ele resolveu partir. Agora sou só eu e estou vivendo. E, antes que vá embora, vou me divertir. Só quero me divertir.

Ao afirmar que gosta de homens e de mulheres, Kelly está indiretamente afirmando ser bissexual, contudo, essa bissexualidade não foi expressada publicamente durante o tempo de sua vida no mundo real. O fato de a personagem perceber que “tinha uma quedinha” por diferentes mulheres ao longo de sua vida, mas não ter “partido para a ação” pode indicar diversos tipos de controle social dessas relações. O próprio casamento é considerado uma prática cultural instituída pela tradição judaico-cristã com a ideia de se ter um único parceiro sexual, e um parceiro do sexo oposto para que se concretize a procriação (BARRETO, 2020; SKINNER, 1953).

Além disso, considerando que a juventude de Kelly se passa na década de 1980, uma época em que uma nova forma de discriminação contra pessoas homossexuais foi intensificada pela epidemia do HIV/AIDS (RIBEIRO, 2009), a exposição a uma relação homossexual poderia ser ainda mais punida pela sociedade em geral. Assim, a escolha por se casar com um homem e não se expor a relacionamentos homossexuais evitou diversas formas de preconceito e discriminação que a personagem poderia ter sofrido.

Além do forte controle exercido pela agência religiosa por meio da instituição do casamento e do controle ético que se estabeleceu na época, o fato de Kelly não ter se relacionado com outras mulheres ao longo da vida também parece estar sob controle pessoal do próprio marido. Segundo Skinner (1953, 1971), uma pessoa pode utilizar reforçadores sexuais no controle pessoal, e esse tipo de controle provavelmente estava presente na relação de Kelly com o marido. Como a personagem afirmou, ela estava apaixonada por ele, o que dá indícios de que a

relação produzia fortes reforçadores. Além disso, outras regras sociais - como a exclusividade de se ter apenas um parceiro - provavelmente também influenciaram os comportamentos sexuais de Kelly.

Por que então Kelly agiu de maneira tão diferente em *San Junipero*? Algumas hipóteses podem ser levantadas. A primeira delas é o próprio contexto virtual a que Kelly estava exposta. Ao longo do episódio, observa-se que muitos habitantes da cidade virtual se comportavam de maneira a fugir de diversas regras sociais. Uma das boates da cidade, o *Quagmire*, é representada como um local onde as pessoas se relacionam sexualmente em público e se expõem a práticas sadistas e masoquistas. Isso e o fato de Kelly também se comportar de maneira mais livre das normas de conduta impostas pela sociedade pode indicar que nesse contexto virtual o controle social, principalmente de agências religiosas e governamentais, acaba sendo mais fraco e alguns indivíduos agem mais sob controle das contingências vigentes do que de regras.

Outra hipótese possível são as próprias mudanças sociais observadas entre a década de 1980 e o momento que as personagens vivem. Mesmo que os indivíduos habitantes de *San Junipero* aparentassem ser jovens vivendo nos anos de 1980, todos eram pessoas falecidas ou idosas e já tinham vivido o período das lutas sociais e conquistas de direitos, algumas delas apontadas por Ribeiro (2009). Assim, Kelly poderia estar agindo sob controle dessas diversas mudanças de práticas culturais em que as minorias sexuais conquistaram direitos e possivelmente ocorreu uma diminuição do preconceito.

A série não explicita qual o ano em que Kelly vive no mundo real, mas aparenta ser um tempo mais futuro, o que permite ao expectador refletir se mais direitos das minorias sexuais serão conquistados.

A questão das mudanças sociais ocorridas nesse período se relaciona também com a história de Yorkie, mas com outras particularidades.

Por ter sofrido um acidente e ficado tetraplégica aos 21 anos de idade, Yorkie viveu toda a vida sem ter contato com essas contingências sociais e, talvez por esse motivo, percebe-se que a personagem age sob controle de diversas regras sociais da época em que era jovem quando passa a frequentar *San Junipero*.

Isso pode ser observado logo no início do episódio, quando Yorkie e Kelly se conhecem, começam a dançar juntas na pista de dança da boate em que estão, Yorkie se incomoda e deixa a pista. O diálogo a seguir se dá quando Kelly vai atrás de Yorkie para saber por que ela foi embora:

Kelly: Por que você foi embora?

Yorkie: Desculpa. Eu disse que não sou muito de dançar.

Kelly: Deu pra ver. Parecia um cavalo assustado num lago congelado. Estou brincando. Mais ou menos... Desculpa por ter insistido. Só tem um sábado por semana, então eu fico impaciente.

Yorkie: Não, não, não é isso. Todo mundo estava olhando.

Kelly: Olhando?

Yorkie: É. Você sabe, duas garotas dançando...

Kelly: Primeiro, as pessoas não são quadradas como antigamente, e segundo, essa cidade é baladeira, ninguém julga ninguém.

Essa situação aconteceu no primeiro dia em que Yorkie estava visitando a cidade virtual e pode-se observar que ela ficou incomodada com os olhares das pessoas para duas mulheres dançando juntas. Isso faz sentido na medida que o último contato que a personagem teve com o controle social da sua sexualidade foi antes de ficar tetraplégica. Consequentemente, todas as mudanças que ocorreram nas

práticas culturais durante os anos que se passaram não estavam afetando o comportamento dela.

Nesse sentido, mesmo estando em um local diferente, com outras pessoas, em uma outra época e em um contexto virtual, Yorkie ainda estava agindo sob controle de regras originadas do contexto passado, nesse caso, que era errado duas mulheres dançarem juntas.

Logo após essa conversa, ela comenta com Kelly que nunca tinha ido a uma pista de dança e que a sua família não a deixava fazer nada, indicando que o controle pelo grupo familiar era rígido a ponto de ser efetivo mesmo em um contexto no qual os familiares não estavam presentes.

A rigidez do controle exercido pela família de Yorkie é exemplificada em outro momento, quando um funcionário do hospital em que a personagem está internada conta para Kelly o quanto a família de Yorkie era religiosa. Mesmo sem especificar qual religião era essa, pode-se inferir pelo controle rígido dos pais de Yorkie que as normas seguidas por eles advinham de uma tradição judaico-cristã.

Considerando que uma das características do controle religioso é o estabelecimento de um repertório de obediência, mesmo na ausência do agente controlador (Skinner, 1953), entende-se que o comportamento de Yorkie de se incomodar com a dança poderia estar sob controle das rígidas normas religiosas impostas pelo seu grupo familiar antes de ela sofrer o acidente.

Enquanto Kelly parecia estar agindo sob controle das contingências de *San Junipero* e Yorkie mais sob controle de regras passadas, quando elas se conhecem essa situação parece se inverter no decorrer do episódio.

Na segunda visita de Yorkie à cidade virtual, ela vai à procura de Kelly e as duas ficam juntas e têm sua primeira relação sexual. Após isso, Kelly se esforça para não encontrar mais Yorkie; enquanto Yorkie fica procurando pela parceira em todas as épocas e lugares de *San Junipero*.

Quando elas voltam a se encontrar, Kelly conta que não estava preparada para gostar de alguém ou ter uma relação afetiva em *San Junipero*. Para essa personagem, a cidade virtual era um local passageiro em que ela estava vivendo para se divertir e, quando a relação com Yorkie se mostra diferente da diversão e envolve questões emocionais e afetivas, Kelly parece voltar a ficar sob controle de regras do mundo real e das contingências de sua vida passada.

Já para Yorkie, percebe-se que a relação com Kelly produziu reforçadores que ela nunca tinha tido contato em sua vida e, para ela, o que elas viveram foi mais “real” do que qualquer outra experiência que já tinha tido. Entende-se assim que ela não estava mais sob forte controle das regras que vigoraram durante a sua juventude, mas sim sob controle das contingências de *San Junipero*, um lugar onde ela conseguia se relacionar com outras pessoas e produzir diversos reforçadores sociais e sexuais.

As contingências de *San Junipero* e do mundo fora da cidade virtual se conflitam quando Kelly decide visitar Yorkie no hospital. É nesse contexto que ela conhece a história de Yorkie ao conversar com um funcionário do hospital. Tal funcionário iria se casar com Yorkie apenas para possibilitar que ela passasse pela eutanásia, já que os familiares dela eram muito religiosos e não assinariam os papéis. Nesse momento, Kelly pede para entrar no sistema virtual para conseguir falar com Yorkie e então a pede em casamento. As duas se casam no mundo real e, depois da eutanásia, Yorkie passa a “viver” permanentemente em *San Junipero*.

O casamento de Kelly e Yorkie é um indício de como o episódio retrata que as práticas culturais relacionadas ao controle do comportamento sexual se modificaram ao longo do tempo. O fato de elas se casarem e a naturalidade refletida na cena em que isso acontece indicam que, além

de o casamento homossexual ser legalizado, ele não parece ter sido alvo de preconceito ou discriminação por parte das pessoas que estavam lá no momento. Esse acontecimento pode ser contraposto a forma como a família de Yorkie reagiu à exposição da jovem sobre a sua sexualidade quando ela ainda era jovem.

Após o casamento, no primeiro encontro das duas personagens em *San Junipero*, percebe-se que o matrimônio teve diferentes significados para Kelly e Yorkie; se, por um lado, Yorkie acreditava que Kelly havia decidido ficar com ela em *San Junipero*, por outro, Kelly considerava o casamento como um gesto de bondade.

Podemos entender que Yorkie via *San Junipero* como o início de sua nova vida, enquanto para Kelly aquele local marcava o fim. Nesse conflito, Kelly precisou escolher entre deixar *San Junipero*, como já estava decidido anteriormente, ou ficar com Yorkie.

Embora Kelly tenha deixado claro como era doloroso deixar para trás a sua decisão e, de certa forma, sua vida passada, ela parece ficar sob controle da relação estabelecida com Yorkie e opta por ficar em *San Junipero* com a esposa.

Considerações Finais

Ao retratar diferentes contingências da vida das personagens (i.e., o mundo real e o mundo virtual), o episódio *San Junipero* possibilita a reflexão de como as pessoas agem de diferentes maneiras em situações diversas. Afinal, contingências distintas selecionam comportamentos distintos (SKINNER, 1974).

Nesse contexto, interpreta-se que as práticas controladoras do comportamento sexual das personagens foram outras em *San Junipero*, diferentes das práticas vigentes na sociedade em que vivemos. Mesmo sendo uma

obra de ficção, o episódio nos permite refletir se podemos encontrar em nossa sociedade contextos em que algumas formas de comportamento sexual - como a expressão da orientação homossexual ou bissexual - possam ser emitidos sem a ameaça de punição social observada no controle exercido por alguns grupos e agências.

Além disso, é possível examinar o papel da agência religiosa no controle do comportamento sexual. Apesar de isso aparecer poucas vezes no episódio, a religião aparece como determinante de fatos importantes, como a não aceitação da homossexualidade de Yorkie pela família e a recusa da assinatura dos papéis para a eutanásia. Esse último acontecimento foi retratado no episódio em um período mais no futuro, o que indica que as normas religiosas provavelmente se mantiveram muito parecidas com o que vemos nos dias atuais, no que concerne às tradições judaico-cristãs.

Skinner (1953) já havia apontado que o controle religioso é menos sensível às demandas sociais atuais e se mantém por meio de regras criadas em um contexto antigo. Sendo o comportamento sexual um dos focos do controle aversivo estabelecido por algumas agências religiosas, que classificam tal comportamento como pecaminoso, as lutas pela visibilidade e direitos das minorias sexuais provavelmente ainda se depararão com empecilhos por parte destas agências. É importante ressaltar que há particularidades em diferentes religiões, e algumas delas já vêm modificando suas práticas controladoras.

Outro ponto importante é o papel da própria mídia, que atualmente exerce grande influência no comportamento dos indivíduos.

A série *Black Mirror*, como um todo, é ficcional, mas levanta reflexões principalmente sobre o papel da tecnologia na sociedade, atingindo diversos públicos. Em

San Junipero, esse foco ainda se mantém e vem acompanhado de uma história de romance entre duas mulheres, que é retratada de maneira sensível e que foge do estereótipo demonstrado por outros papéis homossexuais interpretados na mídia.

O grande alcance que a série teve e a visibilidade dada às minorias sexuais pode ser considerado um avanço em termos de lutas sociais. Para além das lutas relacionadas à sexualidade, o episódio também representa outras minorias, como da população negra, tendo em vista que Kelly, além de bissexual, era uma mulher negra.

É importante ressaltar que as análises realizadas neste capítulo apresentam uma das diversas interpretações possíveis do episódio. Tomando como foco o controle social do comportamento sexual, sob a ótica da Análise do Comportamento, as análises foram realizadas com esse recorte específico.

Outros pontos importantes, como a própria interseccionalidade demonstrada no episódio e as diferenças sociais que perpassam a vida de Kelly e Yorkie por conta da diferença étnica poderiam ser foco de trabalhos futuros.

Por fim, uma importante reflexão possibilitada pelo episódio analisado se dá em torno das mudanças sociais ocorridas desde o século XX até a atualidade em termos de práticas culturais relacionadas à sexualidade. Como apontado por Ribeiro (2009), as minorias sexuais conquistaram diversos direitos no campo internacional e nacional em diferentes países ao longo das últimas décadas, e percebe-se uma maior visibilidade da diversidade sexual em diferentes campos do cotidiano.

Ao assistir *San Junipero* e notar que as personagens se casam sem enfrentarem problemas legais ou sociais e decidem ficar juntas no final, o espectador pode experimentar uma sensação de esperança em relação ao

futuro, em que talvez haja uma diminuição do preconceito e discriminação, e uma maior aceitação da diversidade sexual.

Esse resultado talvez será possível se mudarmos as nossas práticas de controle da sexualidade, ainda majoritariamente aversivas, e cabe então o questionamento: como podemos produzir mudanças em nossas práticas culturais de controle do comportamento sexual, a fim de ampliar a aceitação da diversidade?

Referências

- BARRETO, W. **A perspectiva analítico-comportamental sobre a homossexualidade: análise da produção acadêmica brasileira e reflexões ético-políticas.** 2020. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/10874>
- CARRARA, K. A questão do controle na abordagem comportamental. **Revista Psicologia Argumento**, v. 10, n. 11, p. 109-115, 1992.
- MALLOT, R. W. A behavior-analytic view of sexuality, transsexuality, homosexuality, and heterosexuality. **Behavior and Social Issues**, v. 6, n. 2, p. 127-140, 1996.
- MENEZES, A. B. **Análise da investigação dos determinantes do comportamento homossexual humano.** 2005. Dissertação (Mestrado em Teoria e Pesquisa do Comportamento) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2005. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br:8080/jspui/handle/2011/1713>
- MENEZES, A. B de C.; BRITO, R. C. de S. Reflexão sobre a homossexualidade como subproduto da evolução do prazer. **Psicologia em Estudo**, v. 12, n. 1, p. 133-139, jan./abr., 2007.

- MENEZES, A. B.; CARVALHO NETO, M. B. de. Reflexões sobre a interinfluência entre ciência e política: o caso da homossexualidade. **Temas em Psicologia**, v. 23, n. 3, p. 621-634, 2015.
- RIBEIRO, H. C. de F.. Direitos humanos, direitos sexuais e as minorias sexuais. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. (Org.). **Múltiplos temas, compromissos comuns**. Londrina: UEL, 2009. p. 13-38.
- SÁ, C. P. de. Sobre o poder em Foucault e o controle em Skinner. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 39, n. 2, p. 136-145, abr./jun., 1983.
- SKINNER, B. F. **Verbal behavior**. New York: Appleton-Century-Crofts, 1957.
- SKINNER, B. F. **Beyond freedom and dignity**. Middlesex: Penguin Books, 1971.
- SKINNER, B. F. **About Behaviorism**. New York: Alfred A. Knopf, 1974.
- SKINNER, B. F. **Science and human behavior**. New York: The Free Press, 1953.
- VILLA, C. P. **O conceito de sexualidade em B. F. Skinner**. Dissertação (Mestrado em Análise do Comportamento) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2021. Não publicada.
- WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2000. p. 35-82.

Capítulo 4

SHAME: COMPORTAMENTO SEXUAL COMPULSIVO EM UMA PERSPECTIVA COMPORTAMENTAL

Mayra Savi Gonçalves
Florêncio Mariano da Costa-Júnior

Introdução

Os estudos no campo da saúde mental definem o comportamento sexual compulsivo como um conjunto de pensamentos, fantasias e comportamentos sexuais que ocorrem de maneira repetitiva e exacerbada, gerando grandes prejuízos e consequências na saúde mental dos indivíduos, à medida que não conseguem controlar seus comportamentos sexuais (GOODMAN, 2001; KAFKA, 2010; ROSENBERG; CARNES; O'CONNOR, 2014).

O presente texto adota o termo comportamento sexual compulsivo, no entanto, diferentes denominações são encontradas na literatura para se referir a essa condição. Entre elas estão os termos: compulsão sexual, comportamento sexual impulsivo-compulsivo, dependência de sexo, adição sexual, impulso sexual excessivo, vício sexual, transtorno hipersexual, satiríase, ninfomania, don juanismo, transtorno do controle de impulso sexual, comportamento sexual exacerbado, apetite sexual excessivo (BANCROFT; VUKADINOVIC, 2004).

Ainda que estejam em desuso, o termo ninfomania foi utilizado na literatura para se referir à condição de compulsão sexual apresentada em mulheres, sendo que

para os homens as denominações antes utilizadas eram satíriase ou don juanismo (OMS, 1996; KAPLAN; SADOCK; GREBB, 2002).

Mick e Hollander (2006) sugeriram o termo comportamento sexual impulsivo-compulsivo para pacientes que demonstram um componente impulsivo ao iniciar o ciclo e um componente compulsivo na persistência do comportamento disfuncional.

O termo “hipersexualidade” é outra definição comumente utilizada para denominar o comportamento sexual compulsivo, sendo o prefixo “hiper” um descritor patológico que se refere ao “excesso” ou “aumento” de comportamento associados às patologias (KAFKA, 2010). Segundo o autor, alguns pesquisadores utilizam o termo hipersexualidade quando ocorre a alteração do desejo sexual e a caracterizam como o aumento da intensidade e da frequência dos comportamentos sexuais, das fantasias, e das excitações associadas a uma impulsividade sexual, com maior tempo gasto no comportamento sexual, bem como nos comportamentos de riscos.

A dificuldade em alcançar um consenso na classificação ocorre pelo fato de os “comportamentos sexuais atípicos” dependerem de critérios variáveis e imprecisos quanto ao nível de sofrimento que produzem (BANCROFT; VUKADINOVIC, 2004).

A Classificação Internacional de Doenças, CID-11 substituiu a classificação “apetite sexual excessivo”, anteriormente utilizada para transtorno do comportamento sexual compulsivo. A atual descrição se insere na seção dos transtornos do controle dos impulsos, pois a compulsão sexual é marcada pelas falhas em resistir ou controlar comportamentos sexuais, independente das consequências negativas (WHO, 2020).

O Manual diagnóstico e estatístico dos transtornos mentais (DSM-5) não incluiu em sua última edição a

compulsão sexual. De acordo com Kafka (2014) a falta de evidências científicas que sugerem critérios relevantes de sofrimento e/ou prejuízos suficientes para caracterizar a compulsão sexual como um quadro psicopatológico diagnosticável, contribuiu para que o DSM-5 não incluísse a compulsão sexual. Entretanto, a revisão de estudos realizada por Reis (2018) indicou que, na contramão dos argumentos da comunidade médica psiquiátrica americana para não incluir a compulsão sexual (transtorno hipersexual) no DSM-5, houve um inequívoco aumento da procura por tratamento de práticas sexuais compulsivas. Kafka (2010) propôs os seguintes critérios a serem considerados para inclusão no DSM-5 para o transtorno hipersexual, caracterizado por:

A. Fantasias, impulsos e comportamentos intensos e repetitivos presentes há pelo menos 6 meses, bem como quatro dos seguintes subcritérios:

1. O tempo despendido com esses comportamentos interfere nos objetivos não sexuais;
2. Engajamento em tais comportamentos em resposta a ansiedade, depressão, irritabilidade e tédio;
3. Engajamento repetido em tais comportamentos em resposta a fatores estressantes;
4. Fracasso ao tentar controlar tais comportamentos;
5. Engajamento nesses comportamentos, apesar do risco de prejuízo físico ou emocional para si e para o outro.

B. Sofrimento clínico ou prejuízo em outras áreas importantes do funcionamento;

C. Tais fantasias, impulsos ou comportamentos sexuais não são decorrentes do efeito direto de uma substância.

Scanavino, Messina e Abdo (2015) recomendam os critérios diagnósticos propostos por Goodman (2005), o qual define a compulsão sexual como um padrão mal

adaptativo de comportamento sexual, muito frequente e repetitivo, que persiste por um período de 12 meses, sendo caracterizado por três ou mais dos seguintes subcritérios:

1. Desenvolvimento de tolerância do comportamento sexual compulsivo (são necessárias práticas sexuais mais frequentes e intensas para obter a satisfação inicial);
2. Tentativas malsucedidas do controle do comportamento;
3. Mais tempo e energia gastos com o comportamento sexual;
4. Sintomas de abstinência ao tentar diminuir ou parar o comportamento sexual;
5. Muito tempo e energia gastos na preparação e busca do comportamento;
6. Interferência no exercício de atividades sociais ou profissionais;
7. Manutenção do comportamento sexual, apesar das consequências negativas.

Zapf, Greiner e Carrol (2008) sinalizam que os comportamentos sexualmente excessivos seriam diferencialmente diagnosticados com base nos padrões culturalmente considerados como normativos ou “desviantes”; e se eles levam ou não a prejuízo significativo. No entanto, se faz necessário que novos estudos em saúde mental problematizem o desenvolvimento, a experiência de sofrimento e os processos de vulnerabilidade relacionados à compulsão sexual (KAFKA, 2014). Nesse sentido, as diferenças culturais e os valores normativos e morais tangenciam a análise e dificultam que um consenso seja estabelecido sobre tal condição (HALL, 2011; KAFKA, 2014).

Nos parece perigoso que um comportamento sexual patológico ou saudável seja categorizado a partir de critérios normativos aos padrões morais e éticos. A

presença de um comportamento ou característica não indica necessariamente a presença de um distúrbio e, portanto, a detecção de sinais e sintomas deve ser seguida por investigação diagnóstica e, sobretudo, contextualizada com o ambiente sociocultural no qual a pessoa se insere.

A respeito desse impasse, Hall (2011) indica que o vício em sexo pode ser considerado como um produto da cultura e outras influências sociais, e defende que qualquer que seja a nomenclatura do problema, ele deve representar aqueles clientes que buscam ajuda para o que subjetivamente reconhecem como comportamentos sexuais prejudiciais.

Em termos epidemiológicos, as taxas de ocorrência de compulsão sexual variam na literatura, dependendo das características examinadas como sexo, orientação sexual, idade e, é claro, os critérios de diagnóstico delineados nos estudos (ROSENBERG; CARNES; O'CONNOR, 2014; REIS, 2018).

Kafka e Hennem (2002) apontam evidências acerca da alta prevalência de comorbidades psiquiátricas em homens que buscam tratamento para a compulsão sexual e dentre elas estão: jogo patológico, transtorno distímico, transtornos de ansiedade, fobia social, abuso de substâncias psicoativas, abuso de álcool, transtornos de impulso sem outra especificação e direção imprudente.

No Brasil, o estudo conduzido por Scanavino *et al.* (2013) com 86 homens com comportamento sexual compulsivo indicou que 72% apresentavam pelo menos um diagnóstico psiquiátrico adicional, dentre os quais observou-se maior prevalência dos transtornos de ansiedade e dos transtornos do humor, principalmente o transtorno depressivo maior.

Santos (2016) realizou um estudo para avaliar a relação existente entre fatores sociodemográficos, depressão e compulsão sexual. No estudo, a autora salienta que os

homens demonstram possuir maior propensão para a compulsão sexual do que as mulheres. Os instrumentos de avaliação utilizados para identificar a compulsão sexual em pacientes indicaram a ocorrência de abandono de outras atividades recreativas, abandono de atividades sociais e necessidade de aumentar a frequência de práticas sexuais.

Geralmente a compulsão sexual começa no final da adolescência, ou no início da idade adulta. Em relação ao curso do desenvolvimento, Hall (2011) sugere que a compulsão sexual se dá a partir de influências biopsicossociais, sendo amplamente aceito nas terapias comportamentais que todos os vícios e compulsões, tanto químicas e/ou comportamentais, são estratégias de regulação emocional (ROSENBERG; CARNES; O'CONNOR, 2014).

Em certo nível de frequência, não existiria nada de errado em usar a prática sexual para aliviar emoções difíceis e para criar uma sensação de bem-estar, mas se o sexo se tornar uma estratégia de enfrentamento primária do qual uma pessoa depende, apesar de consequências, então pode ser considerado uma compulsão (HALL, 2011).

Quanto à etiologia do comportamento sexual compulsivo, as pesquisas ainda carecem de maior aprofundamento. De ponto de vista evolutivo, os mecanismos dopaminérgicos estão envolvidos nas diferentes formas de compulsão (ROSENBERG; CARNES; O'CONNOR, 2014). Quanto aos fatores ambientais e históricos, os estudos indicam que a compulsão sexual estaria funcionalmente relacionada com estratégias de enfrentamento aprendidas por eventos traumáticos na infância (HALL, 2011). Experiências estressoras na infância, como abuso sexual, negligência emocional, estigmatização, são frequentemente reportadas pelos compulsivos sexuais (NOLL *et al.*, 2003).

O impacto do abuso sexual e outras experiências estressantes na infância e na adolescência são bastante estudadas em termos neurobiológicos, neurofuncionais e comportamentais. Os estudos indicam que tais experiências aumentam a vulnerabilidade para problemas de saúde mental na vida adulta, dentre eles: os transtornos do humor e comportamento sexual compulsivo (BANCROFT, 2008; WALSH; GALEA; KOENEN, 2014; AARON, 2018).

Pesquisas recentes indicam que os homens vítimas de abuso sexual são mais propensos a externalizar seus comportamentos sexuais de maneira compulsiva, e as vítimas mulheres são mais propensas a internalizá-los e tendem a desenvolver mais disfunções sexuais (AARON, 2018).

O estudo de Reis (2018) verificou a alta prevalência de experiências de abuso sexual na infância e na adolescência nos homens com compulsão sexual. No estudo, os participantes com maior gravidade dos sintomas depressivos, ansiosos, compulsivos sexuais e hipersexuais foram aqueles que passaram por situações de abuso sexual.

Os achados de Reis (2018) indicam que os sintomas de ansiedade e depressão apresentaram efeito mediador para a maior gravidade da hipersexualidade, e os sintomas de ansiedade apresentaram efeito mediador para a maior gravidade da compulsividade sexual.

Outro estudo conduzido por Blain *et al.* (2012), com homens que fazem sexo com outros homens (HSH) compulsivos sexuais, revelou que 39% referiram ter sofrido abuso sexual na infância e apresentavam maior prevalência de depressão e ansiedade, comparados aos indivíduos que não referiram abuso sexual.

A compulsão sexual geralmente apresenta-se de maneira crônica e progressiva, podendo eventualmente se manifestar de forma episódica. Se trata de uma condição progressiva pois a frequência dos episódios de compulsão aumenta com o tempo, à medida que a sensação de prazer

vai perdendo a intensidade e a angústia associada aos efeitos da compulsão aumentam. O arcabouço teórico atual sugere que os repertórios comportamentais de compulsão sexual são aprendidos no curso do desenvolvimento, sendo que o sexo é um poderoso repertório de fuga/esquiva, que apresenta a função de reduzir a curto prazo as experiências de sofrimento. Entretanto, tal repertório produz efeitos que aumentam o sofrimento e também limitam o acesso a contextos afetivos e de socialização, uma vez que o indivíduo se esforça para manter em segredo seus comportamentos sexuais (NOLL, 2003; GOODMAN, 2005; SCANAVINO; MESSINA; ABDO, 2015; AARON, 2018).

Scanavino, Messina e Abdo (2015) elucidam que a manifestação da compulsão sexual geralmente ocorre por meio de comportamentos, como busca excessiva por novos/as parceiros/as sexuais (múltiplos parceiros), masturbação compulsiva e consumo exacerbado de material pornográfico.

Santos (2016) ressalta que os comportamentos sexuais compulsivos promovem uma satisfação momentânea e estabelecem a necessidade constante de acessar novas situações sexuais, o que o leva a experimentação de sentimentos de angústia, arrependimento e culpa, que tendem a aumentar com o passar do tempo. Durante o processo compulsivo, a falta de controle dos comportamentos excessivos, mesmo com conseqüências negativas, deve-se à necessidade de obter, por meio dessas condutas, o alívio dos afetos dolorosos e a regulação do senso de si próprio. Dessa forma, o indivíduo fica cronicamente vulnerável, aumentando sua necessidade de prazer ou benefício imediato, mesmo com os prejuízos significativos a médio e longo prazo (NOLL, 2003; GOODMAN, 2005).

Carnes (1989) caracterizou uma sequência de quatro fases que descrevem os episódios da busca de sexo, a qual chamou de ciclo da dependência de sexo: fissura, ritualização, gratificação sexual e desespero. Na primeira fase, denominada fissura, a pessoa apresenta um estado emocional extasiado em pensamentos de sexo, com ideias em objetos que a estimule sexualmente. Na ritualização, que caracteriza a segunda fase, o indivíduo constrói uma estratégia que aumenta o acesso aos contextos para que o comportamento sexual ocorra, intensificando a excitação. Na terceira fase, denominada de gratificação sexual, a pessoa sente-se incapaz de controlar o processo do ato sexual antes de se satisfazer, mesmo que os estímulos ambientais sejam adversos à situação, e não consegue parar antes da finalização. A última fase, denominada desespero, ocorre após a gratificação sexual e a pessoa apresenta sentimento de impotência e arrependimento.

Os efeitos da compulsão sexual interferem em diversas esferas no cotidiano do indivíduo, comprometendo sua qualidade de vida, causando sofrimento emocional e ocasionando efeitos negativos nos relacionamentos amorosos e familiares, na saúde (ISTs, gravidez indesejada, suicídios, violência e assédio sexual), e nos setores sociais, ocupacionais, financeiros e legais (IWEN, 2015; SCANAVINO; MESSINA; ABDO, 2015; AARON, 2018; REIS, 2018).

A sexualidade e a satisfação sexual são fortemente afetadas pela compulsão sexual. Em alguns casos as fases da resposta sexual são afetadas, pois nem sempre ocorre ereção, ejaculação ou orgasmo. Muitas vezes o ato sexual compulsivo não resulta em prazer, podendo inclusive gerar sensações físicas dolorosas (GOLD; SEIFER, 2002). O sofrimento e os prejuízos sociais, morais e éticos gerados pela compulsão contribuem significativamente para o

desencadeamento de outros distúrbios ou transtornos psicológicos já discutidos anteriormente.

Tais dados contribuem significativamente para a prática clínica e podem auxiliar os profissionais da saúde mental na condução de melhores tratamentos medicamentosos e psicoterápicos para a compulsão sexual. A procura por tratamento costuma ser realizada quando os efeitos da compulsão sexual já influenciaram na saúde, na vida conjugal e familiar, no trabalho e quando surgem conflitos jurídicos (ABDO; SCANAVINO, 2008).

No que se refere aos tratamentos psicoterápicos, não há estudos sistemáticos de qualquer abordagem psicoterapêutica ou farmacoterapêutica para compulsão sexual. Até o momento existem apenas práticas baseadas em estudos não controlados, relatos de casos, estudos teóricos, e consenso entre especialistas (ROSENBERG; CARNES; O'CONNOR, 2014).

Ainda que não tenhamos evidências robustas sobre sua efetividade, os tratamentos mais adotados para a compulsão sexual são: terapia de grupo e individual; terapia cognitivo-comportamental para identificar gatilhos; terapia comportamental dialética para manejo de desejos e estratégias de prevenção de recaídas; terapia familiar para resolver conflitos; atividade física e nutrição; tratamento de doenças mentais comórbidas e vícios; psicofarmacoterapia para diminuir comportamentos sexuais disfuncionais e reduzir desejo sexual e também para tratar distúrbios psiquiátricos associados (ROSENBERG; CARNES; O'CONNOR, 2014).

Os processos psicoterapêuticos de orientação comportamental apresentam como foco de intervenção os eventos ambientais evocadores e consequentes, os pensamentos, sentimentos e comportamentos envolvidos na compulsão; o desenvolvimento de estratégias de regulação emocional e de controle de impulso; prevenção

de recaídas e desenvolvimento de habilidades para estabelecer intimidade e relações interpessoais estáveis (ABDO; SCANAVINO, 2008; ROSENBERG; CARNES; O'CONNOR, 2014).

Nesse sentido, intervir nos contextos desencadeadores, promovendo a compreensão dos pensamentos evocados e nos padrões de comportamento, podem promover o desenvolvimento de repertórios de enfrentamento que sejam mais efetivos que os repertórios de compulsão. A literatura também destaca que a utilização de técnicas de entrevista motivacional pode ajudar na adesão e no encorajamento para o processo psicoterapêutico (FULLER; TAYLOR, 2010; SCANAVINO; MESSINA; ABDO, 2015).

Tanto a compreensão da compulsão sexual, como o manejo psicoterapêutico ainda estão pouco detalhados na literatura. Considerando a relevância da temática, o presente texto objetivou analisar o filme *Shame*, e a partir deste material, discorrer sobre a compulsão sexual e seus desdobramentos na vida de Brandon - o personagem principal representado no filme.

Vídeo Analisado

Tipo de Material	Filme
Título Original	<i>Shame</i>
Nome Traduzido	Não há
Gênero	Drama
Ano	2011
Local de lançamento e Idioma original	Inglaterra, inglês.
Duração	1h41min
Direção	Steve McQueen

Brandon é um publicitário bem sucedido e bonito que vive e trabalha em Nova York. É um homem solitário e sedutor na faixa dos trinta anos, que vive distante de sua irmã Sissy e aparentemente não tem amigos próximos. Mesmo bem sucedido e bonito, Brandon apresenta uma expressão facial de apatia. Ao longo de um dia comum, Brandon se engaja compulsivamente na busca por atividades sexuais, seja em um ménage com duas prostitutas, sexo casual com um estranho em um beco ou masturbação no banheiro do trabalho. Ele dedica grande parte do seu tempo à procura e realização de encontros sexuais e também para esconder as evidências de sua compulsão. Para Brandon, o custo dos comportamentos sexuais compulsivos é alto.

Brandon não tem relacionamentos próximos de qualquer tipo. Os contatos interpessoais existentes ocorrem com colegas de trabalho que valorizam suas conquistas sexuais. Quando Brandon tenta levar uma mulher para um encontro e conhecê-la antes de fazer sexo, os efeitos emocionais vivenciados por ele são estranhos e o inibem em perseverar a interação.

A verdadeira extensão do isolamento de Brandon não é totalmente percebida por outras pessoas até a chegada de sua irmã mais nova, Sissy. Quando Sissy, aparece para uma temporada surpresa em seu apartamento, após vários recados deixados em vão na secretária eletrônica, Brandon se depara com lembranças desagradáveis que a presença dela causa e tem sua rotina e privacidade alteradas.

Um dos aspectos mais interessantes do filme é o título “vergonha” (no inglês “*shame*”). A vergonha é definida como o sentimento doloroso que surge da consequência de ter feito algo desonroso ou impróprio. Apesar de Brandon ser um homem desconectado do mundo e sem qualquer afeto positivo, não é possível perceber claramente se ele é um homem sob os efeitos da emoção à qual o título faz menção.

Contudo, o filme deixe claro que os comportamentos de Brandon reduziram sua vida a uma busca permanente e insatisfatória por gratificação sexual e elucida a distância afetiva do protagonista com o mundo ao seu redor.

O filme não explicita como Brandon se sente sobre seu comportamento, mas dá um vislumbre de seu mundo interior em três momentos cruciais. Em um deles, Sissy canta uma versão da música “New York, New York” em um clube de jazz, o que leva seu irmão às lágrimas. Da mesma forma, na sequência final do filme, Brandon faz uma pausa na corrida no início da manhã e cai em um episódio de choro intenso. Em outro momento de diálogo entre ele e sua irmã, Sissy relata para Brandon que ambos não são pessoas ruins, eles apenas “vieram de um lugar ruim”. O filme deixa à imaginação do espectador possíveis experiências traumáticas vividas na infância pelos irmãos.

No transcorrer do filme, a carreira de Brandon e suas relações profissionais passam por problemas, uma vez que ele não consegue mais esconder os episódios compulsivos que ocorrem em seu ambiente de trabalho. Brandon tem seu computador inspecionado devido a um vírus proveniente dos conteúdos pornográficos que foram acessados por ele. Ao passo que sua carreira fica em risco, seu relacionamento com a irmã se torna cada vez mais dramático e problemático. Em meio a todas essas turbulências ele tenta iniciar um romance com sua colega, Marianne, mesmo não acreditando em romances e tendo dificuldades em se vincular afetivamente. O relacionamento com Marianne não sai conforme o previsto, e Brandon se engaja em uma busca intensa por gratificação sexual para reduzir as experiências emocionalmente desagradáveis que ocorrem pelo fracasso amoroso e dos tenso conflitos provenientes da interação com a irmã.

Análise Crítica

A cena em que a conversa entre os irmãos aborda que ambos vieram de “um lugar ruim” e a cena que retrata o choro intenso de Brandon na corrida nos parecem boas ilustrações sobre a etiologia complexa e muitas vezes desconhecida da psicopatologia que circunscreve a compulsão sexual. Podemos inferir que “um lugar ruim” pode se referir à um contexto de desenvolvimento permeado de experiências de abuso, tal como a literatura da área ressalta.

O filme também demonstra as comorbidades que frequentemente ocorrem associadas à compulsão sexual, que no caso do protagonista, podemos reconhecer sinais e sintomas de impulsividade agressiva, depressão, ansiedade e abuso de substância.

A cena na qual o diálogo com a irmã desencadeia sua busca por sexo na boate gay e o ménage indicam como o comportamento sexual de Brandon se assemelha ao processo comportamental de vício, uma vez que sua prática sexual está funcionalmente relacionada à esquiva ou controle de emoções negativas. No caso de Brandon, a perda subjetiva de controle, as consequências psicológicas e sociais adversas e o estado de abstinência experimentada durante os períodos sem acesso à gratificação sexual ilustram os dados da literatura.

Além das questões relacionadas ao sofrimento emocional de Brandon, um dado emerge após a rolagem dos créditos. Mesmo sob as consequências aversivas da compulsão sexual, os repertórios de autocontrole não são funcionalmente capazes de proteger ou evitar investidas sexuais potencialmente negativas e o filme se encerra com Brandon iniciando o ciclo do comportamento compulsivo.

O filme retrata os dados da literatura, uma vez que a ausência de repertórios de autocontrole resulta em

consequências psicológicas (por exemplo, ansiedade, depressão), interpessoais (por exemplo, danos aos relacionamentos íntimos, falha em cumprir as obrigações) e médicas (por exemplo, ISTs), sendo frequentemente (mas nem sempre) vista como angustiante para o indivíduo compulsivo.

Ao longo do longa, diferentes comportamentos do personagem exemplificam a sequência do ciclo da dependência de sexo proposto por Carnes (1989): fissura, ritualização, gratificação e desespero. Diferentes episódios de fissura e estado emocional extasiado podem ter como exemplo as investidas e assédios sexuais que o protagonista tem frente à possíveis parceiras sexuais.

A ritualização, que caracteriza a segunda fase do ciclo, parece estar relacionada aos comportamentos de Brandon que selecionam mulheres e ambientes físicos que sinalizam maior oportunidade para acessar níveis elevados de excitação sexual. Na terceira fase, denominada de gratificação sexual, Brandon parece demonstrar em alguns momentos uma grande incapacidade de controlar o comportamento sexual, mesmo que as consequências ambientais sejam adversas à situação e não consiga parar antes da finalização.

A fase de desespero, retratada em alguns trechos do filme, parece ser ilustrada pela deficiência de autocontrole e pela presença de sentimentos de medo e arrependimento diante da possibilidade de ser descoberto, ou por ter realizado uma prática sexual que confronta seus valores e preferências. Em uma cena do filme, Brandon joga fora todo o conteúdo pornográfico: brinquedos eróticos, revistas e seu notebook após ter sua compulsão sexual exposta.

Alguns trechos do filme exemplificam a função dos comportamentos sexuais compulsivos, que minimizam ou evitam experiências emocionais de sofrimento. Ao receber as

ligações de Sissy, Brandon não atende e se masturba após ouvir o recado deixado por ela.

Em outro momento, após ter seu computador retirado de sua sala por conta de um suposto vírus que surgiu pelo acesso indevido a conteúdos pornográficos, Brandon vai para o banheiro da empresa e se masturba. Na sequência do ocorrido na empresa (a retirada de seu computador), ele consome pornografia em casa, mesmo sem se masturbar, expressa um movimento repetitivo com as pernas, fica sob controle do conteúdo pornográfico e novamente ignora a ligação da irmã, que diz estar doente. Após o encontro com Mariane não ter saído como o esperado e Brandon supostamente se sentir frustrado e incapaz, ele se masturba no banheiro de sua casa.

O filme também ilustra o encadeamento de comportamentos que visam gratificação sexual em contextos de mal estar emocional, mesmo com prejuízos significativos. Logo após o momento em que Brandon tem a conversa com sua irmã, ele se engaja na busca por sexo. Ele sai de casa e se dirige até um bar, onde assedia uma mulher que está acompanhada do namorado, e a aborda perguntado se ela “*gosta de sexo oral*”. Em seguida o namorado desta mesma mulher chega, Brandon diz, entre outras coisas, que “*quer gozar na cara dela*”. Ao sair do bar, o namorado, acompanhado de um amigo, batem em Brandon com socos e chutes.

Após ser agredido, Brandon tenta entrar novamente no bar e é barrado pelo segurança. Ainda insatisfeito, ele se dirige para uma boate gay próxima e é abordado por um homem que o beija. Brandon corresponde e empurra o homem para que o mesmo faça sexo oral nele. Depois disso, Brandon parte para um ménage com duas mulheres.

Brandon constantemente fracassa nas tentativas de controlar o comportamento compulsivo, apesar do risco de prejuízo físico ou emocional para si e para outras pessoas.

Além disso, também nos pareceu claro o nível de sofrimento e prejuízo em outras esferas de vida: trabalho, relacionamentos interpessoais e vínculos.

Brandon apresenta abstinência quando as condições ambientais o impedem de emitir comportamentos sexuais (masturbação e sexo), e também apresenta tolerância do comportamento sexual compulsivo, uma vez que são necessárias práticas sexuais mais frequentes e intensas para obter a satisfação que minimize afetos aversivos.

A cena em que Brandon é agressivo com a irmã quando ela o flagra se masturbando, e quando esboça dor ao ter orgasmo durante o ménage com duas mulheres, exemplificam sinais de abstinência e de tolerância.

Brandon está sempre em contato com algum conteúdo pornográfico, se masturbando ou acompanhado de garotas de programa. No transcorrer do filme, podemos notar como o investimento de tempo despendido na compulsão sexual interfere nos objetivos não sexuais, e também como o engajamento em tais comportamentos é evocado em contextos de ansiedade, tristeza, irritabilidade, tédio e a outros fatores estressantes.

Considerações Finais

A análise do material pôde levar a reflexão de como os fatores morais e culturais funcionam como barreira para a aceitabilidade da compulsão sexual como algo prejudicial à saúde e às condições de vida. A barreira moral para a legitimidade da compulsão sexual como uma condição de adoecimento pode ser preocupante, e no caso dos homens com compulsão sexual, os valores relativos à masculinidade parecem contribuir para o fortalecimento dos repertórios da própria compulsão.

O campo da psicologia clínica deve privilegiar a ausência de julgamentos morais e considerar os contextos

de vitimização que estejam problematizados nas variáveis ambientais de desenvolvimento. As decisões sobre o que constitui um adoecimento devem ser orientadas pela angústia e/ou pela deficiência de repertórios do indivíduo.

Os cineastas optaram por não divulgar a origem da compulsão de Brandon e com isso, o filme traz a lume questões complexas que envolvem o padrão compulsivo: a equivocada responsabilização do indivíduo pela sua compulsão sexual; os fatores que inibem a autoavaliação sobre própria condição; a pouca mobilização por busca de tratamento e o isolamento social resultante e que agrava a própria condição. Nesse sentido, o filme nos levou à reflexão sobre o quanto é necessário entendermos melhor a compulsão sexual e o tabu a ela relacionado, sem julgamentos morais.

Referências

AARON, M. The pathways of problematic sexual behavior: A literature review of factors affecting adult sexual behavior in survivors of childhood sexual abuse. **Sexual Addiction & Compulsivity**, v. 19, n. 3, p. 199-218, 2012. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/action/journalInformation?journalCode=usac20>>. Acesso em: 30 de set. de 2020.

ABDO, C; SCANAVINO, M. T. **Compulsão Sexual**. In: DE ABREU, C.; TAVARES, H.; CORDÁS, T. (Editores). Manual clínico dos transtornos do controle dos impulsos. Porto Alegre: Artmed; 2008. p. 101–19.

BANCROFT, J. Sexual behavior that is “out of control”: A theoretical conceptual approach. **Psychiatric Clinics of North America**, v. 31, n. 4, p. 593-601, 2008. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/entrez/query.fcgi?cmd=Retr>

ieve&db=PubMed&dopt=Citation&list_uids=18996300>.

Acesso em: 28 de set. de 2020.

BANCROFT, J.; VUKADINOVIC, Z. Sexual addiction, sexual compulsivity, sexual impulsivity, or what? Toward a theoretical model. **Journal of sex research**, v. 41, n. 3, p. 225-234, 2004. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/entrez/query.fcgi?cmd=Retrieve&db=PubMed&dopt=Citation&list_uids=15497051>. Acesso em: 10 de out. de 2020.

BLAIN, L. M.; MUENCH, F.; MORGENSTERN, J.; PARSONS, J. T. Exploring the role of child sexual abuse and posttraumatic stress disorder symptoms in gay and bisexual men reporting compulsive sexual behavior. **Child Abuse & Neglect**, v. 36, n. 5, p. 413-422, 2012.

CARNES, P. **Contrary to love: helping the sexual addict**. Minneapolis; 1989.

CARNES, P. Sexual addiction and compulsion: Recognition, treatment, and recovery. **CNS spectrums**, v. 5, n. 10, p. 63-72, 2000. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/entrez/query.fcgi?cmd=Retrieve&db=PubMed&dopt=Citation&list_uids=17632453>. Acesso em: 10 de out. de 2020.

CARNES, P.; GREEN, B.; CARNES, S. The same yet different: Refocusing the Sexual Addiction Screening Test (SAST) to reflect orientation and gender. **Sexual Addiction & Compulsivity**, v. 17, n. 1, p. 7-30, 2010.

GOLD, S. N.; SEIFER, R. E. Dissociation and sexual addiction/compulsivity: A contextual approach to conceptualization and treatment. **Journal of Trauma & Dissociation**, v. 3, n. 4, p. 59-82, 2002.

GOODMAN, A. What's in a name? Terminology for designating a syndrome of driven sexual behavior. **Sexual Addiction & Compulsivity: The Journal of Treatment and Prevention**, v. 8, n. 3-4, p. 191-213, 2001.

HALL, P. A biopsychosocial view of sex addiction. **Sexual and Relationship Therapy**, v. 26, n. 3, p. 217-228, 2011.

IWEN, M. E. Shame, sexual addiction, and consumption in American culture. **Sexuality & Culture**, v. 19, n. 3, p. 413-425, 2015.

KAFKA, M. P. Hypersexual disorder: a proposed diagnosis for DSM-V. **Arch Sex Behav**. 2010;39(2):377-400.

KAFKA, Martin P. What happened to hypersexual disorder?. **Archives of sexual behavior**, v. 43, n. 7, p. 1259-1261, 2014.

KAFKA, Martin P.; HENNEN, John. A DSM-IV Axis I comorbidity study of males (n= 120) with paraphilias and paraphilia-related disorders. **Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment**, v. 14, n. 4, p. 349-366, 2002. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1023/A:1020007004436>>. Acesso em: 10 de out. de 2020.

KAPLAN, H. I; SADOCK B. J; GREBB. J. A. **Compendio de Psiquiatria: Ciência do comportamento e psiquiatria clínica**. Trad. Org. D. Batista. 7a edição. Porto Alegre, RS: Artmed, 2002.

MCKEAGUE, E. L. Differentiating the female sex addict: A literature review focuse don't hemesof gender difference used to inform recommendations for treating women with sex addiction. **Sexual Addiction&Compulsivity**, v. 21, n. 3, p. 203-224, 2014.

MICK, T. M.; HOLLANDER, E. Impulsive-compulsive sexual behavior. **CNS spectrums**, v. 11, n. 12, p. 944-955, 2006.

NOLL, J. G; HOROWITZ, L. A; BONANNO, G. A; TRICKETT, P. K; PUTNAM, F. W. Revictimization and self-harm in females who experienced childhood sexual abuse: Results from a prospective study. **Journal of Interpersonal Violence**, v. 18, n. 12, p. 1452-1471, 2003. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/14678616>>. Acesso em: 15 de out. de 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde: CID-10** Décima revisão. Trad de Centro Colaborador da OMS para a Classificação de Doenças em Português. Vol 2, 3 ed. São Paulo: EDUSP, 1996.

REIS, S. C. **Estudo sobre o efeito mediador de sintomas de ansiedade e depressão quanto à gravidade do comportamento sexual compulsivo e hipersexual nos homens que referiram história de abuso sexual na infância/adolescência.** 2018. Tese de Doutorado Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

ROSENBERG, K. P; CARNES, P; O'CONNOR, S. Evaluation and treatment of sex addiction. **Journal of Sex & Marital Therapy**, v. 40, n. 2, p. 77-91, 2014.

SANTOS, J. F. N. **Estudo da relação entre padrões de vinculação, compulsão sexual e vergonha sexual.** 2016. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2016.

SCANAVINO, M. D. T; MESSINA, B; ABDO, C. H. N. Compulsão sexual. *Psiquiatria, saúde mental e a clínica da impulsividade*, 2015. In: ABREU, C. N.; TAVARES, H.; CORDÁS, T. **Manual clínico dos transtornos do controle dos impulsos.** Artmed Editora, 2008.

SCANAVINO, M. D. T; VENTUNEAC, A.; ABDO, C. H. N; TAVARES, H.; AMARAL M. L. S. A; MESSINA, B.; REIS, S. C. dos; MARTINS; J. P. L. B.; PARSONS, J. T. Compulsive sexual behavior and psychopathology among treatment-seeking men in São Paulo, Brazil. **Psychiatry research**, v. 209, n. 3, p. 518-524, 2013.

WALSH, K.; GALEA, S.; KOENEN, K.; Mechanisms underlying sexual violence exposure and psychosocial sequelae: A theoretical and empirical review. **Clinical Psychology: Science and Practice**, v. 19, n. 3, p. 260-275, 2012.

WEISS, D. The prevalence of depression in male sex addicts residing in the United States. **Sexual Addiction & Compulsivity**, v. 11, n. 1-2, p. 57-69, 2004.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **ICD-11 Implementation or transition guide**. Geneva: WHO; 2019. Disponível em: <https://icd.who.int/docs/ICD11%20Implementation%20or%20Transition%20Guide_v105.pdf>https://icd.who.int/dcs/ICD11%20Implementation%20or%20Transition%20Guide_v105.pdf>. Acesso em: 15 de out. de 2020.

ZAPF, J. L; GREINER, J; CARROLL, J. Attachment styles and male sex addiction. **Sexual Addiction & Compulsivity**, v. 15, n. 2, p. 158-175, 2008.

Capítulo 5

NINFOMANÍACA I e II: QUESTÕES SOBRE A COMPULSÃO SEXUAL

Thaís Juliana Medeiros

Introdução

Conforme Skinner (1957, p.15), “os homens agem sobre o mundo, modificando-o, e, por sua vez, são modificados pelas consequências de sua ação”. Assim, nessa relação do indivíduo com seu mundo, o behaviorista procura as explicações para o comportamento: o modo de pensar, agir e sentir hoje ocorre porque, no passado, produziu determinadas consequências (ABREU; PRADA, 2005; NEVES E SILVA; DE-FARIAS, 2013; SKINNER, 1953; TODOROV, 1991).

Nessa direção, a análise do comportamento aborda os problemas de comportamento como sendo déficits e/ou excessos comportamentais associados ao contexto social onde acontecem, sendo originados por três níveis de variação e seleção de comportamentos: (a) história filogenética da espécie *homo sapiens*; (b) história ontogenética do indivíduo e (c) cultura em que vive. Concernente ao aspecto ontogênico, avaliam-se os eventos antecedentes ao comportamento-problema da análise e suas consequências após a emissão. Tal relação entre eventos denomina-se tríplice contingência (ABREU; PRADA, 2005; DEL PRETTE; BOLSONI, 2003).

Na análise das contingências deve-se, inicialmente, identificar o comportamento e suas consequências; modificar as consequências e, por fim, observar se houve

alteração no mesmo. Sidman (1995) afirma que existem dois tipos de contingências, o comportamento (R) e as consequências do comportamento (S). Há ainda um terceiro termo da contingência: o contexto onde o comportamento aconteceu, designado de estímulo discriminativo (Sd). Portanto, a unidade básica de explicação do comportamento é composta por três elementos: Sd -- R --> S, os quais possibilitam fazer a análise funcional, isto é, identificar o comportamento a ser explicado, procurar compreender em quais situações ele ocorre e quais as consequências produzidas por ele nestes contextos (SKINNER, 1976; FARIAS *et al.*, 2014). De tal modo, a análise funcional possibilita considerar três momentos da vida do cliente: a história pregressa, os comportamentos atuais e o relacionamento com o terapeuta (NEVES E SILVA; DE-FARIAS, 2013).

O controle da probabilidade de uma resposta pode ocorrer pela utilização de reforçadores positivos - estímulos (positivos ou apetitivos) que aumentam a probabilidade da resposta que os produzem e diminuem a probabilidade da resposta que os retiram. Já os estímulos aversivos, após ocorrerem como consequências de uma resposta, acarretam tanto na diminuição dessa resposta, quanto no aumento da probabilidade de respostas que os retiram, evitam ou atrasam. Em síntese, caso uma resposta leve ao aumento de probabilidade de ocorrência futura, haverá reforço dessa resposta. Porém, se a resposta tiver sua probabilidade diminuída em decorrência da estimulação aversiva ou retirada/aumento de reforçadores positivos, ocorrerá a punição da resposta (FARIAS *et al.*, 2014; SKINNER, 1974, 2003).

Assim, ao se abordar comportamento e interação, deve-se analisar a relação bidirecional. Se, por exemplo, uma criança faz birra quando deseja um brinquedo e sua mãe atende a sua solicitação, existem dois

comportamentos que aumentarão a probabilidade da birra ocorrer novamente: a criança foi atendida no seu pedido (reforço positivo) e o comportamento da mãe em acatar o desejo e, por conseguinte, arrefecer o desconforto gerado pela birra (reforço negativo). Com o transcorrer do tempo, a criança poderá ser agressiva com outras pessoas, além dos pais, o que Skinner (1976) denominou de generalização de estímulos. No âmbito escolar, por exemplo, o comportamento da birra pode ainda ser reforçado por alguns professores e amigos, mesmo que intermitentemente.

Considerando estas informações, os transtornos obsessivos-compulsivos podem ser compreendidos como sendo respostas repetitivas e/ou estereotipadas emitidas para prevenir ou eliminar as obsessões e/ou ansiedade. Além da eliminação da estimulação aversiva a partir do reforço negativo, infere-se que outras consequências podem exercer controle operante na seleção e manutenção da classe de respostas obsessivo-compulsivas. Dessa maneira, as respostas obsessivo-compulsivas acontecem tanto pelo reforçamento negativo, quanto pelo reforçamento positivo, nas mais variadas contingências (ABREU; PRADA, 2005; NEVES E SILVA; DE-FARIAS, 2013; VERMES; ZAMIGNANI, 2002).

Alguns reforçadores sociais relevantes na emissão de respostas obsessivo-compulsivas são: atenção, elogios e contato afetivo, por exemplo. Em determinadas situações, tais respostas podem levar a um desempenho valorizado na sociedade onde o sujeito se encontra, o que proporciona o reforçamento positivo de sua emissão. Em relação ao reforço negativo, quando a comunidade exige o sujeito da realização de tarefas em decorrência da sua compulsão, em médio prazo, ocorre sua punição, pois o considera incapaz para a realização de determinadas atividades. Tal consequência acontece inconsistentemente, causando

um esquema de reforço intermitente. Desse modo, sob o controle destas contingências, são consideradas irrelevantes as possibilidades de contato social e interações que aprimorem as habilidades sociais, o que pode agravar o quadro patológico (ABREU; PRADA, 2005; NEVES E SILVA; DE-FARIAS, 2013; VERMES; ZAMIGNANI, 2002).

Ambos os reforçamentos (positivo e negativo) realizados pela comunidade nem sempre ocorrem de forma contígua à emissão da resposta, podendo ser liberados após um intervalo de tempo ou após uma sequência de eventos (em esquemas de intervalo ou razão fixos ou variáveis). A demora do reforço após o responder pode culminar em alguns benefícios para o indivíduo, pois quanto mais tempo encontra-se na condição de “doente”, mais legítima será essa situação aos olhos da comunidade, que impedirá a punição social (VERMES; ZAMIGNANI, 2002).

Outra dificuldade presente no indivíduo com quadro obsessivo-compulsivo refere-se ao déficit de habilidades sociais, tais como dificuldades nas relações interpessoais, habilidades na resolução de problemas, no manejo de situações de estresse e/ou frustração. Frequentemente, a infância e a adolescência do cliente com esse transtorno foram marcadas por práticas educativas coercitivas ou a presença de pais superprotetores, com elevada punição, que acarretaram ao indivíduo distanciamento social e, por conseguinte, um baixo repertório de habilidades sociais. Portanto, são indivíduos com pouca variabilidade comportamental e baixa frequência de classes de respostas positivamente reforçadoras (MORYIAMA; AMARAL, 2007; MOREIRA, 2014; SOUZA, 2017).

Um relacionamento reforçador com os pais, que comumente acompanha os filhos até a adolescência, possibilita o desenvolvimento das habilidades sociais (MOREIRA, 2014). Por conseguinte, o déficit de habilidades sociais acontece especialmente pelas contingências

aversivas que foram mantidas pelo constante reforçamento negativo ou punição de pais exigentes, críticos e rígidos.

Conforme Todorov (2020, p.11/12), a mãe e o pai podem ser compreendidos como sendo agências de controle, ou seja, “pessoas ou organizações encarregadas de incentivar, acompanhar e selecionar pela apresentação de consequências, determinados tipos de interação entre pessoas e/ou organizações”. Além da família, a psicoterapia, a educação, a religião, a economia e o governo estabelecem limites, promovem a socialização, constroem repertórios sociais e selecionam práticas culturais a partir da punição ou reforço de comportamentos, conforme regras que definem a agência.

Nessa direção, de acordo com Sidman (1995), uma educação severa, extremamente punitiva e pouco reforçadora, implica em comportamentos de fuga e esquiva, que podem, inclusive, ser generalizados para estímulos diferentes daqueles exibidos no controle coercitivo.

Assim, experiências causadoras de ansiedade e estresse, por exemplo, podem se tornar estímulos discriminativos, os quais vão ser evitados pelo indivíduo. Em outras palavras, os comportamentos de esquiva são reforçados negativamente, impossibilitando que os clientes possam explorar diferentes situações sociais que poderiam reforçar positivamente seus comportamentos (FARIAS *et al.*, 2014; MORYIAMA; AMARAL, 2007).

A esquiva experimental acontece quando o cliente se envolve em comportamentos que objetivam evitar, eliminar ou diminuir o contato com determinadas vivências individuais, como aquelas que envolvem sensações corporais, emoções, pensamentos e lembranças. Assim, os indivíduos evitam não só os contextos, situações e eventos onde acontecem tais experiências, mas também as

sensações aversivas em si mesmas, pois funcionam como estímulos discriminativos aversivos privados (FARIAS *et al.*, 2014; NEVES E SILVA; DE-FARIAS, 2013; MORYIAMA; AMARAL, 2007; SOUZA, 2017).

Com o arrefecimento das sensações corporais aversivas, ocorre o reforçamento negativo, ainda que temporariamente. Tais sensações aversivas dificilmente seriam extintas, tendo em vista que o indivíduo não se expõe a novas contingências, as quais poderiam favorecer o reforçamento diferencial de outros comportamentos. Sendo assim, ao longo do tempo, incrementam-se as redes relacionais de equivalências aversivas e o número de estímulos a serem evitados pelo indivíduo. Portanto, o cliente apresenta atividades sociais comprometidas, porque evita determinadas situações que possam lhe causar ansiedade (NEVES E SILVA; DE-FARIAS, 2013; MORYIAMA; AMARAL, 2007).

De tal modo, tanto a carência de habilidades sociais, quanto a esquivas experimentais podem impedir o acesso aos reforçadores, como relacionamentos satisfatórios e oportunidades profissionais, entre outros, agravando o quadro do indivíduo com comportamentos depressivos, de isolamento social e baixa variabilidade comportamental (MORYIAMA; AMARAL, 2007; NEVES E SILVA; DE-FARIAS, 2013; VERMES; ZAMIGNANI, 2002).

A partir destas considerações, são necessárias ponderações sobre as diferentes práticas terapêuticas existentes, bem como a aplicação da técnica de exposição como prevenção de respostas. Conforme Banaco (2001, p.197), “as terapias de inspiração comportamental têm trazido como procedimentos para o enfrentamento da ansiedade várias técnicas, algumas delas trazendo em seu bojo o efeito que pretendem eliminar”. Uma das técnicas existentes é a Exposição com Prevenção de Respostas (EPR), considerada eficaz pela literatura, porém a adesão

ao seu tratamento é frequentemente comprometida, pois expõe o indivíduo aos contextos que se esquivava. Por isso, conforme sugere Skinner (2003), os efeitos de estimulação devem ser minimizados na terapia para que haja a aderência do cliente.

Pode-se argumentar ainda que as técnicas aversivas podem contribuir para a diminuição da frequência das respostas indesejadas, contudo são pouco eficazes quando se objetiva ensinar tanto um repertório novo ao indivíduo quanto respostas alternativas associadas ao sofrimento vivenciado pelo cliente. Dessa maneira, um procedimento que pudesse tornar mínima a estimulação aversiva e, ao mesmo tempo, potencializasse oportunidades de contato com reforçadores presentes no ambiente onde o indivíduo vive poderiam proporcionar mais ganhos à terapia. Diferentemente do reforço arbitrário - que possui uma consequência sem relação direta com a resposta que o antecedeu -, no reforçamento natural o comportamento está sob controle direto das consequências, o que possibilita a maior possibilidade de seguir a emissão da resposta no futuro (NEVES E SILVA; DE-FARIAS, 2013; SOUZA, 2017; VERMES; ZAMIGNANI, 2002).

Para isso, é fundamental que o psicólogo realize junto ao cliente a análise dos eventos ansiógenos, seja por relato verbal ou observação direta. De acordo com Skinner (1991) e Souza (2017), é necessário que ocorra o processo de dessensibilização, ou seja, inicia-se a exposição do cliente a contextos menos ansiógenos para, gradativamente, alcançar aqueles mais provocadores de ansiedade. Como exemplo, Skinner (1991) comenta a respeito de uma explanação presente na obra *Emílio*, de Rousseau. Para o filósofo, se o bebê fica com medo diante da água fria (possivelmente uma resposta inata), introduza-o na água quente e diminua a temperatura lentamente ao longo do tempo. Desse modo, o bebê não sentirá mais medo quando

a água estiver fria. De forma semelhante, Rousseau acreditava que a mesma lógica poderia ser aplicada nas relações sociais. Assim, se um bebê se assusta com uma pessoa com máscara assustadora, recomenda-se, inicialmente, usar uma que seja agradável até, finalmente, recorrer a uma ameaçadora. Com isso, o bebê não sentirá medo diante da máscara considerada primeiramente ameaçadora.

Assim, a exposição do cliente a contextos eliciadores de ansiedade, iniciando pelo menos aversivo, possibilitaria o contato com reforçadores naturais que auxiliariam tanto na habituação, quanto na oportunidade de reforçamento. Nestes espaços de convivência do cliente também podem ser treinadas as habilidades sociais, a partir de ocasiões que possam proporcionar novas respostas na interação com o ambiente (NEVES E SILVA; DE-FARIAS, 2013; VERMES; ZAMIGNANI, 2002).

Uma possibilidade de oferecer modelagem e fortalecimento de habilidades sociais seria a partir da terapia em grupo, na qual o cliente poderia ter a experiência de se relacionar com indivíduos que possuam dificuldades semelhantes as suas, bem como vivenciar novas respostas sociais no relacionamento com o grupo. Nesta proposta terapêutica, a modelagem de novos repertórios ocorreria em um contexto mais contíguo do natural e, simultaneamente, mais segura (VERMES; ZAMIGNANI, 2002).

Em alguns casos, a associação do trabalho em ambiente natural com a prática clínica pode ser bastante produtiva. No consultório, o terapeuta obtém informações relevantes sobre o cliente, identificando quais as variáveis originárias do transtorno, bem como aquelas que os mantêm. Porém, existem várias limitações neste tipo de atendimento: o ambiente físico é estável e previsível, com menos estimulação que o contexto exterior. No

consultório, conforme Skinner (1991, p.110), “apenas alguns poucos reforçadores podem ser usados, e, na maioria das vezes, para reforçar o comportamento social, principalmente verbal”.

A qualidade da relação terapêutica é fundamental para o sucesso do tratamento. Segundo Skinner (2003), uma “audiência não punitiva” evita a apresentação de técnicas que recorram a estimulação aversiva, já vivenciada pelo cliente na relação com as diversas agências presentes na sociedade: governo, religião, educação e o controle econômico. Em razão da estimulação aversiva oferecida por estas agências, os indivíduos apresentam como respostas reações emocionais de revolta, resistência, medo, ansiedade, raiva e depressão, as quais aumentam a possibilidade da emissão de comportamentos de fuga e esquiva (NEVES E SILVA; DE-FARIAS, 2013; VERMES; ZAMIGNANI, 2002).

Diante destas contingências, muitos podem procurar a terapia como uma maneira de suprimir os efeitos da estimulação aversiva, e, por isso, o psicólogo deve evitar os procedimentos de punição e/ou extinção, os quais podem agravar o estado de ansiedade do cliente, levando a reações agressivas. O terapeuta deve se tornar um reforçador condicionado, ou seja, oferecer consequências reforçadoras às respostas emitidas pelo cliente no transcorrer da sessão para modelagem do repertório, mas também proporcionar condições para um maior comprometimento do indivíduo ao tratamento (NEVES E SILVA; DE-FARIAS, 2013; VERMES; ZAMIGNANI, 2002).

Na interação terapêutica reforçadora, o terapeuta deve oferecer modelos de relacionamento social, tendo em vista o déficit de habilidades sociais presente em muitos indivíduos com queixa obsessiva-compulsiva. Desse modo, por ser frequente entre esse grupo relatos de rejeição e abandono que os isolaram socialmente, o psicólogo pode

modelar um novo repertório que seja mais efetivo nas relações sociais dos clientes. Além disso, empatia, demonstração de afeição e utilização de verbalizações que expressem compreensão são imprescindíveis para a construção de uma relação terapêutica satisfatória (NEVES E SILVA; DE-FARIAS, 2013; SOUZA, 2017; VERMES; ZAMIGNANI, 2002).

Por fim, é fundamental que a relação familiar deve ser investigada no processo terapêutico, não só para uma melhor compreensão dos comportamentos obsessivos-compulsivos do cliente, mas também por sofrer com as várias limitações geradas pelo comportamento do familiar. Portanto, a família deve ser incluída no tratamento sempre que possível (SOUZA, 2017; VERMES; ZAMIGNANI, 2002).

Logo, infere-se que o comportamento obsessivo-compulsivo é complexo, exigindo que as técnicas comportamentais sejam utilizadas com fundamentação teórica e prática, em uma visão multidisciplinar. Além disso, a atuação das equipes de saúde perante o indivíduo com esse transtorno deve ser feita a partir dos determinantes filogenéticos, ontogenéticos e culturais para que sejam realizados tratamentos eficazes, conforme a singularidade de cada cliente (SILVA *et al.*, 2007).

Vídeo Analisado

Tipo de Material	Filmes
Título Original	<i>Nymphomaniac Vol. I, Vol. II</i>
Nome Traduzido	Ninfomaníaca Volume I, Volume II
Gênero	Drama
Ano	2014
Local de lançamento e Idioma original	Alemanha, inglês
Duração	4 horas
Direção	Lars Von Trier

Os filmes *Ninfomaniaca I e II* abordam a vida de Joe que, após ser encontrada extremamente ferida em um beco, é acolhida por Seligman, um homem de meia-idade que a leva para seu apartamento, onde é abrigada para se recuperar de seus ferimentos. Buscando compreender mais sobre Joe, Seligman ouve seu relato, ora questionando-o, ora comparando-o com técnicas de pesca, seu passatempo favorito.

Em linhas gerais, Joe conta para Seligman suas experiências sexuais desde a infância até a vida adulta e as relações difíceis que teve ao longo de sua vida, especialmente com seus pais.

Seu pai, um médico apreciador de árvores, é mostrado como sendo um homem sensível quando se encontra próximo das árvores, enquanto sua mãe é descrita como rígida, fria e distante; uma “cadela fria”, segundo Joe.

Quando seu pai estava internado com câncer, Joe foi a única a estar presente no leito. Ela acompanhou os ataques de espasmos violentos, delírios e gritos chamando por sua esposa, mãe de Joe. Enquanto o pai agonizava na cama do hospital, Joe tinha relações sexuais no ambiente hospitalar. Quando presenciou o falecimento de seu pai, a personagem sentiu-se excitada sexualmente.

Na infância, Joe gostava de se masturbar com a amiga no banheiro de sua casa, deslizando seu corpo pelo chão molhado. Na adolescência, Joe teve sua primeira relação sexual com Jerôme. Ao relatar este momento para Seligman, descreve a quantidade de vezes que foi penetrada e o quanto tudo foi dolorido fisicamente e emocionalmente para ela.

Anos depois, em uma viagem de trem, Joe fez uma disputa com uma amiga, B.: aquela que tivesse mais relações sexuais com passageiros ganharia um saco de doces de chocolate. Joe saiu vitoriosa após relacionar-se

com um passageiro da primeira classe, que estava ansioso para encontrar a esposa e engravidá-la naquela noite.

Junto com B, Joe participava ainda de um clube, “*The Little Flock*”, em que os integrantes se comprometiam a não se envolverem afetivamente nas relações sexuais. Entretanto, sua amiga B. desvinculou-se do grupo ao se envolver emocionalmente com um parceiro sexual.

Nessa época, Joe relacionou-se amorosamente com seu chefe, Jerôme, com que perdeu a virgindade. Entretanto, quando decidiu declarar-se, não o encontrou na empresa. Ele havia viajado com a secretária, com quem viera a se casar. Anos depois, encontraram-se novamente, passaram a morar juntos e tiveram um filho, Marcel.

Contudo, durante o matrimônio, Joe não conseguia sentir prazer nas relações sexuais, então mantinha relacionamentos extra-conjugais com o consentimento do marido. Um desses relacionamentos ocorreu com um homem sádico, senhor K., que conseguiu proporcionar novamente o prazer para Joe. Entretanto, seu casamento terminou quando o marido pediu para ela optar entre a família e o senhor K. Não conseguindo escolher, o casamento findou-se. Marcel foi encaminhado para adoção.

Alguns anos depois, trabalhando como cobradora de dívidas e utilizando seus conhecimentos sobre homens e sadomasoquismo na profissão, Joe reencontrou Jerôme. Para não o ver, solicitou a sua assistente, P., que o abordasse e cobrasse a dívida. Posteriormente, tentou matar Jerôme ao descobrir que P. era sua amante, entretanto, não foi bem sucedida. Joe foi ferida, humilhada pelo casal e abandonada em um beco, conforme a primeira cena do filme.

Seligman a encontrou no beco e demonstrou empatia pela história de vida de Joe, questionando as representações de gênero na sociedade: se um homem

agisse como Joe, seria tão julgado, humilhado e excluído? Após esta conversa, deitada para dormir, a personagem foi abordada por Seligman, que tentou violentá-la. Joe mata-o e foge do apartamento.

Análise Crítica

Para que se possa analisar os filmes *Ninfomaníaca I e II* à luz do Behaviorismo Radical, faz-se necessário pontuar que o objetivo do presente capítulo está na compreensão das personagens a partir de suas interações com o mundo que as cercam, e não pelos fenômenos em si. Em outras palavras, o que os indivíduos são, sabem, fazem e deixam de fazer são obra de seus intercâmbios com o ambiente, especialmente com as pessoas com as quais convivem ao longo do desenvolvimento humano. Logo, as causas do comportamento devem ser buscadas na história das interações sociais ao longo da vida, ou seja, nas circunstâncias sob as quais o comportamento ocorreu no passado e, possivelmente, acontecerá no futuro (MOREIRA, 2005; SKINNER, 1974, 1991, 2003; TODOROV, 1989).

Durante a sua infância, Joe vivenciou um ambiente familiar que não ofereceu situações e interações que pudessem promover um repertório adequado de habilidades sociais. Nas falas da personagem e nas cenas iniciais do longa, observa-se, por um lado, uma mãe distante, rígida e autoritária, por outro, um pai carinhoso e atencioso em poucos momentos. Uma das raras cenas de afeto familiar ocorreu quando Joe observava as árvores na companhia do pai (Sd). Joe sentia-se à vontade para saber e perguntar sobre as árvores (R), contexto que proporcionava atenção do pai e sentimentos positivos (C) (FARIAS *et al.*, 2014; SKINNER, 1976).

Dessa maneira, os pais não ofereceram modelos de comportamento para Joe, que se desenvolveu com

repertório pobre de habilidades sociais, especialmente na resolução de problemas, autocontrole e expressão de sentimentos (MORYIAMA; AMARAL, 2007; MOREIRA, 2014).

Nessa fase do desenvolvimento, é mostrado que possuía apenas uma amiga, que brincava com ela no banheiro de sua casa. Uma das atividades consistia na estimulação genital perante o atrito dos corpos com o chão molhado (reforçamento positivo), porém realizada de forma escondida de seus pais, principalmente da sua mãe (reforço negativo).

Na adolescência, inicia a vida sexual com Jerôme, um desconhecido que é insensível e egoísta com ela durante o ato sexual. A seguir, juntamente com uma amiga (Sd), participa de um grupo de meninas que relatavam suas relações sexuais (R), cuja regra principal era não se apaixonar por nenhum parceiro. Esse grupo caracteriza-se como uma agência de controle, que emitia regras que impediam um relacionamento romântico e duradouro, tendo como finalidade a obtenção de prazer sexual, apenas. Entretanto, sua única amiga se envolveu afetivamente com um companheiro, o que fez Joe afastar-se do grupo (C) (TODOROV, 2020).

Nesse momento, também participou de uma competição com uma amiga em um vagão de trem: aquela que tivesse mais relações sexuais com passageiros ganharia um saco de doces. Portanto, nota-se como o comportamento de Joe, inicialmente, era mantido por reforçadores generalizados, como reconhecimento social e aprovação da amiga, e reforços arbitrários como, por exemplo, receber doces.

No início da vida adulta, Joe tentou cursar medicina, mesma profissão do pai (reforço positivo), porém decidiu não concluir os estudos e começar a trabalhar. Assim, durante o período diurno trabalhava e, à noite, tinha várias relações sexuais com diferentes parceiros, como esquiva

experimental para a solidão que sentia e a dificuldade de vincular-se afetivamente a alguém (FARIAS *et al.*, 2014; NEVES E SILVA; DE-FARIAS, 2013; MORIYAMA; AMARAL, 2007).

Esta esquiwa estendeu-se para além dos relacionamentos sexuais casuais: não possuía amigos, colegas ou outras pessoas que pudesse confiar, trocar confidências e ter afeto. Apenas em alguns momentos, Joe folheava o livro com folhas de árvores que fez com seu pai (reforço positivo).

Em outro emprego, coincidentemente, encontrou Jerôme, o homem com quem teve sua primeira relação sexual. Com o decorrer do tempo, Joe apaixonou-se por ele (Sd), porém, quando decidiu declarar-se por meio de uma carta (R), Jerôme havia ido embora com outra mulher, a sua secretária (C). Durante esse período não conseguiu ter relações sexuais (punição negativa). Para conseguir se masturbar, procurava estímulos visuais nas viagens de metrô, os quais pudessem lembrar Jerôme, contudo, após um período, não surtiram mais o efeito desejado.

Joe retomou a vida sexualmente ativa quando o pai adoeceu. Acamado no hospital com câncer e solitário, Joe realizava visitas regularmente e, como esquiwa experimental, tinha relações sexuais com vários parceiros presentes no ambiente hospitalar durante a internação do pai. Desse modo, a partir das contingências de reforçamento negativo, a compulsão sexual fez-se presente naquele momento. Logo, nota-se a dificuldade de Joe em se relacionar afetivamente, recorrendo frequentemente a esquiwa experimental em momentos que envolviam afetividade, estresse, ansiedade, dor, solidão e tristeza.

Após algum tempo, Joe reencontrou Jerôme e iniciou um relacionamento estável. Porém, não obtinha prazer sexual com ele, o que gerava muita angústia e conflitos

familiares. Não conseguir sentir prazer era uma forma de esQUIVA perante o contato com um relacionamento interpessoal íntimo. Diante desse imbróglio, o marido consentiu que Joe mantivesse casos extraconjugais, o que a fez voltar a sentir prazer nas relações sexuais.

Contudo, cada vez mais envolvia-se em casos perigosos, sendo um deles um sádico que a espancava com frequência (punição positiva). Imersa na compulsão sexual, dedicava-se menos ao casamento e ao filho, Marcel, com quem também não conseguia se relacionar afetivamente (esQUIVA experimental), sentindo-se, por isso, constantemente culpada. Divorciou-se e o filho foi conduzido para uma casa de acolhimento. Mensalmente, encaminhava uma quantia financeira para o filho (reforço negativo).

Com problemas no ambiente de trabalho em decorrência da compulsão sexual, a chefe orientou Joe a procurar terapia. Na terapia grupal, Joe sentiu dificuldade em falar a respeito das suas dificuldades emocionais e sociais, apesar do constante reforço das integrantes do grupo por meio de palavras de apoio e audiência não punitiva (SKINNER, 2003).

Além disso, foi orientada a eliminar ou distanciar-se de qualquer objeto, situação ou pessoa que estivessem emparelhados com seu comportamento compulsivo. Entretanto, vivenciou esse processo com muita angústia, ansiedade e estresse, não obtendo o efeito desejado pela terapeuta. A orientação para casos como o de Joe é que ocorra o oferecimento de modelos de relacionamento social, tendo em vista o déficit de habilidades sociais (NEVES E SILVA; DE-FARIAS, 2013; SOUZA, 2017; VERMES; ZAMIGNANI, 2002).

Aliado a isso, realizar um processo de dessensibilização sistemática, ou seja, enfrentamento gradual das situações ansiógenas. Dessa maneira, devido a estimulação aversiva

provocada por esta agência de controle (TODOROV, 2020), Joe apresentou como respostas as emoções de revolta, resistência, medo, ansiedade, raiva e depressão, as quais aumentaram a emissão de comportamentos de esquiva e fuga (VERMES; ZAMIGNANI, 2002).

Após a separação, distanciamento do filho e a frustrada terapia de grupo, Joe apresentou comportamentos de agressividade dirigidos tanto a si - a partir da automutilação decorrente das relações sádicas -, quanto a outros indivíduos, tendo condutas criminosas por meio da cobrança de dívidas. Atuando na criminalidade, Joe obtinha reforçamento positivo para sua conduta sexual e agressiva, considerada amoral pela sociedade.

Em seu grupo de trabalho ilegal, ela era respeitada e admirada. Além disso, utilizava conhecimentos sobre homens e comportamentos sádicos para obter ganhos financeiros, *status* social e reconhecimento (reforçamento positivo) e, ao mesmo tempo, sentir prazer nas agressões e intimidações (reforçamento positivo).

Após muitos anos, reencontrou Jérôme em uma cobrança de dívida. Seguindo o padrão de esquiva, evitou encontrá-lo por ainda estar envolvida emocionalmente com ele. Intencionava matá-lo, não conseguiu, sendo agredida e humilhada por ele e sua amante, sem reagir (reforçamento negativo). Após o espancamento, foi encontrada por Seligman, que a levou para sua casa e cuidou dos seus ferimentos. Joe contou a ele toda a sua vida, desde a infância. Seligman, tal qual um terapeuta, apresentou um comportamento reforçador para Joe, sendo empático a sua narrativa, com uma “audiência não punitiva” (SKINNER, 2003; VERMES; ZAMIGNANI, 2002). Posteriormente, ao deitar-se, Joe sofreu uma tentativa de violência sexual por Seligman (punição positiva). Defendeu-se matando-o.

Sendo assim, conclui-se que a emissão dos comportamentos de compulsão sexual ocorria em

contextos aversivos a partir da esquiva experimental. Na morte do seu pai e nos relacionamentos com Jérôme e seu filho, evidencia-se a dificuldade da personagem em expressar afeto, resolver problemas e ter autocontrole. Tal déficit de habilidades sociais gerava significativo sofrimento para Joe, com repercussões negativas em todos os âmbitos de sua vida.

Considerações Finais

O presente capítulo procurou explorar o transtorno obsessivo-compulsivo utilizando os filmes *Ninfomaniaca I e II*. Os transtornos obsessivos-compulsivos caracterizam-se como sendo respostas repetitivas e/ou estereotipadas emitidas para prevenir ou eliminar as obsessões e/ou ansiedade. Tais respostas acontecem tanto pelo reforçamento negativo quanto pelo reforçamento positivo, nas mais variadas contingências.

Além disso, a esquiva experimental ocorre com frequência, objetivando evitar, eliminar ou diminuir o contato com determinadas experiências, especialmente aquelas com sensações corporais, emoções, pensamentos e lembranças. Com isso, evitam-se contextos, situações e eventos onde acontecem estas vivências, bem com as sensações aversivas em si mesmas, as quais atuam como estímulos discriminativos aversivos privados.

Nos filmes, Joe emitia comportamentos de compulsão sexual em contextos aversivos a partir da esquiva experimental, para evitar ou diminuir as respostas emocionais aversivas (estresse, ansiedade e medo), as quais foram aprendidas nos poucos ambientes onde a personagem esteve presente em sua vida.

Como resultado do pouco contato social e das poucas interações que pudessem aprimorar as suas habilidades sociais, Joe apresentou pequena variabilidade

comportamental e baixa frequência de classes de respostas positivamente reforçadoras, que impactaram negativamente nas suas relações familiares, sociais e profissionais.

São necessárias mais pesquisas na área de análise do comportamento que abordem a compulsão sexual, especialmente entre mulheres, devido ao estigma e exclusão social que vivenciam em função do transtorno. Além disso, tendo em vista a escassez de estudos, devem ser realizadas pesquisas sobre estratégias terapêuticas para o manejo deste tipo de comportamento, as quais poderiam proporcionar fundamentação teórica e prática aos profissionais da Psicologia, bem como a realização de estudos que sejam longitudinais, com indivíduos com comorbidades e que abordem os impactos profissionais, familiares e sociais do transtorno.

Referências

ABREU, P. R.; PRADA, C. G. Relação entre condicionamentos operante e respondente no transtorno obsessivo-compulsivo. **Estudo de Psicologia**, Campinas, v.22, n.3, p.225-232, jul-set, 2005.

BANACO, R. A. Alternativas não aversivas para tratamento de problemas de ansiedade. In: MARINHO, M. L.; CABALLO, V. (Orgs.) **Psicologia Clínica e da Saúde**. Londrina: Atualidade Acadêmica, 2001, p.197-212.

DEL PRETTE, A.; BOLSONI-SILVA, A. T. Problemas de comportamento: um panorama da área. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v.5, n.2, p.91-103, 2003.

FARIAS, A. C.R. de.; RIBEIRO, M. R.; COELHO, C.; SANABIOHECK, E. T. Laranja mecânica: uma análise behaviorista radical. In: FARIAS, A. K. C. R. de.; RIBEIRO, M. R. (Orgs.).

Skinner vai ao cinema 1. Brasília: Instituto Walden, 2014, p. 24-44.

MOREIRA, M. B. Curtindo a vida adoidado: personalidade e causalidade no Behaviorismo Radical. In: FARIAS, A. K. C. R. de.; RIBEIRO, M. R. (Orgs.). **Skinner vai ao cinema 1.** Brasília: Instituto Walden, 2014, p. 1-23.

MORIYAMA, J. de S.; AMARAL, V. L. A. R. do. Transtorno dismórfico corporal sob a perspectiva da análise do comportamento. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. IX, n.1, p.11-25, 2007.

NEVES E SILVA, J. L.; DE-FARIAS, A. K. C. R. Análises funcionais molares associadas à Terapia de Aceitação e Compromisso em um caso de Transtorno Obsessivo-Compulsivo. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. XV, n.3, p.37-56, 2013.

SIDMAN, M. **Coerção e suas implicações.** Campinas: Editora Psy, 1995.

SILVA, D. R. S. da.; ALENCAR, E. T. S.; DIAS, E. da S.; MENEZES, F. G. Transtorno obsessivo-compulsivo (TOC): características, classificação, sintomas e tratamento. **ConScientiae Saúde**, v.6, n.2, p.351-359, 2007.

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano.** 11.ed. São Paulo: Martins Editora, 2003.

SKINNER, B. F. **Questões recentes na análise do comportamental.** Campinas: Papyrus, 1991.

SKINNER, B. F. **Sobre o behaviorismo.** São Paulo: Cultrix, 1974.

SKINNER, B. F. **O comportamento verbal.** São Paulo: Cultrix, 1957.

SKINNER, B. F. **Contingências do reforço a epistemologia genética.** São Paulo: Abril Cultural, 1976.

SOUZA, K. P. A. A intervenção terapêutica da Análise do Comportamento no TOC. **Revista Espaço Acadêmico**, n.197, p.132-142, 2017.

- TODOROV, J. C. **Comportamento e cultura**: análise de interações. Brasília, DF: Technopolitik, 2020.
- TODOROV, J. C. A psicologia como estudo de interações. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 23, p.57-61, 2007.
- TODOROV, J. C.; MOREIRA, M. B. O conceito de motivação na psicologia. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 7, n.1, p.119-132, 2005.
- TODOROV, J. C. O conceito de contingência na psicologia experimental. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v.7, p.59-70, 1991.
- VERMES, J. S.; ZAMIGNAMI, D. R. A perspectiva analítico-comportamental no manejo do comportamento obsessivo-compulsivo: estratégias em desenvolvimento. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. IV, n.2, p.135-149, 2002.

Capítulo 6

COISA MAIS LINDA: A SORORIDADE SOB A PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

Sarah Faria Abrão Teixeira

“Eu sou porque nós somos.”
(Marielle Franco, 2016).

Introdução

Uma fala célebre de Simone de Beauvoir (1949) diz: *“Nunca se esqueça que basta uma crise política, econômica ou religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados. Esses direitos não são permanentes. Você terá que manter-se vigilante por toda a sua vida”*.

O fenômeno cultural da desigualdade de gênero tem se apresentado de forma consistente ao longo da história em diferentes culturas ao redor do mundo. Através da instalação de estruturas de poder que colocam as mulheres abaixo dos homens, diferentes práticas culturais contribuem para a manutenção do desequilíbrio de autoridade, assim como para a desigualdade de privilégios, com base nos estereótipos de gênero (SAFFIOTI, 2004).

O movimento feminista busca analisar e transformar as relações sociais, combatendo as estruturas de poder que mantém tal desigualdade. Assim, o termo *feminismo* se refere “à tentativa de alterar o papel social da mulher, com base em um programa de ação que explicita práticas culturais responsáveis por um desequilíbrio na distribuição

de reforçadores sociais, favorecendo os homens em detrimento das mulheres” (SILVA; LAURENTI, 2016, p. 199).

Devido ao uso recente do termo sororidade na língua portuguesa, ao menos no Brasil, e também por este carregar muitas possibilidades polissêmicas, opta-se neste texto pelo seu conceito etiológico: *sóror*, do latim, que significa “irmãs”. Pode ser entendido como algo relativo às relações de irmandade, caracterizadas, entre outras coisas, pelo apoio mútuo entre as mulheres.

Deste modo, a partir destes referenciais, a sororidade representada na relação das personagens mulheres da série *Coisa Mais Linda* será analisada a partir dos pressupostos teórico/práticos da Análise do Comportamento.

Skinner (2007) postula que o comportamento humano é produto da seleção pelas consequências e se dá em três níveis de seleção. O primeiro, a filogênese, se refere à sobrevivência das espécies a partir de determinado conjunto de características (anatômicas e comportamentais) observáveis de um organismo. O segundo nível, a ontogênese, referente à história comportamental durante a vida de cada indivíduo. Já o terceiro e último nível é a cultura, referente à sobrevivência de determinadas práticas de um grupo social. Nas palavras do autor:

O comportamento humano é o produto conjunto de a) contingências de sobrevivência responsáveis pela seleção natural das espécies, e b) contingências de reforçamento responsáveis pelos repertórios adquiridos por seus membros, incluindo c) contingências especiais mantidas por um ambiente cultural evoluído. (Em última análise, obviamente, tudo isso é uma questão de seleção natural, uma vez que o condicionamento operante é um processo evoluído, do qual as práticas culturais são aplicações especiais) (SKINNER, 2007, p. 131).

Ao se considerar este modelo explicativo do comportamento humano proposto por Burrhus Frederic Skinner (1904 – 1990), a dimensão orgânica do ser humano por si só - mesmo contribuindo em sua constituição - não é suficiente para determiná-lo por completo, uma vez que só ganha sentido a partir de uma história de vida individual que está assentada em um contexto cultural, datado historicamente.

Para Skinner (1998) a Análise do Comportamento também busca compreender e intervir sobre as relações funcionais entre estímulo, resposta e consequência, a partir do conceito contingência tríplice, especificamente: i) eventos que antecedem a resposta; ii) a atividade do organismo e iii) eventos subsequentes as respostas do organismo.

Tal termo é empregado como termo técnico na Análise do Comportamento para destacar as relações de dependência entre eventos, ou seja, “como a probabilidade de um evento pode ser afetada ou causada por outros eventos” (CATANIA, 1999).

Dessa maneira, o comportamento só existe ao interagir com o ambiente: “não há como falar do comportamento em si, mas somente nas suas relações com o ambiente. Não há como falar em ambiente, se não se especificam as condições ou o modo com que este faz intercâmbio com o organismo” (CARRARA, 2015, p. 40).

Assim, considerando a complexidade humana ao analisar seus aspectos multidimensionais, o Behaviorismo Radical¹ sinaliza que a mesma só pode ser entendida em termos de cada

¹ Apresentado por B. F. Skinner pela primeira vez em 1945, em seu artigo *The Operational Analysis of Psychological Terms*, o Behaviorismo Radical foi postulado pelo autor como campo filosófico da análise experimental e análise aplicada do comportamento como uma proposta de entendimento do objeto, métodos e papel da psicologia na sociedade contemporânea. Desde então, outros estudiosos adotaram a filosofia e até os dias de hoje contribuem na defesa de sua trajetória (SERIO, 2005).

um desses três níveis e da inter-relação entre eles, negando explicações reducionistas do comportamento. Deste modo, podemos entender que os padrões de comportamento definidos e desempenhados pelos homens e pelas mulheres seriam melhor explicados considerando-se não somente a filogênese, mas sobretudo a ontogênese e a cultura.

Segundo Silva e Laurenti (2016), embora pouco explorado na literatura comportamental, é possível relacionar o feminismo com a filosofia do Behaviorismo Radical e às aplicações analítico-comportamentais. Pensar a discussão da mulher a partir dos processos de variação e seleção sugere a exclusão da ideia de uma essência feminina e defende que a noção de feminino seria histórica e contingente aos três níveis de seleção.

As autoras também relacionam a concepção de ser humano como produto de três níveis históricos, definida especificamente a partir da analogia entre Simone de Beauvoir (1908 – 1986)² e B. F. Skinner, ou seja, em termos biológicos (filogenético), psicológicos (ontogenético) e sociais (cultural).

De tal modo, a mulher é produto de construções análogas às três histórias de variação e de seleção do modelo explicativo de Skinner, uma vez que, do mesmo modo como Beauvoir, propõe encaminhamentos políticos operacionalizados para mudanças de ambientes físicos e culturais. “Escolhemos o caminho errado, logo no início, quando supomos que nosso objetivo é mudar ‘mentes e corações de homens e mulheres’ ao invés do mundo no qual eles vivem” (SKINNER, 1978, p. 112).

² Simone Lucie-Ernestine-Marie Bertrand de Beauvoir nasceu em Paris (França), no dia 9 de janeiro de 1908. Ativista política, produziu diversas obras relacionadas à filosofia e sociologia. Conhecida por sua grande contribuição no campo dos estudos sobre feminismo e na luta por igualdade de gênero, faleceu com 78 anos, no dia 14 de abril de 1986 em sua cidade natal.

Vivemos em uma sociedade que se constitui a partir de padrões sociais estabelecidos historicamente, que ditam o que é ser homem e o que é ser mulher. Um corpo que pensa, sente e se comporta só adquire significado feminino ou masculino em relação a esse mundo que fornece substratos para a divisão dos direitos dos homens e das mulheres, isto é, a partir de aspectos comportamentais e culturais, e não da base biológica.

Assim, a construção do gênero feminino – ou a história de cada mulher e os estereótipos atribuídos a ela – não é suficiente para defini-la, pois os métodos e critérios utilizados para caracterizá-la, não por acaso, por instituições dominantes - como família e religião -, não necessariamente descrevem como a mulher sente, se identifica ou se percebe no mundo.

De acordo com Silva e Laurenri (2016), para vislumbrar formas mais igualitárias de relações entre homens e mulheres, torna-se necessário separar sexo de gênero para evidenciar que práticas culturais que favorecem os homens em detrimento das mulheres não devem ser justificadas a partir da redução de questões sociais (gênero) – como onde e de que forma a mulher deve estar em uma organização social – a aspectos biológicos (sexo).

Ao identificarem as diferentes formas opressoras que tal controle social exerce, uma possibilidade das mulheres responderem é a partir do contracontrole:

O contracontrole social recebeu, na esteira das concepções de Skinner e de Holland, a seguinte definição: qualquer classe de respostas emitidas por indivíduos (isolados ou em grupo) que tenham o efeito de prevenir, eliminar ou atenuar as consequências aversivas e/ou exploratórias (a curto, médio ou longo prazo) produzidas para tais indivíduos por qualquer dada instância de controle social institucionalizada

(legal ou consuetudinariamente) ou em vias de institucionalização (SÁ, 2016, p. 55).

Dessa forma, apesar do ambiente social ser contexto para a construção, tanto da dimensão de gênero, quanto da identidade da mulher, o feminismo e a sororidade tornam-se contextos de contraponto favoráveis para a emissão de respostas de contracontrole, contribuindo para o autoconhecimento, autonomia e equidade de direitos para as mulheres.

Para isso, a aproximação, o diálogo e a troca respeitosa entre o feminismo e a Análise do Comportamento se faz necessária e relevante, tanto para analisar as operações de controle social relacionadas às desigualdades de gênero presentes na sociedade predominantemente patriarcal em que vivemos e a qual nos opomos, quanto para levantar as possibilidades de construção e avaliação de ferramentas de contracontrole (COUTO; DITTRICH, 2017).

Vídeo Analisado

Tipo de Material	Série
Titulo Original	Coisa Mais Linda
Nome Traduzido	Coisa Mais Linda
Gênero	Drama Romântico
Ano	2019
Local de lançamento e Idioma original	Brasil; Português.
Duração	Média de 45 min (cada episódio)
Direção	Heather Roth, Giuliano Cedroni

A primeira temporada de *Coisa Mais Linda*, série de televisão brasileira lançada em 22 de março de 2019, conta com sete episódios e aborda, entre outras coisas, aspectos do momento histórico e cultural da década de 1950 no Brasil, sobretudo no eixo Rio de Janeiro – São Paulo,

representando a ascensão da Bossa Nova como gênero musical e o processo de emancipação das mulheres.

Ao chegar à cidade do Rio de Janeiro no ano de 1959, Maria Luíza, personagem principal, vinda de São Paulo - onde morava com seus pais e filho -, descobre que havia sofrido um golpe de seu marido (Pedro). O casal tinha realizado um investimento financeiro com o objetivo de montar um restaurante, porém Pedro desaparecera com o dinheiro.

Maria Luíza, que até então tinha sua vida permeada de relações machistas e conservadoras, descobre um universo de possibilidades e maneiras distintas de ser, pensar e sentir-se mulher. Porém, isso não é possível sem o apoio de outras mulheres, especialmente Adélia (futura sócia), Lígia (amiga de infância) e Thereza (amiga que conhece no Rio).

No decorrer da trama, as histórias de vida dessas mulheres se entrelaçam, evidenciando a identificação na luta pela igualdade de direitos, apesar da pluralidade da condição feminina e especificidade de cada uma, como diferenças de classe, raça e crença religiosa.

Análise Crítica

A família de Maria Luíza é apresentada como tradicionalmente patriarcal e conservadora, portanto é possível que a personagem tenha se desenvolvido num contexto familiar caracterizado por contingências coercitivas, especificamente devido à submissão por ser mulher.

Tais contingências não favorecem a instalação de um repertório satisfatório de discriminação, nem a variabilidade de comportamentos de autoconfiança e autoestima em situações de exposição a ambientes sociais desconhecidos. De maneira oposta, favorece um repertório comportamental predominantemente composto de respostas insatisfatórias de fuga-esquiva.

Apesar de Maria Luíza ter se desenvolvido – assim como mulheres de sua época e também nos dias atuais – em uma sociedade machista, isto é, que limitava o alcance de consequências produzidas por ela mesma, ao que parece, a personagem teve acesso a expressões de cuidado e afeto por parte dos pais, desenvolvendo um repertório base de autoestima:

A autoestima é o produto de contingências de reforçamento positivo de origem social. Assim, sempre que uma criança se comporta de uma maneira específica, e os pais a consequenciam com alguma forma de atenção, carinho, afago físico, sorriso (cada uma dessas manifestações por parte dos pais pode ser chamada de reforço social generalizado positivo ou consequência positiva), estão usando contingências de reforçamento positivo, estão gratificando o filho (GUILHARDI, 2002, p. 07).

Tal repertório fica evidente no comportamento entre Maria Luíza, seu filho e seus pais, como afeto físico e elogios. Contudo, como produto de contingências de controle produzidas pela sociedade patriarcal em que vivia, a personagem ainda apresentava *déficit* de comportamentos mantidos por reforço positivo, bem como de comportamentos de contracontrole.

Porém, esse cenário começa a mudar. Ao chegar à cidade do Rio de Janeiro e vivenciar todas as perdas envolvidas com o desaparecimento do marido, o primeiro episódio é dedicado em apresentar o acolhimento e apoio vindo de outros modelos³ de mulheres com as quais Maria Luíza se encontra, são elas: Adélia, Lígia e Thereza.

³ Referimo-nos a modelo considerando formas de aprender através do processo de modelação. Segundo Bandura (1979), as expectativas sociais e regras comportamentais são também culturalmente

Cada uma dessas mulheres oferece um contexto reforçador para Maria Luíza, apoiam que a personagem siga em direção ao seu sonho. Assim, mesmo diante do desamparo causado pelo marido e depois do pai, que ameaça retirar o apoio financeiro, Maria Luíza não fica sob controle da regra arbitrária formulada pelo mesmo, qual seja: de voltar para casa, se casar e ser conseqüenciada pelo controle dos homens.

Pelo contrário, a personagem, a partir de comportamentos já presentes em seu repertório, como a autoestima, fica sob controle de contingências de reforçamento naturais, oferecidas principalmente pelas colegas mulheres, e decide por permanecer na cidade carioca.

O segundo episódio aponta as condições aversivas de submissão ao poder social de cada personagem. Lígia é impedida de trabalhar e está refém da relação abusiva que vive com Augusto, que a partir de respostas coercitivas (gritar, bater, estuprar) mantém sua esposa sob seu controle.

Adélia trabalha como faxineira no mesmo prédio no qual agora reside Maria Luíza. Conta com a ajuda da irmã para a criação de sua filha, mora na periferia e tem uma relação amorosa com Capitão. Enfrenta todas as dificuldades de ser mãe solteira e diariamente é vítima de racismo.

Thereza, casada com Nelson, irmão de Augusto, vive em condições mais amenas, com possibilidade de trabalhar em uma revista dedicada ao público feminino. Apesar de rotineiramente conviver com práticas machistas no ambiente de trabalho, tem relação de maior equilíbrio com o marido.

transmitidas por modelação, ou seja, através da observação do comportamento de outra pessoa. Nos relacionamentos interpessoais tendemos a repetir o que nos parece reforçador. Por exemplo, quando Maria Luíza observa e “aprende” que existem formas de se comportar de maneira mais autônoma, como a de Thereza, torna-se provável a imitação desses comportamentos.

Maria Luíza, sem possibilidade de obter crédito para abrir seu clube de música, conta com a parceria de Adélia para realizar seu sonho.

Tais condições aversivas são caracterizadas por submissão, uma vez que ao não serem expostas a contingências amenas de reforçamento positivo, tais mulheres não são livres. Liberdade, conforme postula Skinner (1972), é quando controlamos as contingências que controlam nosso comportamento, com a possibilidade de produzir reforços positivos ou poupar reforços negativos de maneira sistemática e previsível.

A trama segue com o terceiro episódio denunciando exemplos de machismo, racismo e também ressalta a diferença entre as próprias mulheres. Com o clube prestes a abrir, ocorre um acidente, o local é atingido por uma forte chuva que destrói as instalações e toda estrutura montada pela parceria entre Maria Luíza e Adélia, relação que vamos nos ater para pensar a interseccionalidade.

Segundo Mizael (2019), a interseccionalidade pode ser conceituada como “a análise das formas de entrelaçamento entre diferentes marcadores sociais contextualizados histórico e culturalmente que podem produzir desigualdades, mas também formas de resistências e/ou privilégios” (p. 47).

Considerando a necessidade de análise das relações de controle e a compreensão de que o ambiente social no qual o indivíduo pertence o possibilita uma visão específica de mundo, o diálogo entre a Análise do Comportamento e o feminismo interseccional é possível a partir das contingências apresentadas pelos diferentes níveis de controle e de acesso a reforçadores, ou seja, marcadores sociais que definem as possibilidades de escolhas e formas alternativas de comportamento.

À vista disso, diante da situação adversa do acidente, Maria Luíza expressa o racismo ao discutir com Adélia e não

considerar seus privilégios, quando diz sobre seu “direito de trabalhar”. Então, Adélia é categórica ao lembrar sua amiga que trabalhar desde os oito anos de idade não foi direito, mas sim condição de sobrevivência e pontua: “*a gente não é igual, você sempre teve escolhas, eu não*”.

A análise de tal trecho se faz necessária a fim de sinalizar as articulações decorrentes da inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e patriarcado, que colocam as mulheres negras frequentemente mais expostas às condições coercitivas dessas estruturas sociais.

No quarto e quinto episódios, após a ocasião em que discutem, Maria Luíza e Adélia retomam suas rotinas anteriores de se conhecerem e, mais uma vez, voltam a vivenciar o machismo e o racismo característico de suas relações sociais.

Porém, após vivenciarem ambientes que as tornaram conscientes i) de que eram vítimas de contingências coercitivas, ii) de que outras contingências de reforçamento produziam comportamentos alternativos que eram mais favoráveis e iii) que elas mesmas poderiam governar suas vidas em alguma medida, as personagens experimentaram a liberdade e depois disso, nas próprias palavras de Maria Luíza: “*minha vida, como ela era, não me cabe mais*”.

Maria Luíza volta a procurar por Adélia, oferece novamente uma parceria, contudo agora na condição de sócias, isto é, com divisão equitativa no negócio. Maria Luíza se desculpa e pontua que, apesar das diferenças, tinham em comum o machismo que as acorrentava e causava sofrimento em ambas. Então, Maria Luíza, Adélia, Lígia e Thereza se ajudam e se dá a inauguração do tão sonhado clube de música, com mulheres à frente, criticando o patriarcado e o controle dos homens sobre suas vidas.

Para que as quatro amigas se libertassem seriam necessárias contingências de reforçamento apropriadas. O contexto de submissão a que cada uma estava sujeita

apresentava impossibilidades das personagens exercerem contracontrole. Uma condição possível para a superação de dada condição seria através da sororidade, do apoio mútuo entre elas.

Dessa forma, a sororidade entre as quatro principais mulheres da trama permitiu a exploração de outras formas de se comportar, possibilitando a obtenção de reforçadores anteriormente não acessíveis sem o empoderamento da mulher, sendo esse: “o processo pelo qual as mulheres adquirem novos repertórios comportamentais que, de alguma forma, se relacionam à mudança de contextos aversivos dependentes de seu gênero” (COUTO, 2019, p. 167).

Ruiz (1998) destaca o valor dado pelas feministas ao conhecimento das variáveis que afetam o comportamento humano como ferramenta de mudança, sendo de interesse tanto para o feminismo, quanto para a Análise do Comportamento, uma vez que os pontos em comum de ambas as comunidades são fortes possibilidades de transformação e compromisso da sociedade.

Nos episódios seis e sete, últimos da primeira temporada, apesar de alguns conflitos, as amigas Maria Luíza, Adélia, Lúgia e Thereza seguem sendo contextos favoráveis de empoderamento umas para as outras.

A série mantém até a última cena a defesa da sororidade, na qual o apoio permanece em diferentes momentos da vida das personagens, possibilitando transformações radicais e libertadoras em suas vidas.

O movimento feminista nacional e internacional, presente há décadas na resistência às práticas culturais machistas vigentes, afirma categoricamente que a revolução social ou será feminista ou não será. Sugere-se que ela seja também comportamentalista, à medida que sugerimos ferramentas de mudanças nas formas opressivas de controle social, em direção à igualdade de direitos.

Considerações Finais

A série *Coisa Mais Linda*, muito embora deva se considerar o viés da mídia de entretenimento e certa “romantização” da trama - bastante próprias à dinâmica da televisão -, nos faz refletir sobre questões sociais e também sobre a importância do autoconhecimento para transformações coletivas, como a sororidade, a luta e conquista dos direitos das mulheres.

A Análise do Comportamento pode contribuir para tais transformações à medida que dispõe de um arcabouço teórico metodológico útil para conhecer os controles sob os quais o comportamento das pessoas em sociedade se mantém, auxiliando na instalação e na análise de respostas e consequências de contracontrole, bem como em projetos de mudança social como um todo.

A participação de uma comunidade verbal feminista se faz premente na observação e descrição de variáveis que controlam o comportamento das mulheres.

Na série analisada, levantaram-se algumas hipóteses sobre essas variáveis, entre elas a sororidade como estímulo discriminativo, em outras palavras, contexto altamente favorável para que as mulheres desenvolvam repertório de autoconhecimento, emancipação e controle, acessando consequências reforçadoras vindas desse repertório.

Frente a isso, o apoio mútuo entre Maria Luíza e suas amigas as expuseram a um novo contexto, que favoreceu a emissão de respostas contingentes às operações em vigor em suas vidas, bem como aumentou a variabilidade comportamental, como repertório de resolução de problemas e respostas de controle e contracontrole, ampliando a autoconfiança e as relações interpessoais e afetivas.

As aproximações entre a comunidade feminista e a behaviorista radical, já declarada por Ruiz (1998) como urgente e possível de ser feita utilizando-se dos princípios comportamentais descritos pela filosofia e ciência propostas por B. F. Skinner, configuram-se enquanto terreno fértil para produção de bons resultados, com a condição de que analistas do comportamento atuais tenham interesse e dedicação sobre importantes reflexões e possíveis atuações comprometidas com transformações em práticas culturais vigentes.

Vale lembrar que tais aproximações entre as áreas devem ser realizadas de forma cuidadosa e respeitosa, reconhecendo com humildade que a teoria analítico-comportamental não se faz superior aos conhecimentos já existentes nas teorias e práticas feministas (COUTO; DITTRICH, 2017).

O objetivo da comunidade analítico comportamental seria se contrapor, assim como o feminismo interseccional, a todo e qualquer tipo de preconceito. Defender a análise relacional organismo/ambiente significa identificar que o problema não está no indivíduo e sim em práticas culturais discriminatórias.

Dessa forma, faz-se necessário assumir o desafio de programar práticas culturais que encontrem consequências atuais que substituam aquelas a longo prazo, essas identificadas como essenciais para a sobrevivência da nossa cultura, ou seja, que necessariamente diminua as mazelas humanas, ampliando ambientes mais reforçadores e emancipatórios.

Aqui relembramos a frase utilizada pela militante dos direitos humanos e vereadora pela cidade do Rio de Janeiro, Marielle Franco, durante a campanha eleitoral de 2016. Marielle era mulher negra e feminista, foi brutalmente assassinada em 2018 e se consolidou como símbolo do

ativismo no Brasil e no mundo: “*Eu sou porque nós somos*” (MARIELLE FRANCO, 2016).

Referências

BANDURA, A. **Modificação do Comportamento**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1979.

BEAUVOIR, S. De. O segundo sexo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949.

CARRARA, K. **Uma ciência sobre “coisa” alguma: relações funcionais, comportamento e cultura**. São Paulo: Cultura Acadêmica. 2015.

CATANIA, A. C. **Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição**. (4ª ed). Porto Alegre: Artmed. 1999.

COUTO, A. G. O empoderamento das mulheres sob uma perspectiva analítico-comportamental. *In*: PINHEIRO, R. S.; MIZAE, T. (Org.). **Debates sobre feminismo e Análise do Comportamento**. (1ª ed.). Fortaleza: Imagine Publicações. 2019.

COUTO, A. G.; DITTRICH, A. Feminismo e análise do comportamento: Caminhos para o diálogo. **Revista Perspectivas em Análise do Comportamento**, v. 8 n. 2, p. 147-158. 2017.

GUILHARDI, H. J. Auto-estima, autoconfiança e responsabilidade. *In*: BRANDÃO, M. Z. da S.; CONTE, F. C. de S.; MEZZAROBBA, S. M. B. (Org.). **Comportamento Humano – Tudo (ou quase tudo) que você precisa saber para viver melhor**. Santo André, SP: ESETec Editores Associados. 2002.

MIZA EL, T. Pontes entre o feminismo interseccional e a análise do comportamento. *In*: PINHEIRO, R. S.; MIZAE, T. (Org.). **Debates sobre feminismo e Análise do Comportamento**. (1ª ed.). Fortaleza: Imagine Publicações. 2019.

- RUIZ, M.. R. Personal agency in feminist theory: Evicting the illusive dweller. **The Behavior Analyst**, n. 21, p. 179-192. 1998.
- RUIZ, M. R. B. F. Skinner's radical behaviorism: Historical misconstructions and grounds for feminist reconstructions. **Behavior and Social Issues**, v. 5, p. 29-44. 1995.
- SÁ, C. P. J. G. H. Contracontrole social e socialização do behaviorismo radical. **Revista Brasileira De Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 18(esp.), p. 52-60. 2016.
- SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. 2004.
- SERIO, T. M. de A. P. O behaviorismo radical e a psicologia como ciência. **Rev. bras. ter. comport. cogn.**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 247-262, dez. 2005.
- SILVA, E. C.; LAURENTI, C. B. F. Skinner e Simone de Beauvoir: “a mulher” à luz do modelo de seleção pelas consequências. **Revista Perspectivas em Análise do comportamento**, v. 7, n. 2, p. 197-211. 2016
- SKINNER, B. F. **O mito da liberdade**. São Paulo: Summus.1972.
- SKINNER, B. F. **Reflections about behaviorism and society**. New Jersey: Prentice-Hall. 1978.
- SKINNER, B. F. Seleção por conseqüências. **Rev. bras. ter. comport. cogn.**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 129-137, jun. 2007.
- SKINNER, B. F. **Ciência e Comportamento Humano**. São Paulo: Martins Fontes. 1998.
- SKINNER, B. F. The operational analysis of psychological terms. **Cumulative Record** (pp.416-430), Acton, MA: Copley Publishing Group. 1945/1999.

Capítulo 7

365 DIAS: REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO DE SELF E O CONTEXTO DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER SOB A ÓTICA ANALÍTICO COMPORTAMENTAL

Aline de Marco da Silveira
Thais de Souza Mascotti

Introdução

Na análise do comportamento, o conceito de self é entendido como a percepção de eventos privados particulares de cada sujeito, como sentimentos e pensamentos, produzidos por contingências de reforçamento e não como uma entidade causadora de comportamento (MOREIRA; SILVA; LIMA; ASSAZ; OSHIRO; MEYER, 2017).

A comunidade verbal seria responsável por modelar e refinar esse repertório de auto-observação e autoconhecimento, seja por meio da modelação, ou quando, a partir de eventos públicos, se infere eventos privados; ou ainda pela modelagem por meio de perguntas para o indivíduo sobre seu próprio comportamento (ex.: “O que você está sentindo?” ou “O que você fez?”), ou pelo feedback (ex.: “Parece que você está se sentindo feliz.”) (MOREIRA *et al.*, 2017).

A Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT), terceira geração das terapias comportamentais, dialoga com a ideia de construção do self a partir da interação de um indivíduo verbalmente competente com a comunidade ao seu redor, e difere da concepção Behaviorista Radical ao incluir a

abstração (treino de múltiplos exemplares) do “EU” como processo verdadeiramente importante para a concepção de self de um indivíduo. O conceito de self definido pela ACT que mais se aproxima com a proposta Skinneriana consiste na proposta de self como processo, descrito como a habilidade de observar e descrever as próprias experiências privadas no momento em que ocorrem, enquanto os conceitos de self como contexto e conteúdo relacionam-se a como o indivíduo aprende a responder a seu próprio comportamento a partir de relações verbais (MOREIRA *et al.*, 2017).

O self como conteúdo refere-se ao responder ao próprio comportamento a partir de relações verbais entendidas como de coordenação (“Eu sou o amor da vida dele”), oposição (“Eu não sou capaz de terminar essa relação”) e distinção (“Eu sou diferente das outras mulheres”) (MOREIRA *et al.*, 2017). Enquanto o self como contexto faz referência à resposta ao próprio comportamento a partir de relações hierárquicas (Eu/você/ele ou Pai/filho...) e dêiticas (Aqui/Lá ou Hoje/Ontem/Amanhã), e:

[...] é desenvolvido por intervenções que permitam ao indivíduo entrar em contato com a constância da experiência do Eu à despeito da mudança no conteúdo psicológico (ações, pensamentos, sentimentos) e, dessa forma, compreender que o Eu é maior do que essa experiência. Em outras palavras, que essas experiências psicológicas fazem parte do Eu, mas não são equivalentes ao Eu (TÖRNEKE *et al.*, 2016 apud MOREIRA *et al.*, 2017 p.233).

A ACT não descreve um senso de self mais ou menos saudável ou um caminho a ser desenvolvido, mas sim que o indivíduo seja capaz de desenvolver flexibilidade para

alternar entre esses self, observando o contexto externo e interno a que está exposto.

Neste contexto, o entendimento do conceito de amor e violência também se faz necessário para a análise posterior do material escolhido. Na análise do comportamento, o amor pode ser compreendido como a interação entre os três níveis de seleção (filogenético, ontogenético e cultural).

O nível filogenético (*Eros* - nomenclatura grega) inclui componentes eróticos (produtos da história da espécie), e a interação depende de dados sensoriais, visuais, táteis, olfativos, entre outros. Quando há erotismo na relação, este sentimento pode ser nomeado de paixão; e quando não envolve erotismo, mas o contato com o corpo do outro faz bem, há conforto, proteção, consolo, etc. (GUILHARDI, 2015).

No nível ontogenético (*Philia*), a depender da história de contingências de reforçamento de cada indivíduo, o amor vai incluir diferentes preferências e aversões. Assim, o que aproxima ou afasta uma pessoa da outra vai mudar, a depender do que essa pessoa que gosta (ou não) aprendeu a valorizar e gostar ou a rejeitar e desvalorizar; podendo ficar sensível apenas a essas características (GUILHARDI, 2015).

Por fim, no nível cultural, há *Ágape* (denominação grega), em que “a história de contingências de reforçamento cultural estabelece limites para os determinantes filo e ontogenéticos, uma vez que inclui e amplia [...] a importância do outro na interação amorosa [...]” (GUILHARDI, 2015, p. 16). Seria a cultura que determina o que é ou não aceito socialmente em uma relação amorosa (DIAS; MACHADO; GONÇALVES; MANITA, 2012).

Assim, diferentes comportamentos descritos como expressões de amor variam a depender da época, da cultura e da história de vida individual. Dentro de uma visão de amor romântico, por exemplo, amar pode ser

considerado sinônimo de encontrar uma única pessoa (a “alma-gêmea”), que seria amada e aceita por completo, que compreende o outro perfeitamente, muitas vezes sem ser necessário que a outra pessoa expresse o que pensa e sente; aspectos práticos da relação (como dinheiro ou tarefas domésticas) não precisam ser discutidos, uma vez que o que “guia” a relação são os sentimentos; também pode ser sinônimo de nunca mais sentir solidão. Além disso, o romantismo uniu a ideia de amor e sexo, tendo o sexo como a máxima expressão de amor, assim como relacionou o casamento a viver uma história de amor vitalícia (THE SCHOOL OF LIFE, 2018).

Essa visão romantizada de amor pode dificultar discriminar relações de violência e controle, ou ainda desresponsabilizar o agressor e ser uma variável de manutenção da vítima na relação, por exemplo, quando a violência é significada como manifestação de ciúmes e o mesmo é considerado como uma “prova de amor” (COSTA *et al.*, 2017); ou ainda, a ideia de que só se ama uma única pessoa durante toda a vida e que o amor pode transformar o agressor, ou até mesmo de que, quando se ama, há que se aceitar o outro, independentemente de como se comporta (DIAS; MACHADO; GONÇALVES; MANITA, 2012).

Para começar a discutir sobre violência nos relacionamentos, portanto, é importante se atentar para o fato de que a violência e relações violentas ocorrem dentro de um contexto de estrutura de gênero e regime patriarcal presente no processo cultural de socialização feminina e masculina, que coloca a mulher em posição desigual em relação ao homem. Em outras palavras, o homem teria uma relação de dominação em relação a mulher (que ocuparia um lugar de submissão). Nesse cenário, desenvolve-se também a concepção da mulher enquanto objeto de satisfação sexual do homem. A consciência desse contexto cultural e social em que a violência ocorre é importante

para não reduzirmos o problema apenas a nível individual quando, na verdade, é também de ordem política e social (MEDEIROS, 2010).

A violência contra a mulher pode ser entendida como:

[...] qualquer ato de violência que resulte, ou tenha probabilidade de resultar, em prejuízo físico, sexual ou psicológico, ou ainda sofrimento para as mulheres, incluindo também a ameaça de praticar tais atos, a coerção e a privação de liberdade, ocorrendo tanto em público como na vida privada (AZAMBUJA *et al.*, 2003, p.15 *apud* MEDEIROS, 2010, p.35-36).

Independentemente de como se expresse, sendo física, psicológica, sexual ou patrimonial, a violência vai ser uma forma de exercício de poder (MEDEIROS, 2010). Dentro do contexto do filme que será analisado neste capítulo, cabe a definição mais específica da violência sexual e violência psicológica¹.

A violência sexual corresponde a qualquer forma ou tipo de atividade sexual que ocorre sem o consentimento (ou contra a vontade) do outro, seja por meio do uso da força física ou do poder, coerção, intimidação psicológica, manipulação ou suborno (BRASIL, 2001; MEDEIROS, 2010); inclui também o coagir a participar e/ou presenciar uma relação sexual, exibicionismo e masturbação forçados, carícias indesejadas, entre várias outras formas (BRASIL, 2001).

Já a violência psicológica caracteriza-se por ações que causem ou visem causar “dano à autoestima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa” (BRASIL, 2001, p. 20-21), seja por meio de humilhação, desvalorização, chantagem,

¹ Vale ressaltar que as expressões desses dois tipos de violência (psicológica e sexual) não se esgotam nos exemplos citados. Devido ao limite de páginas do capítulo, foi dado ênfase ao que mais se relacionava ao filme analisado; para mais expressões de violência, vide Brasil (2001).

isolamento de amigos e familiares, ridicularização, manipulação afetiva, exploração, ameaças, privação arbitrária da liberdade, omissão de carinho e atenção, entre outros (BRASIL, 2001).

A confusão sobre o que é o amor, como se expressa, e a naturalização da violência e de estereótipos de papéis de gênero podem contribuir para que a mulher não saiba nomear suas experiências como violência, o que pode colaborar para que permaneça nesse tipo de relação ou fique silenciada (MEDEIROS, 2010).

Ainda, o isolamento social e afastamento das redes de suporte da vítima por meio da violência psicológica pode ser um contexto que facilitaria sua permanência na relação pela limitação de uma comunidade verbal capaz de estabelecer relações verbais que a descreve de maneira validante.

Dado que o conceito o self é construído por meio de relações que se estabelecem verbalmente entre o “Eu” e o mundo, em contextos de maior isolamento social, a mulher perderia o acesso à possibilidade de obter outras visões de si e se manteria cercada pela única visão do abusador ou agressor.

A descrição do conceito de amor romântico dentro da sociedade patriarcal remete à discussão de Skinner (1971) a respeito da interação de controle entre indivíduos em situação de exploração, em que há um agente controlador e um indivíduo sendo controlado de forma perversa, tanto pelo uso de coerção (como inserir o outro em interações violentas, retirar afeto, bens ou acesso), quanto pelo uso de reforçamento positivo (como dar presentes, carinho, escuta ativa e cuidado), no qual a consequência imediata é reforçadora e a de médio e longo prazo é aversiva.

Assim, a ocorrência de contracontrole do agente controlado é mais evidente nas interações em que há uma ocorrência maior de consequências aversivas imediatas, do

que naquelas de ocorrência atrasada, uma vez que nela ocorre a produção de sentimentos de liberdade que diminuem a probabilidade de o indivíduo contra controlar (SKINNER, 1974).

Desta forma, quando em uma relação de exploração há menos controle aversivo, torna-se mais difícil descrever a interação como de exploração e se comportar de forma a sair dela; adequar-se a uma estrutura com práticas misóginas² geram reforçadores imediatos - e sentimentos de bem estar - que mantém esses comportamentos no repertório feminino, entretanto, não contribui para a mudança da hierarquia de gêneros a longo prazo (COUTO, 2017), mesmo que tragam a sensação de liberdade.

Guiar-se apenas pelos sentimentos para agir não garante uma ação empoderadora (COUTO, 2017). Isso por conta da possibilidade de um indivíduo estar sob controle de outro e não se sentir controlado, possibilitando que o agente controlador utilize de menos métodos de controle aversivo e diminuindo a probabilidade de contracontrole (SKINNER, 1974).

Considerar em qual contexto esses comportamentos ocorrem e a serviço de quê estão importa para analisar a funcionalidade do comportamento e dá pistas para observar um comportamento verdadeiramente empoderador.

² A cultura patriarcal tem por base práticas de preconceito, desvalorização e desigualdade com relação à mulher, ensinando que comportamentos agradáveis ao homem (depilar o corpo, fazer as unhas e cabelos, estar disponível sexualmente ao parceiro, às tarefas domésticas e parentais) são adequados, e desagradáveis ao homem (dar preferência à carreira, vestir-se em prol do próprio conforto, negar se relacionar afetivo-sexualmente) são inadequados. Agir da maneira descrita como adequada gera reforçamento social imediato e sentimentos como aceitação e valorização, entretanto, a longo prazo, não contribui para a mudança da estrutura de poder estabelecida.

Sobre a compreensão a respeito do empoderamento feminino em relações de controle:

Nas relações em que há consequências atrasadas, frequentemente não ocorre contracontrole, pois, (...) as contingências que produzem os sentimentos de liberdade surgidos em tais relações diminuem a probabilidade de contracontrolar. Nessas relações de exploração, podemos incluir a desigualdade entre homens e mulheres, que perdura também pelo emprego de consequências aversivas atrasadas – mulheres que se comportam de acordo com práticas culturais misóginas recebem reforçamento positivo imediato (...) (COUTO, 2017, p41).

Assim, a definição de empoderamento estaria de acordo com uma mudança das relações de poder, tendo por base o uso de contracontrole; e é essa que será utilizada neste capítulo.

(...) no empoderamento com base no contracontrole: a menção aos sentimentos das mulheres ocorre, mas a descrição das variáveis que levam a tais sentimentos permite inferir a função de tais sentimentos em uma contingência de aversividade presente ou de percepção do controle a que se submetem as mulheres nos contextos apresentados (COUTO, 2017, p.42).

Esse capítulo tem como objetivo fazer uma análise crítica de aspectos do filme *365 dias*, que passam por violência e abuso contra a mulher, de acordo com o viés teórico analítico comportamental e da Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT), unindo dados trazidos pela literatura e pelo filme para inferir uma possível mudança do conceito de self da mulher quando inserida em relações de abuso.

Vídeo Analisado

Tipo de Material	Filme
Título Original	<i>365 Days (DNI)</i>
Nome Traduzido	365 dias
Gênero	Drama/romance
Ano	2020
Local de lançamento e Idioma original	Polônia, Polonês
Duração	1h56min
Direção	Barbara Bialowas

O filme retrata a estória da personagem Laura, uma mulher apresentada como bem sucedida e independente que, durante uma viagem com o namorado, é sequestrada por Massimo, membro de uma máfia siciliana.

Como explicação para tê-la sequestrado, Massimo afirma ter visto Laura durante um acidente que o marcou muito e fez da imagem da jovem a representação da “mulher de sua vida”. Portanto, Massimo justifica o sequestro em sua experiência prévia e afirma à Laura que precisa tê-la para si, prendendo a moça em uma mansão e afirmando que ao fim de 365 dias ela estaria apaixonada por ele.

A partir desse ponto, Massimo inicia com Laura interações verbais e físicas por vezes agressivas e por vezes amistosas, intercalando seu padrão entre uma e outra.

No filme, a personagem é inserida a comunidade dominada pela máfia de Massimo, que passa à personagem novos modelos comportamentais. Ao final do filme, observamos a mudança comportamental de Laura, tanto com relação a seu ambiente, quanto com relação a si mesma, o que dá espaço a inferir uma mudança em seu conceito de si.

Análise Crítica

Para melhor execução da análise, a mesma será separada em três tópicos, sendo a primeira referente à personagem de Laura antes de sofrer o sequestro; a segunda durante e após o encarceramento e a terceira referente a comportamentos empoderadores enquanto meio de contracontrole em situações de opressão.

Laura antes do sequestro

No início do filme, as cenas da personagem Laura são intercaladas com cenas de seu futuro sequestrador, Massimo. Ambos são mostrados em reuniões de negócios, comportando-se fisicamente de modo semelhante; a postura corporal e a forma de se comunicar com os pares permite com que o espectador levante a hipótese de que Laura é uma personagem segura e/ou confiante, assim como Massimo. Todavia, Laura também é descrita como “*frágil, fraca e que carece de cuidados*” por seu namorado Martin, na cena seguinte em que chega em casa e propõe para o mesmo que fiquem juntos.

Para além desta cena, é possível levantar a hipótese de que a interação com Martin era aversiva para Laura em alguns momentos, como a fala da personagem para sua amiga Olga: “*Não sou mais importante para Martin. Na hierarquia de Martin estou atrás de seus amigos e do trabalho. E, o mais importante, atrás dele mesmo*”.

Uma hipótese, segundo esta fala, é a de que ser amada corresponderia a ser importante, e ser importante corresponderia a ser considerada uma prioridade na vida do outro, em consonância com uma visão romantizada de amor (THE SCHOOL OF LIFE, 2018). Infere-se, portanto, um conceito de self como conteúdo, que descreve uma relação inflexível entre si e o amor, de forma que só se seria amado

se o ser amado a colocasse em primeiro lugar (MOREIRA et al., 2017).

Laura durante e após o sequestro

Desde o início do filme, o sequestro da personagem é caracterizado por ambivalências entre as falas de Massimo, direcionadas à Laura, e as ações executadas pelo sequestrador, ações essas que eram físicas e sexualmente violentas (BRASIL, 2001) – como a empurrar no sofá, segurar seu pescoço, passar as mãos por seu corpo sem seu consentimento – apresentadas juntamente a verbalizações que indicam cuidado (ex.: *“Fique sentada, me deixe cuidar de você”*), respeito (ex.: *“Não te tocarei até você me permitir”*), amor utópico e incondicional, associando o próprio sequestro e confinamento a *“chance de vivenciar uma paixão”*, e atribuindo a um ato violento - o cercear a liberdade - o significado de *“um ato de amor”*.

Da mesma maneira, a violência psicológica, caracterizada por ações que causem ou visem causar dano à autoestima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa (BRASIL, 2001), está presente em cenas de constantes ameaças à segurança de Laura e ao isolamento de amigos e familiares ao sequestrá-la, privando-a da liberdade, ou ainda ações que visem mudar a forma como a personagem via essas figuras; como quando Laura aponta que há pessoas que irão procurá-la após o sequestro (família e namorado), e Massimo entrega fotos de Martin a traindo e diz que o mesmo não a merece.

Por meio destas frequentes ambivalências apresentadas por Massimo em sua interação com Laura, é possível hipotetizar a formação de algumas relações de coordenação entre violência física e cuidado, violência sexual e amor, e sequestro e ato de amor, de forma que, conforme a narrativa se desenvolve, observa-se uma

diminuição na frequência de comportamentos de contracontrole por parte da personagem e de verbalizações como “*Não sou sua propriedade*”, “*Não sou de ninguém. Não sou um objeto*” ou ainda “*Não pode me ter assim. Me sequestrar e achar que sou sua*”.

Após Laura tentar fugir do sequestro e não obter sucesso, Massimo afirma que “*às vezes brigar é inútil, é preciso aceitar a situação*” (Regra) e que “*estava nas mãos dela deixar o ano que seguiriam juntos um fardo ou uma aventura.*”, atribuindo a vítima a responsabilidade por sofrer a violência.

Essa regra parece começar a valer para Laura, uma vez que, a partir desta cena, seu comportamento começa a mudar com relação ao cárcere e a Massimo. Assim, seguem-se cenas de jantares escolhidos por Laura, festas glamourosas, viagens em iates e compras. Em todas as ocasiões, a personagem era acompanhada com atenção por Massimo, o qual afirmava querer ser ensinado a como ser delicado com a personagem (hipótese de ser amada = estar em primeiro lugar).

Ao mesmo tempo, como já dito, a ambivalência existia em toda a interação, seja por meio das falas e ações, juntamente com cenas coercitivas de violência física e sexual (segurá-la pelo pescoço durante o banho; humilhá-la sexualmente em público no avião, trancá-la no quarto e prendê-la nua na cama, testemunhar ato sexual sem consentimento).

De certa forma, é possível observar a existência de tentativas de contracontrolar por parte de Laura em momentos mais pontuais, principalmente quando o comportamento de Massimo parecia ser compreendido como mais aversivo – humilha-la sexualmente no avião, prendê-la na cama.

Em outra cena, ao andarem de iate enquanto discutiam sobre Laura ter sofrido uma tentativa de estupro em uma festa, Laura cai na água e é resgatada por Massimo. A primeira frase que Laura diz ao acordar é “*Você me*

salvou?”, ao que Massimo enuncia “Estou grato que você está viva, mas ao mesmo tempo quero te matar. Ainda bem que estava perto de você. Por que você é tão desobediente? Eu não posso te perder”.

Nesse ponto, a personagem é culpabilizada tanto pela tentativa de estupro (Massimo aparenta não ter aprovado a vestimenta que Laura usou durante a festa), quanto por cair do iate, ao passo que é colocada - dentro do conceito de amor romântico e patriarcal - como um EU com garantia de receber atos heróicos e de ser posta em primeiro lugar, desde que obedeça às condições colocadas a ela.

Assim, é possível inferir que os atos de violência de Massimo passariam a significar atitudes de responsabilidade de Laura a partir de possíveis relações aprendidas em apontamentos de culpabilização (“Você é desobediente”), e ela passaria a se manter com o personagem por acreditar que Massimo é alguém que cuida e a considera como alguém importante (“Ainda bem que eu estava perto de você” e “Não posso te perder”), logo, que existe amor na relação (MOREIRA et al., 2017).

Somado a isso, a frequência de controle aversivo diminui em comparação com controle por reforço positivo, aumentando a sensação de bem estar da personagem, como é possível notar em sua segunda ida às compras (SKINNER, 1974). Essa hipótese é confirmada mais adiante, na cena em que Laura retorna a Varsóvia e afirma a sua amiga estar apaixonada por “uma pessoa que sempre cuida e a defende ao ponto dela se sentir uma criança”. Um pouco mais adiante, a personagem aceita o pedido de casamento de seu sequestrador.

O papel da comunidade verbal

É importante salientar que a comunidade verbal influencia na formação de relações verbais que estabelecemos (MOREIRA et al., 2017), de forma que o que vai

sendo ensinado por essa comunidade é uma coordenação entre “Massimo e cuidado”; entre “Laura e alguém frágil” e entre “Laura e necessidade de cuidado”. Por exemplo: Domenico, um dos homens de confiança de Massimo, é encarregado por cuidar de Laura e, logo em sua primeira interação com a personagem, em uma de suas falas afirma “*Eu acho que ele só quer cuidar muito bem de você*”.

A todo momento, os homens ao redor de Massimo e o próprio personagem afirmam que “*Laura tem uma personalidade difícil*”, remetendo a ideia de uma mulher difícil de lidar, que não sabe cuidar de si mesma e que precisa ser controlada.

Um pouco antes de seu casamento, Olga (amiga de Laura), discute com Laura afirmando “*Você está presa. Em uma gaiola de ouro, mas está presa!*”. Laura responde que sabe o que está fazendo e que “*não é idiota*”. É possível levantar a hipótese de que, quando fora do contexto do relacionamento e com a ajuda de uma rede de apoio que a permita descrever melhor a relação, Laura consegue identificar que estar com Massimo não é saudável para ela. Entretanto, ao voltar ao convívio exclusivo com o abusador e afastar-se da rede de suporte, essa descrição se perde.

Empoderamento

Uma ação empoderadora poderia ser entendida como um comportamento que tem como função alterar as relações de poder estabelecidas em uma interação de exploração, tendo por base o uso de contracontrole (COUTO, 2017). Durante o filme, algumas ações de Laura podem ser compreendidas como tentativas de controlar os comportamentos de Massimo quando estes eram altamente aversivos, como sua tentativa de fuga.

Entretanto, tais comportamentos não eram efetivos, no sentido de não possibilitarem a alteração da relação de

poder a que a personagem estava inserida, seja devido aos comportamentos ambivalentes de Massimo e/ou de uma cultura patriarcal que descreve comportamentos desejáveis (ex.: arrumar-se para jantar com seu parceiro; estar disponível sexualmente) e não desejáveis (ex.: dar trabalho ao parceiro) para as mulheres dentro de um conceito de amor romântico e da ação da comunidade verbal - servindo de contexto para a formação de novas relações verbais sobre a pessoa de Laura.

É possível que um indivíduo esteja sob controle **de outro, de uma instituição ou uma cultura**, mesmo que não se sinta controlado por ela, basta a diminuição da frequência e intensidade de métodos de controle aversivo para que a probabilidade de contracontrole diminua (SKINNER, 1974).

Ao longo do filme, observa-se que, na medida em que os sentimentos de Laura de bem estar - como liberdade, excitabilidade e adequação - aumentaram, as verbalizações que descreviam sua situação como um cárcere e, com isso, a frequência de comportamentos de contracontrole, diminuíram.

Considerações Finais

A classificação do filme como romance nos sites de divulgação e crítica é um indício de como a cultura pode contribuir para naturalizar relações de violência, como se tais relações fossem expressões de amor, ou como se esses comportamentos fossem justificáveis “em nome do amor” (DIAS; MACHADO; GONÇALVES; MANITA, 2012). No entanto, o que se pode observar no filme, ao invés de comportamentos de cuidado com o outro, são cenas de violência (sexual e psicológica).

A partir das interações da personagem principal, foram levantadas hipóteses sobre relações verbais estabelecidas antes e após o sequestro, na intenção de analisar de que

forma o contexto de violência física, sexual e psicológica a qual Laura é inserida alterariam o conteúdo de suas falas com relação a si.

Observou-se que, na medida em que se alterava o contexto onde a personagem era inserida, outras relações verbais se estabeleciam, ao ponto de um ato de violência poder adquirir outros significados, como cuidado, afeto ou amor; e um ato libertador - como sair da interação - significar uma perda de oportunidade, de tempo ou um ato rebelde; no filme, o estabelecimento de tais relações ocorreu concomitante a diminuição de tentativas de contracontrole e, portanto, tentativas de cessar a relação de exploração a qual a personagem estava inserida.

Laura apenas obteve a liberdade de seu cárcere ao ter sua vida retirada. Segundo dados do Instituto Patrícia Galvão³, 13 mulheres brasileiras são assassinadas por dia, vítimas de feminicídio; destes, 66% são praticados dentro de casa, compreendendo a própria casa da vítima como o ambiente mais perigoso para a mulher. Por conta disso, práticas educativas que envolvam ensinar os meninos e homens a se relacionarem de outra forma com a própria masculinidade são medidas necessárias a nível cultural, uma vez que envolvem mudanças na estrutura patriarcal a qual a sociedade tem se estabelecido. Outra medida é empoderar meninas e mulheres, tanto para identificar relacionamentos de controle, quanto para tomar ações de contracontrole que caminhem para alterar essas relações.

³ O Instituto Patrícia Galvão é uma organização social sem fins lucrativos que trabalha com questões de visibilidade e debate público nas mídias sobre direitos das mulheres.

Referências

BRASIL. **Violência intrafamiliar: orientações para prática em serviço**. Secretaria de Políticas de Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2001. Disponível em: <https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cdo5_19.pdf>. Acesso em: 22 de ago. de 2020.

COSTA, N.; ALMEIDA, C.; GOMES, H.; LOBATO, J.; GONDIM, L.; SILVA, M.; PINHEIRO, R. DA S.; ALMEIDA, T.; LIMA, V. A. O ciúme está relacionado ao amor? Contribuições de uma perspectiva analítico-comportamental. **Perspectivas em Análise do Comportamento**, v. 5, n. 1, p. 40-48, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.18761/perspectivas.v5i1.127>> Acesso em: 20 de ago. de 2020.

COUTO, A. G. **Uma análise behaviorista radical da discussão feminista sobre o empoderamento da mulher**. Dissertação (Pós-Graduação em Psicologia do Setor de Ciências Humanas). Universidade Federal do Paraná. 2017. Disponível em: <<https://www.acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/52567/R%20-%20D%20-%20ALINE%20GUIMARAES%20COUTO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 20 de ago. de 2020.

DIAS, A. R.; MACHADO, C.; GONÇALVES, R. A.; MANITA, C. Repertórios interpretativos sobre o amor e as relações de intimidade de mulheres vítimas de violência: Amar e ser amado violentamente? **Análise Psicológica**, XXX (1-2), p. 143-159, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v30n1-2/v30n1-2a12.pdf>>. Acesso em: 25 de ago. de 2020.

GUILHARDI, H. J. Interações amorosas sob uma perspectiva comportamental. **Instituto de Terapia por Contingências de Reforçamento**, p. 1-17, 2015. Disponível em: <<http://www.itcrcampinas.com.br/txt/interacoesamorosas.pdf>>. Acesso em: 20 de ago. de 2020.

INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. **Violência contra as mulheres em dados.** Disponível em: <<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/13-assassinadas-por-dia-e-quase-5-mil-sentencas-por-feminicidio-veja-os-numeros-desse-crime-no-brasil/>>.

Acesso em: 22 de ago. de 2020.

MEDEIROS, M. N. **Violência conjugal: repercussões na saúde mental de mulheres e de suas filhas e seus filhos adultos/os jovens.** Dissertação (Programa de pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura). Brasília/DF, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/14080/1/2010_MarcelaNovaisMedeiros.pdf>. Acesso em: 30 de jul. de 2020.

MOREIRA, F.; SILVA, E.; LIMA, G.; ASSAZ, D.; OSHIRO, C.; MEYER, S. Comparação entre os conceitos de self na FAP, na ACT e na obra de Skinner. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 19, n. 3, p. 220-237, 2017.

SKINNER, B. F. *Beyond freedom and dignity*. Middlesex, Reino Unido: Penguin Books, 1971.

SKINNER, B. F. **About behaviorism**. New York: Penguin Books, 1974. THE SCHOOL OF LIFE. *Relacionamentos*. 1 ed. Sextante, 2018.

Capítulo 8

EU MATEI ELE: UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE A INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO NA VIVÊNCIA DA HOMOSSEXUALIDADE

Felipe Gonçalves
Tiago Florêncio

“O grupo exerce um controle ético sobre cada um de seus membros através, principalmente, de seu poder de reforçar ou punir” (SKINNER, 1953 p. 263).

Introdução

A Organização Mundial de Saúde (OMS), agência especializada em saúde desde 1948, reconhece a sexualidade humana como uma das bases fundamentais da qualidade de vida, constituindo parte do desenvolvimento global nas diferentes fases da existência. Este conceito se desdobra para além da binariedade biológica macho/fêmea, masculino/feminino, abarcando também a dimensão histórica e cultural, garantindo o direito à saúde sexual através do estado de bem-estar físico, emocional, mental e social ligados à sexualidade. Abrange desde a expressão de fantasias, prazer, erotismo, reprodução, sexo, identidade de gênero e orientação afetiva-sexual, sendo influenciada por fatores políticos, culturais, econômicos, sociais, psicológicos, biológicos, éticos, legais, históricos e religiosos (LARA, 2009).

O termo sexualidade originou-se no século XIX para ampliar a compreensão fragmentada, erotizada e essencialista do sexo. Em cada época e em cada sociedade

recebeu diferentes sentidos, valores e normativas na estrutura de organização social e na expressão dos comportamentos sexuais. Na história da cultura ocidental, o modelo predominante de relacionamento afetivo-sexual tem sido o heterossexual, onde o indivíduo sente-se atraído afetiva e/ou sexualmente por alguém de gênero oposto ao seu (homem-mulher), com finalidade procriativa para manutenção do sistema familiar. Esse modelo recebeu fortes e grandiosas influências da cultura judaico-cristã, atuante no dispositivo de controle e repressão sobre as manifestações da sexualidade.

Entre 1938 a 1953, os estudos do professor Alfred Kinsey, também conhecidos popularmente por Relatório Kinsey, colaboraram para tornar visíveis diversos comportamentos sexuais tidos como anormais, como por exemplo, a masturbação e as relações entre indivíduos homossexuais (indivíduos que se sentem atraídos afetiva-sexualmente por outros do mesmo gênero, homem-homem, mulher-mulher).

Porém, aos poucos, “a medicina transformou aquilo que a religião chamava de pecado em doença”, exercendo influência sobre a sexualidade em relação aos comportamentos sexuais que não tivessem a finalidade da reprodução, constituindo assim a patologização do sexo dentro do modelo médico normalidade-doença.

Após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), surgiram diversos movimentos sociais em prol da liberdade e expressão sexual, como por exemplo, o movimento feminista e o movimento de homossexuais (SENEM, CARAMASCHI, 2017).

Em 1973, a Associação Americana de Psiquiatria (APA) retirou a homossexualidade, do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), pois, antes, qualquer comportamento que não levasse à procriação era tido como desviante, não-natural (MIZAEL, 2018).

No ano de 1990 foi a vez da Organização Mundial da Saúde (OMS) retirar a homossexualidade do rol de doenças da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde, a CID-10. Somente em 22 de março de 1999, que o Conselho Federal de Psicologia (CFP), entidade que fiscaliza, orienta e disciplina a profissão no Brasil, instaurou a resolução de N° 001/1999, estabelecendo normas de atuação para os profissionais da psicologia em relação à questão da Orientação Sexual (CFP, 1999), reconhecendo oficialmente que a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio, nem perversão (SANTOS, 2013).

Na realidade brasileira, Fazzano e Gallo (2015) apontam que mais de um terço das pessoas que se autodeclaram homossexuais são vítimas de violências, em que a maioria são homens com características tidas como mais afeminadas, sendo as causas ainda pouco estudadas e os casos subnotificados. A maior parte das violações dos direitos ocorrem em espaços públicos e dentro de casa, consistindo nas estatísticas em que 61.9% das vítimas conhece o seu agressor. As formas mais frequentes de violência são as psicológicas, as discriminações e as violências físicas.

Ainda predomina na cultura uma explicação mentalista para justificar o fenômeno da homofobia, onde o agressor se vê ameaçado em seus impulsos sexuais e com isso nega, reprime ou reage a isso de forma agressiva. Esse tipo de violência causa danos diretos à constituição da individualidade e a forma como se estabelecem as relações com os pares.

Para Mizael (2018), a homofobia pode ser definida através de complexos comportamentos operantes e respostas emocionais, que ocorrem por via de agressões físicas, psicológicas e/ou sexuais. O preconceito é direcionado aos “(...) indivíduos cuja prática ou orientação

sexual não é heterossexual, e/ou a indivíduos cuja expressão e/ou identidade de gênero não é coerente com o gênero que foi asignado no nascimento” (p. 17).

Historicamente, a família é um dos principais núcleos de socialização e formação do sujeito, ambiente que oferece as primeiras vivências de aprendizagem da homofobia, seja no papel de atores, seja no de vítimas. A família como fenômeno de extensão da cultura, funciona como dispositivo de controle das normas sobre a sexualidade de seus membros, garantindo a manutenção da heteronormatividade a partir da supressão das sexualidades dissidentes. A homofobia familiar se insere no contexto da intimidade do mundo privado, e suas manifestações de violências vão de físicas, psicológicas, sexuais, até outras formas de crueldade (TOLEDO, 2013).

Vídeo Analisado

Tipo de Material	Curta-metragem
Título Original	Eu Matei Ele
Nome Traduzido	Não há
Gênero	Drama
Ano	2020
Local de lançamento e Idioma original	Brasil, Português
Duração	28 minutos
Direção	Xandinho Vasconcelos

Eu Matei Ele é um curta-metragem com a temática gay, dirigido por William Mattos e produzido no departamento de Cinema e Vídeo do curso de Cinema da Universidade Federal Fluminense. Lançado em 28 de junho de 2020 no Brasil, na plataforma de compartilhamento de vídeos YouTube. Nele, é narrada a estória de Joaquim, um adolescente brasileiro em fase pré-vestibular, que vivencia

conflitos com sua sexualidade e o preconceito de sua mãe Lúcia.

O termo curta-metragem faz referência a um filme de curta duração, que pode ter por finalidade vários propósitos. Neste curta, o recurso audiovisual visa a aproximar quem está assistindo da temática da homossexualidade, sendo um facilitador motivacional e didático para salientar algumas características importantes. A obra foi marcada por três momentos, referenciando seu título: “Eu / Matei / Ele.”

Na primeira parte, vemos Joaquim - o protagonista - em seu quarto com a imagem de um crucifixo ao fundo, onde fotografias são projetadas na parede. Na sequência, vemos ele e os amigos conversando, momento no qual ele verbaliza uma situação de conflito, que mais à frente descobrimos se tratar da relação materna.

Joaquim vive com sua mãe Lúcia, mulher religiosa, na meia idade, figura autoritária e conservadora. O curta não menciona outra pessoa participativa no cuidado do personagem, porém faz alusão a uma possível existência, podendo ser notado através da aliança usada pela mãe. A casa é um dos cenários principais da estória, local permeado por diversos elementos religiosos, numa referência explícita a cultura judaico-cristã, como por exemplo, o crucifixo de parede, a bíblia, o pingente de crucifixo, o terço, entre outros.

Os diálogos são atravessados por dilemas morais, nos quais a mãe comporta-se de modo a invalidar o filho em seus desejos e em suas experiências. Ficam evidentes diversas falas onde a mãe verbaliza sua moral religiosa, desencadeando, assim, conflitos entre eles, como podem ser vistos na estória da colega de escola que teve filho, na relação dele com o grupo de amigos, nos locais que ele frequenta, na escolha do curso pré-vestibular, entre outros.

Ela relaciona, por exemplo, a escolha do curso de história ao comunismo, ao ateísmo e ao uso abusivo de drogas.

Num outro momento, vemos a amiga Eliza - mais conhecida como Lili, o João e o Joaquim compartilhando intimidades numa conversa. Nisso, João se despede dos amigos, dando um beijo no rosto de Joaquim, que reage surpreso ao gesto, dizendo para a amiga que ele nunca tinha feito isso. Ela aponta o quanto é visível a aproximação entre eles, além da amizade. Ao questioná-la sobre sua fala, acaba por afastar-se do assunto.

A segunda parte é marcada pelo beijo entre João e Joaquim, numa cena em que estão fazendo uso de substâncias psicoativas, culminando em reação de afastamento físico. Na sequência, ele está em sua casa e recebe uma ligação telefônica de João, enquanto a mãe observa. Ela reage dizendo que o garoto não é uma boa pessoa, que ele deve respeito a ela por morar debaixo do mesmo teto, e que cabe a ela decidir sobre o que é certo e errado para ele. O ápice da cena resulta na mãe gritando com ele e agredindo-o com um tapa no rosto.

Vemos um diálogo entre Joaquim e João, no qual há um questionamento sobre seus valores morais, sua crença em Deus, aludindo ao pecado, trazendo como referência um trecho bíblico. João se declara abertamente a Joaquim, falando sobre os seus sentimentos. Joaquim, após esta declaração, se afasta.

Numa outra cena, a mãe está sentada à mesa da cozinha com a inscrição pré-vestibular do filho e o desenho de dois homens numa situação de intimidade. Em uma das mãos segura o terço e em outra amassa o papel da inscrição. Ela o aborda dizendo que ele não a respeita e não lhe dá valor, mesmo sendo a única pessoa que cuida dele. Ela o proíbe de prestar o vestibular, mandando-o de volta ao quarto.

Em seguida, é mostrada a cena do Joaquim sendo levado ao hospital, numa cadeira de rodas, com os amigos e a mãe estando presentes na cena.

Observa-se o afastamento do personagem dos amigos e seu estado de humor deprimido. A mãe quer mandá-lo a um retiro religioso. Ele verbaliza que não aguenta mais, que nasceu assim, e que quanto mais reza, mais nojo tem de si mesmo.

Por fim, a mãe e ele estão à mesa na cozinha da casa, quando ele vomita e ela o socorre. Ele pede para que ela se afaste, diz que não tem mais fé, que Deus não o curou, e que nunca poderá ser feliz. Ela o manda calar a boca e ele sai de cena.

Análise Crítica

A agência de controle e o controle aversivo

Ao olhar com cuidado para o cenário religioso sobre o qual o curta foi construído, parece plausível enquadrá-lo no que Skinner (1953) chamou de agência controladora¹. Dentro de grupos, existem grupos menores que exercem controle sobre os demais membros, organizando e regulando o comportamento. A esses grupos menores o autor deu o nome de agências controladoras, e dentre elas está a religião.

No curta, embora não seja possível observar a personagem Lúcia interagindo com algum grupo específico, fica evidente a maneira como seus credos, opiniões e comportamentos de forma geral são

¹ É importante ressaltar que a palavra “controle” está fortemente associada à opressão e dominação (SIDMAN, 1995), mas segundo Hunziker (2011) trata-se da maneira bidirecional em que elementos de uma contingência se influenciam, ou seja, a maneira como homem e ambiente se modificam mutuamente.

influenciados pela religião, haja vista todos os elementos religiosos já citados e todas as falas da personagem.

Lúcia, em um trecho, diz “... isso dá o direito de decidir o que é certo e o que é errado para você...” (sic.), e pode ilustrar como é comum na religião que um determinado membro do grupo assuma o papel de quem estabelece o que é certo ou errado, do que é divino ou profano. Uma vez que não se experimenta das contingências, ou seja, não há comportamento efetivamente conseqüenciado com céu ou inferno, a criação desses dogmas se origina no comportamento verbal.

É a partir dele - do comportamento verbal de um (ou alguns) membros do grupo - que se cria a ideia de que alguns merecerão o céu e outros o inferno, a depender do quão capaz se é de seguir as regras estabelecidas. O céu passa a ser associado à uma série de estímulos reforçadores, enquanto o inferno é associado à tantos outros estímulos aversivos.

Como mencionado na citação acima, o grupo pode exercer controle através do reforçamento ou da punição, e a despeito da experiência particular de cada leitor desse capítulo, *Eu Matei Ele* só apresenta situações de controle aversivo.

Segundo Hunziker (2011), em contingências desse tipo, o estímulo aversivo é um ponto em comum. Em determinada cena, enquanto caminham pela rua, João se declara e questiona se Joaquim sente o mesmo. Joaquim parece surpreso com a pergunta e evita respondê-la, mudando de assunto. A contingência para Joaquim poderia ser assim desenhada:

Reforçamento Negativo

João se declara e questiona sobre reciprocidade.	Joaquim fala de outro assunto e não responde à pergunta.	Evita o “pecado”
--	--	------------------

Enquanto fala “*O que eu fiz é pecado João. A bíblia diz...*” (sic.), Joaquim é interrompido por João “... se dois homens se pegarem eles deverão morrer...” (sic.). Apesar da falta de acesso aos pensamentos e sentimentos de Joaquim naquele momento, é possível construir a hipótese de que ele não assume o interesse pelo amigo, uma vez que aquilo é pecado, segundo sua experiência. Ao mudar de assunto e se esquivar da resposta, ele provavelmente experimenta de alívio por “evitar a tentação”. Essa contingência é chamada de reforçamento negativo.

Outro exemplo é o já mencionado tapa no rosto. Joaquim e a mãe estão em uma discussão e em determinado momento ela o agride com um tapa no rosto. Imediatamente Joaquim fica em silêncio e a discussão cessa. Nesse caso, a contingência ficaria dessa forma:

Punição Positiva

João e mãe discutindo.	Joaquim responde.	Mãe dá um tapa.
------------------------	-------------------	-----------------

Para Skinner (1953), a punição é capaz de suprimir imediatamente a resposta do sujeito, e é exatamente o que acontece com Joaquim. Mais uma vez só é possível criar hipóteses, mas o fato de Joaquim se calar imediatamente depois do tapa é um forte indício de que sua resposta foi

consequenciada com uma estimulação aversiva, ou seja, uma contingência de punição positiva.

Entretanto, a contingência mais presente na vida de Joaquim é a punição negativa. São inúmeros os exemplos em que o personagem deixa de ter acesso a diferentes reforçadores, uma vez que eles são avaliados pela mãe como pecaminosos ou impuros.

Joaquim não pode ir a festas, não pode ir a um bar, precisa se afastar de um amigo e também não pode cursar a faculdade de sua preferência. A contingência envolvendo o vestibular ficaria assim:

Punição Negativa

Possibilidade de cursar história.	Joaquim se inscreve no vestibular.	Mãe não permite que ele preste a prova.
-----------------------------------	------------------------------------	---

Joaquim tem constantemente seus direitos revogados ou cerceados, a ponto de gerar dúvida se de fato se trata de uma punição negativa, já que em muitas situações ele sequer experimentou do reforçador. A vida do Joaquim perpassa por diferentes situações em que ele precisa lidar com conflitos entre sentimentos e as regras determinadas pela mãe.

Extrapolando ao que é observado no curta e fazendo inferências, é possível supor que ora ele se sente aliviado por resistir ao pecado, ora ele se sente frustrado e raivoso por experimentar tanta punição.

Quando fala sobre punição, Skinner (1953) aponta diferentes efeitos sobre o comportamento, efeitos esses que mais tarde Sidman (1995) chamou de efeitos tóxicos. Quando Joaquim é punido pela mãe, isso gera sentimentos incompatíveis aos que vinha sentido antes da punição. Ao

falar sobre a faculdade, muito provavelmente Joaquim está experimentando de sensações agradáveis, mas ao ser proibido de cursá-la, deve experimentar outras sensações, como a frustração.

Outro efeito tóxico da punição é sua capacidade de tornar outros estímulos igualmente aversivos. É comum observar que estímulos neutros, quando associados a estímulos aversivos, ganham por si só, valor de aversivo condicionado. Outra vez extrapolando, é possível pensar que todos os símbolos, signos associados à religião se tornem aversivos no futuro de Joaquim.

Além disso, essa associação pode acontecer com o próprio comportamento, com a própria pessoa, com outras pessoas. Tudo pode se tornar um estímulo aversivo. Observa-se isso quando Joaquim fala que precisa ser curado, como se ele estivesse doente, impuro.

Finalmente, outro efeito tóxico da punição é o fato de que a pessoa passa a se comportar para afastar qualquer estimulação aversiva. Joaquim demonstra essa tentativa de fuga escondendo da mãe a informação sobre o vestibular. A associação com estímulos aversivos é tão poderosa que Joaquim pede perdão por seus pensamentos, indicando que acredita que até eles são impuros.

A culpa

Em diferentes momentos do curta, Joaquim parece ser perseguido por um sentimento de culpa. Ele parece se culpar pelo beijo dado em outro homem e por querer fazê-lo de novo; por não seguir os preceitos bíblicos; por ser diferente e não *“a imagem e semelhança de Deus!”* (sic.). Culpa, culpa, culpa! Joaquim parece se culpar inclusive por não ser quem a mãe espera que ele seja, por causar-lhe sofrimento.

Ele diz *“Não toca em mim! (...) Eu não consigo, mãe! (...) Eu acho que nasci assim! (...)”* (sic.). Em outra cena,

enquanto passa mal, ele diz “*Ele não me escutou! Eu pedi! Eu implorei!*” (sic.). São tantas as situações que sugerem o sentimento de culpa, que analisar tal sentimento tornou-se imprescindível. O trecho de Guilhardi (2002) parece iniciar bem a análise:

A pessoa que se sente culpada não tem uma visão crítica sobre o controle aversivo de que é vítima e acaba admitindo que são seus comportamentos (ou, até pior que isso, que *ela*) que geram sofrimento no outro. O sofrimento do outro lhe é aversivo, logo nada mais provável do que ela emitir um comportamento que reduza o sofrimento do outro (do agente controlador) e, conseqüentemente, reduza de imediato seu próprio sofrimento (GUILHARDI, 2002 p.04).

O autor é cirúrgico, discutindo que a própria pessoa pode se reconhecer como causador de sofrimento no outro. Como já foi apontado, Joaquim permanece constantemente sob controle aversivo, mas não demonstra perceber tal situação. É evidente que o processo é tão doloroso que na cena em que ele passa mal, ele chora, se diz fraco e sinaliza mais uma vez o sentimento de culpa com a frase “*Eu não aguento mais!*” (sic.).

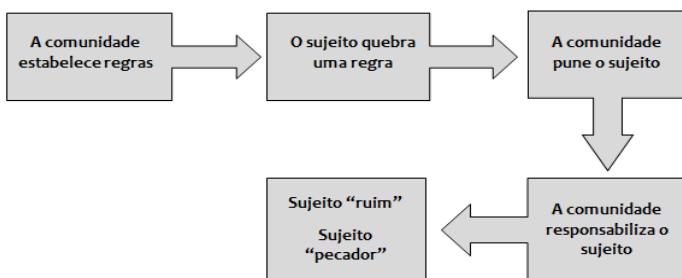
É importante, entretanto, entender que sentimentos não são considerados como fenômenos capazes de gerar ou produzir comportamentos, mas são subprodutos de contingências. No caso do Joaquim, a culpa é um subproduto de contingências constantes de punição².

Segundo Guilhardi (2002), a culpa envolve um grupo que exerce poder, julga um determinado comportamento e condena de acordo com as regras ou leis estabelecidas. Lúcia, a mãe de Joaquim, é quem desempenha esse papel,

² Esse capítulo não se estenderá ao falar sobre sentimentos. Para maiores informações, consultar Skinner (1992).

apontando e condenando constantemente os comportamentos do filho e de seus amigos.

Em teoria, a “pena” para quem viola as regras é o inferno, mas na prática, é um contato constante com estímulos aversivos, como brigas, ameaças, “cara feia” e insultos. Nesse papel de acusadora, rapidamente Lúcia desloca a atenção do comportamento de Joaquim para o próprio Joaquim, tornando-o o próprio pecado. “*Eu mereço ir pro inferno*” (sic.) diz Joaquim em uma das cenas. O autor propõe uma metáfora³ para ilustrar essa relação, veja:



Ao olhar a metáfora de Guilhardi (2002), é possível identificar a contingência de punição para Joaquim. Destaca-se que o termo comunidade utilizado nessa metáfora, é representado por Lúcia no nosso curta, e quando Joaquim infringe alguma regra, ela o pune de diferentes maneiras, como já vimos. Porém, vamos deslocar nossa lente de análise do Joaquim para Lúcia e entender de que maneira e porque ela se comporta.

Quando Joaquim quebra uma regra, isso é altamente aversivo para ela, uma vez que acredita que seu filho está se desviando do “caminho do bem”. Qualquer comportamento emitido por ela se justifica, uma vez que o

³ Metáfora retirada de Guilhardi (2002, p.04).

trará de volta para o caminho correto. Entretanto, é possível verificar que ao puni-lo, ela está sendo reforçada negativamente. É possível observar nessa contingência:

Reforçamento Negativo – Lúcia

Joaquim emite um comportamento.	Joaquim fala de outro assunto e não responde à pergunta.	Evita “pecado”
---------------------------------	--	----------------

De um lado Joaquim se sente culpado por ser “pecador”. Esse sentimento é uma resposta à uma longa história de punição manejada pela mãe aos seus comportamentos pecaminosos. De outro lado, Lúcia é reforçada negativamente, uma vez que punir Joaquim interrompe com esses comportamentos que para ela são aversivos. As contingências se entrelaçam e aparentemente, ambos vivem contingências de controle aversivo.

Considerações Finais

Diante da análise exposta acima, evidencia-se o quanto a religião funciona como dispositivo de controle sobre as sexualidades dissidentes. No curta, Joaquim personifica o recorte de uma vivência que dialoga com muitos corpos e existências LGBTI+ (lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, intersexos e outras identidades e orientações afetivas-sexuais). São corpos tidos como estranhos, abjetos, invisíveis e perturbados. Ser uma pessoa LGBTI+ é lutar diariamente pela garantia e manutenção dos seus direitos fundamentais básicos e a possibilidade de viver uma sexualidade mais livre.

“A única maneira de libertar-se de uma tentação é entregar-se a ela. Resista, e sua alma adoecerá de desejo das coisas que ela a si mesma se proibiu, com o desejo daquilo que suas leis monstruosas tornaram monstruoso e ilícito.” (OSCAR WILDE).

Referências

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **RESOLUÇÃO CFP Nº 001/1999**

CORNUCOPIA FILMES. 2020, jun, 28. **EU MATEI ELE (curta gay) 2020**. Obtido de https://www.youtube.com/watch?v=_jrl23iALbc

FAZZANO, L. H.; GALLO, A. E. Uma análise da homofobia sob a perspectiva da análise do comportamento. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 3, p. 535-545, set. 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000300002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 16 nov. 2020.

GUILHARDI, H. J. Análise comportamental do sentimento de culpa. In: TEIXEIRA, A. M. S.; ASSUNÇÃO, M. R. B.; STARLING, R. R. Starling; CASTANHEIRA, S. dos S. (Eds.), **Ciência do Comportamento: conhecer e avançar**. Santo André: ESETec Editores Associados, pp. 173-200, 2020.

HUNZIKER, M. H. L. Afinal, o que é controle aversivo?. **Acta Comportamental: Revista Latina de Análisis de Comportamiento**, v. 19, p. 9-19, 2011.

LARA, L. A. da S. Sexualidade, saúde sexual e Medicina Sexual: panorama atual. **Rev. Bras. Ginecol. Obstet.**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 12, p. 583-585, Dec. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-72032009001200001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 nov. 2020.

MIZAEL, T. M. Perspectivas Analítico-Comportamentais sobre a homossexualidade: análise da produção científica. **Perspectivas em Análise do Comportamento**, v. 9, n. 1, p. 15-28, 2018.

SANTOS, D. K. As produções discursivas sobre a homossexualidade e a construção da homofobia: problematizações necessárias à psicologia. **Revista EPOS**; Rio de Janeiro – RJ, Vol.4, nº 1, jan-jun de 2013.

SENE, C. J.; CARAMASCHI, S. Concepção de sexo e sexualidade no ocidente: origem, história e atualidade. **Barbarói**. Santa Cruz do Sul, n.49, p.166-189, 2017. Disponível em: <<http://https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/6420/6910>>. Acesso em: 03 dez. 2020

SIDMAN, M. **Coerção e suas implicações**. Campinas, SP: Editorial Psy, 2005.

SKINNER, B. F. **Ciência e Comportamento Humano**. Brasília: Ed. UnB/ FUNBEC, [1953]1970.

SKINNER, B. F. **Questões Recentes na Análise Comportamental**. Tradução de A.L. Neri. São Paulo: Papirus Editora, 1992.

TOLEDO, L. G.; TEIXEIRA-FILHO, F. S. Homofobia familiar: abrindo o armário 'entre quatro paredes'. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 65, n. 3, p. 376-391, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pidS1809-52672013000300005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 17 nov. 2020.

Capítulo 9

BOY ERASED: HOMOSSEXUALIDADE, ÉTICA E MORALIDADE NAS TERAPIAS DE REORIENTAÇÃO SEXUAL

Leonardo Peres Navarro
Florêncio Mariano da Costa-Júnior

“Não há cura para o que não é doença.”
(frase de um panfleto da luta contra homofobia)

Introdução

Uma das possíveis explicações analítico-comportamentais para sexualidade humana é postulada por Malott (1996). O autor faz a importante distinção entre o comportamento sexual e valores sexuais. Sendo assim, deve-se entender que a estimulação física é um reforço natural que pode ocorrer por diversas fontes, mas o valor que é atribuído à fonte dessa estimulação é condicionado na história comportamental do sujeito (MALLOW, 1996).

Estudos atuais nas ciências do comportamento descrevem que a orientação sexual se refere a um conjunto de repertórios comportamentais individuais de atração afetivo-sexual selecionados por variáveis complexas de ordem filogenética, ontogenética e cultural (COSTA-JUNIOR, 2020; FAZZANO *et al.*, 2020; MALLOW, 1996; MENEZES, 2005; MIZAEL, 2018). Desta forma, o indivíduo não é programado biologicamente para ser reforçado apenas por uma fonte de reforçadores afetivo-sexuais específica, contudo, é no campo da linguagem e por meio de associações verbais que se desenvolve o desejo sexual (MALLOW, 1996).

É possível considerar que a abordagem comportamental apresenta uma forte intersecção com as proposições das teorias pós-estruturalistas (FLORES; BATISTA; FAGG; CAVALCANTI, 2012), que entendem a sexualidade como um fenômeno resultante da linguagem. Desta forma, os significados envolvidos no desejo sexual aprendidos por cada indivíduo seriam então o resultado de relações simbólicas derivadas e arbitrariamente aprendidas ao longo do nosso curso de desenvolvimento (BARNES; ROCHE, 1997; STOCKWELL; MORAN, 2014).

No campo dos estudos das ciências humanas, é consenso que os preconceitos direcionados às sexualidades não normativas, a violência de gênero e o sexismo são produtos das relações de poder constituídas ao longo do curso histórico de uma cultura (ALMEIDA, 2003; COUTO; DITTRICH, 2017; RUBIN, 1989).

Grande parte das culturas caracterizam diferentes sexualidades por meio de uma perspectiva hierarquizada e binária, na qual as práticas sexuais e seus significados são compreendidos por um sistema de oposição utilizado, muitas vezes, para a dominação e opressão das identidades que não se adequam à heteronormatividade (BOZON, 2004; RUBIN, 1989).

Nas tradições religiosas ocidentais, a sexualidade e atividade sexual são práticas supostamente exclusivas à procriação. Nesse sentido, homens que tinham relações sexuais com outros homens eram considerados pecadores e sodomitas, sendo tais práticas entendidas como resultado de influências malignas e desvio moral. Com a ascensão do discurso médico psiquiátrico, buscou-se regular os comportamentos sexuais por meio de classificações do “normal” e do “anormal”. Nesse contexto, surgem referências hegemônicas de práticas sexuais “ideais”. As práticas que estavam fora da norma eram classificadas como patológicas, pois ameaçavam a constituição normativa de

família e de sociedade (ALMEIDA, 2003; BOZON, 2004; MISKOLCI, 2007; RUBIN, 1989).

Enquanto o homem que tinha práticas homoeróticas era visto como pecador pelos religiosos conservadores, a partir do declínio do discurso religioso e avanço do discurso biomédico, ele se torna uma espécie doente e suas práticas sexuais são entendidas como sintomas de uma patologia. Nesse cenário, a sexualidade passa então a ser objeto de intervenção médica, estando perpassada por procedimentos interventivos que buscam regular e adequar essa à norma vigente (FOUCAULT, 1976).

No início do século XX o debate feminista contestou a naturalização das diferenças sexuais e abriu espaço para outras proposições objetivadas em confrontar a lógica heteronormativa e binária sobre a sexualidade e o gênero. A partir disso, o viés essencialista nos estudos sobre gênero e sexualidade começou a ser abandonado e assume proposições construcionistas e interacionistas (ALMEIDA, 2003; LOURO, 2007).

Para esses estudos, as características biológicas são estabelecidas na cultura, afetadas pela linguagem e valores que diferem entre contextos culturais, e que se modificam ao longo do tempo na sociedade (LOURO, 2007).

Na perspectiva construcionista e interacionista, a sexualidade é tomada como um dado histórico construído socialmente e não natural (inato), sendo tal leitura sobre a sexualidade o resultado tanto do movimento feminista e sua crítica ao modelo de opressão patriarcal, quanto dos movimentos sociais de luta pelos direitos da população LGBTQIA+¹ no final do século XX (ALMEIDA, 2003; BOZON, 2004, CARVALHO, 2011; MISKOLCI, 2007).

¹ O termo **LGBTQI+** se refere a: **L = Lésbicas** (mulheres que sentem atração afetiva/sexual pelo mesmo gênero); **G = Gays** (homens que sentem atração

Os movimentos sociais das comunidades LGBTQIA+ foram importantes para despenalizar práticas homoeróticas e revelar o papel da afirmação das orientações sexuais como formas de resistência e reivindicações políticas (BOZON, 2004; MISKOLCI, 2007; TOLEDO, 2012).

Nesse mesmo contexto ocorriam em paralelo a luta pela diversidade sexual de um lado, e as práticas interventivas para adequar “desvios sexuais” de outro. Algumas dessas práticas de intervenção sobre as sexualidades não normativas eram subsidiadas por técnicas comportamentais que, desprovidas de referencial ético, vitimizaram diferentes pessoas submetidas a tratamentos psicológicos para reversão sexual (COSTA-JUNIOR, 2020).

Todas as transformações sociais, culturais, políticas e éticas que ocorreram em consonância com o surgimento de novos saberes sobre sexualidade e gênero, promoveram diversas mudanças no posicionamento da Psicologia e da Psiquiatria acerca da patologização de sexualidades que subvertem a lógica heteronormativa (KNIEST, 2005; OJEDA, 2019; WAIDZUNAS, 2015). No entanto, mesmo as reformulações teóricas, éticas e a declaração universal dos direitos humanos não foram capazes de encerrar as

afetiva/sexual pelo mesmo gênero, ou seja, outros homens); **B = Bissexuais** (homens e mulheres que sentem atração afetivo/sexual pelos gêneros masculino e feminino); **T = Transexuais** (corresponde às pessoas que não se identificam com o gênero atribuído em seu nascimento); **Q = Queer** (pessoas que transitam entre as noções de gênero, como é, por exemplo, as drag queens); **I = Intersexo** (pessoas que estão entre o feminino e o masculino, pois as suas combinações biológicas e desenvolvimento corporal - cromossomos, genitais, hormônios - não se enquadram na norma binária de masculino ou feminino); **A = Assexual** (pessoas que não sentem atração sexual por outras pessoas, independente do gênero, e que não veem as relações sexuais humanas como prioridade) e **+ = Mais** (símbolo é utilizado para incluir outros grupos e variações de sexualidade e gênero).

práticas normativas e antiéticas às sexualidades não normativas (COSTA-JUNIOR, 2020; MISKOLCI, 2007).

Segundo Montoya (2006), grupos conservadores de diferentes especialidades se organizam com o objetivo de deslegitimar as teorias que concebem a homossexualidade como uma possibilidade natural e saudável da orientação sexual humana, e reafirmam concepções patologizantes que classificam a homossexualidade como um transtorno. Esses grupos conservadores afirmam que a inclusão do/a homossexual no meio social não deve proceder pela aceitação e tolerância de sua sexualidade e sim pela adequação e cura da mesma, ou seja, pela adequação à heterossexualidade (WAIDZUNAS, 2015).

A análise histórica de Montoya (2006) apresenta que as práticas terapêuticas relacionadas à saúde mental de pessoas homossexuais podem ser divididas entre dois modelos divergentes. No primeiro modelo, da normalidade/identidade, a homossexualidade é interpretada como uma expressão natural da sexualidade. Tal modelo parte da premissa que os/as homossexuais são integrantes de um grupo minoritário vitimizado por processos de discriminação e violência, e que por isso precisam de proteção e apoio. Dentro deste modelo, a psicoterapia é um recurso que pode contribuir para que os sujeitos compreendam sua identidade sexual, aprendendo estratégias protetivas e afirmativas para lidar com o ambiente hostil e repressivo, ao mesmo tempo em que possam aceitar e expressar sua identidade sexual (MONTROYA, 2006).

Seguindo esse modelo, atualmente existem as terapias afirmativas que objetivam promover aceitação e apoio, avaliação compreensiva, enfrentamento ativo, apoio social e exploração e desenvolvimento de identidade (APA, 2009; COSTA-JUNIOR, 2020; O'SHAUGHNESSY; SPEIR, 2018).

O segundo modelo, caracterizado pela enfermidade/conduita, se sustenta no argumento de que a homossexualidade é um transtorno: um desvio de comportamento e desejo que produz sofrimento individual e prejudica a ordem social (MONTROYA, 2006; WAIDZUNAS, 2015). Tal modelo defende que a homossexualidade não possibilita a construção de uma identidade saudável e equilibrada. Dessa forma, como sujeitos enfermos, homossexuais deveriam ser tratados e curados, o que poderia ser feito através de terapias reparativas da orientação sexual.

No bojo desse modelo está a concepção de que os processos de discriminação funcionam como uma forma de proteção da ordem social (MISKOLCI, 2007; MONTROYA, 2006). As intervenções com tal finalidade recebem os rótulos de terapia reparativa, terapia de reorientação sexual, ou como popularmente foi denominada no Brasil: “cura gay” (MACEDO; SIVORI, 2018; OJEDA, 2019; WAIDZUNAS, 2015).

Waidzunus (2015), ao analisar a história das terapias reparativas/de conversão, descreve os anos de 1948 a 1972 como um período intenso de divulgação científica das terapias desenvolvidas sob a lógica dos terapeutas ajudarem seus pacientes homossexuais a se tornarem heterossexuais. Em 1973, com a retirada parcial² da homossexualidade do “*Manual diagnóstico e estatístico dos transtornos mentais*” (DSM), ocorre a drástica redução da divulgação científica das práticas de reorientação sexual. Em um campo de críticas robustas acerca das práticas

² Em 1973, a *American Psychiatric Association* (APA) não retirou totalmente a homossexualidade da lista de distúrbios mentais. Em vez disso, a APA modificou as condições sob as quais a homossexualidade era considerada uma doença mental e a chamou de “homossexualidade egodistônica”. Somente em 1990 é que a homossexualidade foi realmente excluída como doença mental.

normativas na Psicologia e na Psiquiatria, diferentes pesquisadores das terapias reparativas passam a estudar outros comportamentos, tais como as parafilias, a compulsão sexual, as disfunções sexuais³, etc.

Adams e Sturgis (1977), Binder (1977) e Barlow (1973), apoiadores de "técnicas de reorientação sexual" na década dos anos 70, afirmavam que a decisão de tratar um indivíduo homossexual deve se basear na insatisfação do/a cliente com o estilo de vida homossexual, ou mesmo se deseja uma reorientação sexual. Desta forma, se o profissional e o/a cliente concordarem com os objetivos do tratamento de reorientação sexual, o terapeuta deve primeiramente estar familiarizado com a eficácia demonstrada das intervenções disponíveis para que desta forma possa recomendar a seleção de uma estratégia de tratamento com base em evidências objetivas.

Binder (1977) defendia a terapia de conversão – que ele denominou de "treinamento afetivo" (*Affection training*), ao afirmar que se o déficit de comportamentos heterossexuais de uma pessoa homossexual atua como fonte de deficiência ou limitação para aquela pessoa, não haveria problema em fornecer os meios de aumentar o repertório comportamental da pessoa se ela desejar. Em seguida, fornece uma justificativa adicional para tratar o/a paciente homossexual, afirmando que a terapia meramente aumenta a liberdade pessoal, aumentando tanto quanto possível a aquisição de alternativas comportamentais positivamente reforçadas e se possível, reduzindo o uso controle aversivo de comportamento.

Ainda que reconhecessem a pouca ou nenhuma eficácia das terapias reparativas, os estudos defendiam a

³ A produção científica de pesquisadores no campo das intervenções comportamentais, como por exemplo, David H. Barlow, Henry E. Adams, Ellie T. Sturgis, Carl V. Binder, John Bancroft, pode ilustrar esta questão.

necessidade em ampliar pesquisas clínicas e aprimorar protocolos terapêuticos que demonstrassem evidência na produção do aumento do desejo heterossexual em pessoas homossexuais (ADAMS; STURGIS, 1977; BARLOW, 1973; BINDER, 1977). Desprovida de evidência científica e contrária ao referencial ético dos direitos humanos, a aplicação de terapias reparativas ainda é autorizada em muitos países (OJEDA, 2019).

Grande parte do arcabouço técnico das terapias reparativas está fundamentado nas ciências do comportamento: controle aversivo, modelagem, reforçamento diferencial, treino de habilidades, dessensibilização sistemática, pareamento respondente, etc. (ADAMS; STURGIS, 1977; BANCROFT, 1969; BARLOW, 1973; BINDER, 1977; HERMAN; BARLOW; AGRAS, 1974; MCCONAGHY, 1975). A contradição entre o uso de técnicas comportamentais e princípios éticos que orientam a ciência do comportamento fica expressa nos estudos clínicos citados acima.

A responsabilidade histórica da ciência do comportamento quanto às terapias reparativas é inegável. Durante décadas a comunidade de cientistas comportamentais esteve silenciada em relação a essas práticas clínicas criminosas (COSTA-JUNIOR, 2020; MIZAE, 2018).

Autores como Abib (2001), Dittrich e Abib (2004) e Vandenbergue (2005) abordam como os códigos de conduta e leis que descrevem comportamentos valorizados por uma sociedade são selecionados historicamente e mantidos por um dado contexto. Porém isso não significa que são verdades absolutas, uma vez que, quando submetidos a diferentes contextos, podem tornar-se não funcionais.

Skinner sistematizou uma filosofia da ciência behaviorista e sua contribuição foi essencial para que os

parâmetros éticos fossem consolidados dentro das intervenções comportamentais. Para que a análise do comportamento pudesse ser uma prática aplicada, essa prática precisaria de um referencial filosófico que a orientasse com princípios éticos à pesquisa e à aplicabilidade do conhecimento (DITTRICH; ABIB, 2004).

Quando discutimos a ética em um enquadre comportamental, devemos discutir também os processos pelos quais o sujeito aprende tal conjunto de valores éticos. Uma delas é por meio das regras sociais, que sinalizam comportamentos, e a outra é o próprio comportamento da pessoa, as escolhas que o sujeito toma baseado na história de aprendizagem, ou seja, os seus valores (VANDENBERGHE, 2005).

Nesse sentido, a ética pode ser entendida como um comportamento verbal culturalmente definido, incluindo a ética do terapeuta comportamental. Skinner preocupou-se com os comportamentos modelados pelas regras sociais ou agências controladoras, uma vez que ambas podem alienar e criar contextos aversivos. Para o autor, a ética ideal é a de resultado de contingências diretas que sejam benéficas para o indivíduo, para o grupo e para a cultura (SKINNER, 1953).

Nesse sentido, a ética behaviorista vai além da relação terapêutica. Skinner fez uma importante valorização das questões sociais: seu ideal é de uma ética que repensa a sociedade para sobrevivência da mesma, além de uma sociedade sem o controle aversivo, que forma a criatividade e valoriza a diversidade (VANDENBERGHE, 2005).

Considerando a pertinência em analisar criticamente as terapias reparativas em uma perspectiva comportamental, esse capítulo toma como pano de fundo o filme *Boy Erased*, para então problematizar a terapia

reparativa da homossexualidade sob a luz da ética Skinneriana.

Vídeo Analisado

Tipo de Material	Filme
Título Original	<i>Boy Erased</i>
Nome Traduzido	<i>Boy Erased: Uma verdade anulada</i>
Gênero	Drama
Ano	2018
Local de lançamento e Idioma original	Estados Unidos da América, inglês
Duração	1h55m
Direção	Joel Edgerton

Baseado em fatos reais, o filme *Boy Erased* denuncia a violência sofrida por um jovem gay ao participar compulsoriamente de um programa terapêutico de reorientação sexual guiado por pressupostos religiosos conservadores. O filme remonta a história de violência física e simbólica vivida por homens e mulheres homossexuais e levanta um debate ético ainda necessário sobre diversidade sexual nas intervenções clínicas.

O filme *Boy Erased: uma verdade anulada* retrata a história de Jared, um jovem que nasceu em uma cidade conservadora no interior dos Estados Unidos e é submetido a um programa de terapia de reversão sexual. Dirigido por Joel Edgerton, o filme foi produzido pela *Universal* e foi indicado ao Globo de Ouro 2019.

Jared é um jovem de 19 anos que mora com seu pai Marshall, pastor de uma igreja da cidade, e sua mãe Nancy, uma dona de casa subordinada às regras do marido. Jared é homossexual e tem medo de não ser aceito na

comunidade religiosa em que foi criado, demonstrando sentir medo e culpa por sua sexualidade.

O protagonista narra sua história durante o filme, alternando acontecimentos do presente e do passado, retratando sua passagem no programa que pretende “curá-lo” da sua homossexualidade.

Durante o filme, o jovem vai aproximando os espectadores de sua história. Ele sempre viveu na comunidade religiosa e atendeu as expectativas da família ao que se espera de uma pessoa em um contexto conservador e tradicional. Contudo, é na faculdade que Jared se aproxima de Henry, um garoto que demonstra sentir atração por ele, mas, em determinado momento, Henry abusa sexualmente de Jared e posteriormente, isso é revelado aos seus pais.

Quando sua homossexualidade é exposta, o pai recorre aos líderes religiosos da comunidade, uma vez que, na visão dele e da religião, não era uma possibilidade conviver com a orientação do filho.

Sob as ameaças de ser expulso da família, Jared é obrigado a participar do programa “*Love in Action*”. A possibilidade de mudança é encarada pela família, e até mesmo por Jared, como uma salvação. Contudo, no decorrer do filme, o programa revela-se um ambiente coercitivo. Desde o seu primeiro contato, há muita desconfiança e abuso de poder: confiscam objetos pessoais, revistam celulares e cadernos, supervisionam os participantes durante o uso do banheiro, entre outros abusos.

São apresentadas várias estratégias que pretendem “reverter” a homossexualidade: os participantes deveriam expor todas as experiências homoafetivas, pois eram consideradas pecados que precisavam de perdão e redenção. Nas falas do líder do programa, a homossexualidade é definida como uma escolha, um

padrão de comportamento que deve ser mapeado e suprimido, além de ser associada à promiscuidade, abuso sexual, doenças, drogas, etc. Em sentido oposto, são apresentados modelos de masculinidade ideal, padrões de comportamentos, posturas e práticas que devem ser alcançadas.

Durante a “terapia” de conversão, há situações de intolerância, abusos psicológicos e até mesmo físicos. Em determinado momento há um ritual de expulsão de um “demônio gay” com um dos participantes. Em certas intervenções, a família, amigos e os membros do programa assistem e participam. Jared é confrontado sobre seus interesses sexuais e orientado a se afastar da faculdade. Os líderes religiosos do “Love in Action” obrigam os participantes simularem conversas com os pais, supondo que há um problema na relação parental que deve ser tratado para a cura da homossexualidade.

Jared suporta todos esses abusos até perceber a incoerência e ineficácia do programa. No momento em que está relatando as experiências homossexuais para o grupo, entra em atrito com Victor, um dos líderes religiosos. Jared pede para sua mãe buscá-lo e, nessa cena, sua mãe enfrenta todos que impediam a saída de seu filho e afirma que o programa não é qualificado e que não deveria ter permitido que seu filho ficasse lá. Mais tarde, conversando com o jovem, Nancy relata que sentiu que o programa não era um lugar bom para o filho e que, apesar de não se posicionar, desta vez não ficaria calada e eles voltariam para casa.

A história avança para quatro anos depois de Jared ter deixado o programa, e mostra o personagem com o parceiro e amigos. Ele escreveu seu primeiro artigo denunciando terapias que pretendiam reverter orientação sexual. Na cena final, há um diálogo com Jared e seu pai. Nesse momento, o jovem deixou claro que é homossexual

e não iria mudar e, se Marshall quisesse conviver com ele, teria que entender esse fato.

O filme finaliza exibindo fotos de Jared na vida real, um escritor que mora em Nova York com seu marido e é ativista pelos direitos da comunidade LGBTQIA+. O verdadeiro Vitor Sykes, o líder do programa, deixou “*Love in Action*” em 2008 e mora no Texas com o marido. Nos EUA, 36 estados permitem a prática legal de terapia de conversão em menores de idade, afetando a saúde psicológica de mais de 700 mil LGBTQIA+ americanos.

Análise Crítica

O filme apresenta uma denúncia atual sobre as práticas hostis e coercitivas que vitimizam as comunidades LGBTQIA+ em todo o mundo. Ao analisar os processos comportamentais envolvidos na aprendizagem da sexualidade e nas práticas repressoras, deve-se considerar que ambas ocorrem por meio da construção social, ou seja, pelos saberes, regras, valores, experiências individuais e o complexo processo de aquisição da linguagem e as relações arbitrárias que a compõe (BARNES; ROCHE, 1997; STOCKWELL; MORAN, 2014).

Em uma sociedade patriarcal e normativa, a sexualidade tem como uma das funções legitimar uma ordem de dominação e poder que é estabelecida entre os sexos. O modelo de família de Jared pode ser um exemplo disso. Seu pai Marshall foi quem tomou todas as decisões acerca do futuro do filho, em detrimento de sua mãe Nancy, que exerce um papel secundário, omissa e sem voz (ALMEIDA, 2003; COUTO; DITTRICH, 2017; RUBIN, 1989).

Durante o filme, modelos de heteronormatividade são apresentados como um ideal a ser alcançado pelos personagens, e esses modelos são traduzidos em comportamentos que as estratégias do programa buscam

alcançar. Os jovens são instruídos a imitar os padrões de masculinidade hegemônicos como: uma postura firme e austera, demonstrar interesse por esporte, ter um aperto de mão firme, entre outros. A sociedade cria categorias sexuais (homem e mulher), que são tomadas como opostas e complementares. Tais categorias dão base ao modelo imposto da heterossexualidade (LOURO, 2007; RUBIN, 1989; WEEKS, 1996).

Os líderes do programa associam a homossexualidade à promiscuidade, estupro, abuso, AIDS, entre outros. Esse aspecto do filme ilustra como a ciência e os valores vigentes associaram a homossexualidade a desfechos negativos de vida, sem considerar os processos discriminatórios envolvidos.

Em uma época marcada pela liberação sexual influenciando tanto heterossexuais quanto homossexuais, apenas um dos grupos recebeu o estigma de identidade promiscua. Tais estigmas contribuem para delimitação de papéis sociais, que por sua vez são requisitos de acesso para diferentes contextos de interação. As condições ambientais opressoras podem funcionar como operações estabelecidas motivadoras ou aversivas, que influenciam nos processos de submissão que viabilizam o acesso às oportunidades de interações de afeto, reconhecimento e segurança.

Além disso, as práticas homofóbicas que muitos homossexuais vivenciam influenciam na forma como homens e mulheres homossexuais aprendem seu autoconceito e sua autoestima, e restringe os espaços sociais nos quais a afetividade e o desejo possam ser publicamente expressos. Uma vez que a sociedade heteronormativa inibe a expressão social de afeto entre pessoas homossexuais, o campo afetivo fica restrito às situações privadas e isso pode se desdobrar em diferentes particularidades da identidade homossexual, e com isso, os

comportamentos resultantes do processo de repressão acabam por ser tomados como características naturais da homossexualidade, e não como resultado das condições coercitivas do ambiente (TOLEDO, 2012).

Esse tema também é discutido por Miskolci (2007). O autor defende que as agências de controle dão manutenção a estereótipos por meio do pânico moral. Nesse sentido, qualquer transformação social é vista como ameaça, e os grupos de interesse (mídia, grupos religiosos, etc.) correlacionam assuntos independentes e traçam paralelos para formas de controle: homossexual e drogas, homossexual e promiscuidade, etc. (MISKOLCI, 2007).

Esse mecanismo também ocorre na sustentação da homofobia. A preocupação com o controle da sexualidade reflete temores sociais que construíram uma visão ameaçadora da homossexualidade e seus estigmas. Miskolci (2007) entende que a homofobia e a deslegitimação do homossexual é produto do pânico moral, pois ameaça mudanças na dinâmica de manutenção da hegemonia e seus valores tradicionais. No filme, fica nítido no discurso dos líderes do programa a definição de uma homossexualidade fruto de impulsos que precisam ser controlados, pois são opostos aos valores da religião e da família.

Ainda de acordo com o autor, a instituição familiar possui um papel bem definido de hierarquizar os sexos, criar meios de transmissão de propriedade e dar manutenção aos valores tradicionais. As práticas que estão fora desses valores ameaçam a instituição da família, que regulam os padrões sexuais. Nesse sentido, quando a sociedade fica diante de um comportamento ou categoria considerados desviantes da norma, nesse caso a homossexualidade, os agentes de controle social reagem impondo novas formas de controle a esses estímulos, uma vez que supostamente ameaçam seus interesses, ideologias e valores. Esse processo expõe as formas de

poder baseados no controle social e legal, o homossexual que rompe as normas é colocado à margem da vida social e necessita de controle (MISKOLCI, 2007).

No filme, o controle dá-se pelo discurso das agências religiosas. Os líderes do programa de conversão ressaltam a ideia de que a homossexualidade é o oposto do que a religião cristã prega, as práticas não heteronormativas são impulsos que precisam ser controlados, caso contrário, os participantes do programa não serão amados nem por Deus, nem por ninguém.

Skinner (2003) defendeu que as agências religiosas, por meio de processos verbais, usam contingências raras para controlar o comportamento dos outros, convertendo eventos não relacionados à consequências punitivas. Essas instituições classificam os comportamentos em uma esfera de dualidade (moral e o imoral), e o indivíduo é reforçado ou punido de acordo, estabelecendo assim repertórios de obediência. Nesse cenário, a agência pune o comportamento classificado como pecaminoso por meio de condições aversivas. A fuga para esse cenário ocorre por meio da expiação ou absolvição, e essas respostas são amplamente reforçadas.

Durante a passagem no programa “*Love in Action*”, Jared é tratado com desconfiança, humilhado, sofre abusos físicos e emocionais. Castañeda (2007) aponta que aqueles que não se encaixam na heteronormatividade sofrerão uma série de conflitos e retaliações. Fazzano e Gallo (2015) fazem uma importante leitura da homofobia sobre a ótica da Análise do Comportamento. Para os autores, esse fenômeno pode ser entendido como uma série de comportamentos (classes) complexos que envolvem operantes e respondentes, relativos às diferentes modalidades de agressão contra pessoas homossexuais. Esse repertório indica um aumento da probabilidade da emissão de comportamentos agressivos na presença de

pessoas reconhecidas como homossexuais para remover ou reduzir a presença dos mesmos, ou seja, um reforço negativo.

Não somente isso, a cultura também tem um papel na seleção desses repertórios por meio da aprendizagem: modelagem, reforço diferencial, estabelecimento de regras e a modelação (FAZZANO; GALLO, 2015). Essas atitudes que pretendem normalizar a heterossexualidade e coloca-la como superior, traduzem valores de uma sociedade homofóbica (JUNQUEIRA, 2012).

Tais práticas discriminatórias e patologizantes possuem efeitos na saúde mental do indivíduo, são fatores de riscos para transtornos mentais e crises existenciais (CASTANEDA, 2007; FAZZANO; GALLO, 2015; VEZZOSI, 2019). Jared, em muitos momentos, vivencia um conflito que produz angústia e culpa, relatando acreditar que Deus está testando sua fé em uma aposta.

O programa de conversão, apoiado por preceitos cristãos, propõe curar a homossexualidade de Jared, entretanto, ele se vê em um ambiente violento e punitivo. A Análise do Comportamento define esse ambiente como um contexto coercitivo. A coerção é uma forma de controle e ocorre quando há o uso, ou ameaça, de punição (SIDMAN, 1995).

O controle aversivo acarreta efeitos colaterais como comportamentos de fuga, esquiva e contracontrole. Tais consequências são úteis, pois possibilitam a sobrevivência em situações ou ambientes de perigo (SIDMAN, 1995; SKINNER, 2003).

Os sujeitos que são frequentemente punidos desenvolvem repertório de fuga. O filme expõe essa consequência no ato em que Jared liga para seu pai e pede para sair da clínica, entretanto, o pai solicita que ele se comprometa mais. Outra consequência nos organismos diante de eventos punitivos é o contracontrole. Nesse caso,

o sujeito emite uma resposta para impedir o controle aversivo sobre seu comportamento (DEVIDES, 2018; SIDMAN, 1995).

Além disso, o controle coercitivo produz medo, violência, infelicidade, desconfiança, ódio e doenças na vida de quem sofre (SIDMAN, 1995). Vários participantes do programa *"Love in Action"* demonstraram essas consequências durante o filme, um deles chega a tirar a própria vida.

O suicídio pode ser considerado também uma consequência do controle aversivo. Nesse contexto, o sujeito dominado pela punição esquiva-se para afastar-se dos estímulos aversivos do ambiente (SIDMAN, 1995). No Brasil, por exemplo, de acordo com o Grupo Gay da Bahia, em 2018 ocorreram 100 suicídios de pessoas LGBTQIA+ (DEVIDES, 2018; GGB, 2019).

As consequências do controle aversivo decorrentes da pretensão de uma alteração de comportamentos sexuais foram abordadas e discutidas até aqui. Entretanto, ainda há profissionais que entendem que a sexualidade é um dado da natureza, e isso abre margem para a patologização e a manutenção de estigmas sociais sobre as práticas sexuais não hegemônicas.

Estudos atuais, orientados por um viés essencialista, ainda definem a sexualidade como biologicamente determinada. Menezes e Brito (2007), em um estudo sobre homossexualidade, defendem que o comportamento homossexual seria um subproduto do prazer. Para as autoras, a formação de vínculos e o prazer estariam em função da criação da prole.

Em outro estudo, Menezes (2005) busca entender quais os determinantes da homossexualidade (MENEZES, 2005; MENEZES & BRITO, 2007). Essas perspectivas compreendem a sexualidade por uma ótica biológica definida por padrões instintivos. Esse discurso contribui

para a legitimação de práticas que normalizam a sexualidade, rotulando comportamentos e papéis sexuais como naturais ou desviantes.

Para *American Psychological Association*, qualquer intervenção que pretende alterar uma orientação sexual não é eficaz, desta forma, é pouco provável que se reduza atração por alguém do mesmo sexo, ou então, desenvolva atração pelo sexo oposto (APA, 2009).

O Conselho Federal de Psicologia se posicionou e estabeleceu normas de atuação de psicólogos em relação à Orientação Sexual. A resolução do CFP N° 001/99 traz:

CONSIDERANDO que a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio e nem perversão (CRP, 1999, p. 6).

CONSIDERANDO que a Psicologia pode e deve contribuir com seu conhecimento para o esclarecimento sobre as questões da sexualidade, permitindo a superação de preconceitos e discriminações (CRP, 1999, p. 6).

Art. 3° - os psicólogos não exercerão qualquer ação que favoreça a patologização de comportamentos ou práticas homoeróticas, nem adotarão ação coercitiva tendente a orientar homossexuais para tratamentos não solicitados.

Parágrafo único - Os psicólogos não colaborarão com eventos e serviços que proponham tratamento e cura das homossexualidades (CRP, 1999, p. 10).

Outro documento que corrobora com essa discussão é a Declaração dos Direitos Sexuais. Os direitos sexuais são direitos humanos fundamentais e universais e foram declarados em 1997, durante o XV Congresso Mundial de Sexologia. Nesse momento, reconheceu-se que a sexualidade é construída por meio de interação entre os indivíduos e as estruturas sociais, bem como seu desenvolvimento é fundamental para o bem-estar do indivíduo e a sociedade:

Artigo 1º. O DIREITO À LIBERDADE SEXUAL – A liberdade sexual está relacionada à possibilidade de os indivíduos expressarem sua plenitude sexual. Contudo, isso exclui todas as formas de coerção, exploração e abuso em qualquer época ou situações de vida.

Artigo 2º. O DIREITO À AUTONOMIA SEXUAL, À INTEGRIDADE SEXUAL E À SEGURANÇA DO CORPO SEXUAL – Este direito envolve a capacidade de tomar decisões autônomas sobre a sua própria vida sexual num contexto de ética pessoal e social. Também, relaciona-se com o controle e o prazer de nossos próprios corpos livres de tortura, mutilação e violência de qualquer tipo (WAS, 2014, p 02).

A declaração também diz respeito informações sobre a sexualidade:

Artigo 9º. O DIREITO À INFORMAÇÃO BASEADA NA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA – Este direito implica que a informação sexual deve ser gerada por uma pesquisa científica ética e difundida por meios apropriados a todos os níveis sociais (WAS, 2014, p 02).

Se tais práticas não são validadas nem pelo conselho ou pela literatura, pode-se entender que intervenções que pretendem alterar uma orientação sexual devem ser encaradas como desvios éticos. O psicólogo, analista do comportamento ou não, é um agente político e suas práticas possuem consequências éticas. Nenhuma prática ou intervenção desses profissionais devem ser guiadas apenas pela experiência científica ou valores do clínico, ou seja, sem considerar experiência do indivíduo em determinadas circunstâncias. A análise do comportamento deve respeitar valores de outrem, valorizando o desenvolvimento humano (ABIB, 2001).

Deste modo, a prática do terapeuta deve considerar as questões sociais, as da profissão e as do cliente. Entretanto, é

fato que tais interesses podem ser contraditórios e amplamente influenciados pelo contexto sócio político vigente.

Skinner já sinalizou que a aplicação da ciência ao comportamento humano não é uma tarefa fácil (SKINNER, 1953). Assim, o terapeuta deve refletir sobre a repercussão de suas ações e assumir responsabilidade sobre elas, uma vez que essa ética necessita de constantes questionamentos, pois não existem respostas definidas.

Considerações Finais

O filme *Boy Erased* é uma denúncia das práticas coercivas que buscam eliminar as diversidades sexuais. O filme levanta o debate necessário sobre as técnicas, intervenções clínicas e a diversidade sexual. As diferentes identidades existem e sempre existiram na cultura e, durante muito tempo, a Psicologia e a Psiquiatria patologizaram as sexualidades divergentes do referencial heteronormativo.

Entretanto, mesmo com todas as evidências científicas reconhecendo a ineficácia e os conflitos éticos, profissionais ainda utilizam intervenções para tentar reverter sexualidades que fogem da norma. Se a terapia reparativa não é eficaz, como ainda tais práticas ocorrem na atuação clínica? Porque muitos psicólogos promovem intervenções que vão contra os o Código de Ética do Psicólogo, Diretos Humanos e a Declaração de Direitos Sexuais?

Talvez as respostas para essas questões ultrapassem os valores morais e religiosos e estejam também vinculadas aos objetivos comerciais e mercadológicos que buscam enriquecimento à custa de familiares e pessoas vulneráveis.

Ao passo que certas práticas clínicas ratificavam os processos de discriminação e exclusão, outros campos da ciência denunciavam o ordenamento binário e heteronormativo das sexualidades. Tais posicionamentos teceram críticas importantes sobre as práticas clínicas, e as

tensões produzidas contribuíram para que a clínica psicológica se alinhasse à declaração universal dos direitos humanos, e aos poucos se desvinculasse dos discursos normativos (COSTA-JUNIOR, 2020).

É preciso um constante posicionamento das ciências psicológicas em defesa dos direitos humanos e da diversidade sexual. Os discursos conservadores ainda permeiam a ciência psicológica e ignoram as questões éticas envolvidas nas terapias reparativas. O profissional da saúde tem uma responsabilidade social e política e deve refletir sobre as implicações de sua prática no direito de existir e na diversidade humana.

Referências

ABIB, J. A. D. Teoria Moral de Skinner e Desenvolvimento Humano. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 1, n. 14, p. 107-117, 2001.

ADAMS, H. E.; STURGIS, E. T. Status of behavioral reorientation techniques in the modification of homosexuality: A review. **Psychological Bulletin**, v. 84, n. 6, p. 1171, 1977.

ALMEIDA, V. A. M. Antropologia e Sexualidade Consensos e Conflitos Teóricos em Perspectiva Histórica, **Revista A Sexologia, Perspectiva Multidisciplinar**, v. 2, p 53-72, 2003.

APA, American Psychological Association. **Report of the American psychological association task force on appropriate therapeutic responses to sexual orientation**. Technical report., 2009.

BANCROFT, J. Aversion therapy of homosexuality: A pilot study of 10 cases. **The British Journal of Psychiatry**, v. 115, n. 529, p. 1417-1431, 1969.

BARLOW, D. H. Increasing heterosexual responsiveness in the treatment of sexual deviation: A review of the clinical

and experimental evidence. **Behavior Therapy**, v. 4, n. 5, p. 655-671, 1973.

BARNES, D.; ROCHE, B. Relational frame theory and the experimental analysis of human sexuality. **Applied and Preventive Psychology**, v. 6, n. 3, p. 117-135, 1997.

BINDER, C. V. Affection training: An alternative to sexual reorientation. **Journal of homosexuality**, v. 2, n. 3, p. 251-259, 1977.

BOZON, M. **Sociologia da Sexualidade**, 1ª ed. Rio de Janeiro. FGV, 2004.

CARVALHO, M. R. A.; SILVEIRA, J. M.; DITTRICH, A. Tratamento Dado ao Tema “Homossexualidade” em Artigos do Journal Of Applied Behavior Analysis: Uma Revisão Crítica, **Revista Brasileira de Análise do Comportamento / Brazilian Journal of Behavior Analysis**, n. 7, p. 72-81, 2011.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. RESOLUÇÃO CFP no 001/1999 de 23 de março de 1999 – **Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da Orientação Sexual**. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2020.

COSTA-JUNIOR F. M. Sexualidade, diversidade sexual e ética na psicoterapia comportamental de queixas sexuais. In: BORTOLOZZI, A. C.; DE CARVALHO, L. R. S.; BOSCO, M.; COSTA, T. G. (Org.). **Saberes e atuações em sexualidade**. 1ªed. Pedro&Jão editores, 2020.

COUTO, A. G.; DITTRICH, A. Feminismo e análise do comportamento: caminhos para o diálogo. **Perspectivas Em Análise Do Comportamento**, v. 8, n. 2, p. 147-158, 2017.

DEVIDES, M. B. C. **A violência contra travestis e transexuais mulheres a partir de uma perspectiva analítico-comportamental** (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Londrina, Londrina-PR, 2020.

DITTRICH, A.; ABIB, J. A. D. O sistema ético skinneriano e conseqüências para a prática dos analistas do comportamento. **Psicol. Reflex. Crit.**, v.17, n. 3, p. 427-433, 2004.

FAZZANO, L. H.; MENA, I. M.; DIONÍSIO, T. E. S.; GALLO, A. E. Análise do comportamento e população LGBT: revisão das produções de pós-graduação no Brasil. **Perspectivas em Análise do Comportamento**, v. 11, n. 1, p. 052-062, 2020.

FAZZANO, L. H.; GALLO, A. E. Uma Análise da Homofobia Sob a Perspectiva da Análise do Comportamento. **Trends in Psychology / Temas em Psicologia**. V. 23, n. 3, p. 535-545, 2015.

FLORES, E. P.; BATISTA, M. V.; FAGG, J.; CAVALCANTI, H. O. F. BF Skinner e a modernidade: Notas a partir de uma comparação com M. Foucault. **Acta Comportamental: Revista Latina de Análisis de Comportamiento**, v. 20, n. 2, p. 185-199, 2012.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1976.

HERMAN, S. H.; BARLOW, D. H.; AGRAS, W. S. An experimental analysis of exposure to "explicit" heterosexual stimuli as an effective variable in changing arousal patterns of homosexuals. **Behaviour research and therapy**, v. 12, n. 4, p. 335-345, 1974.

JUNQUEIRA, R. D. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. **Bagoas**, v. 1, n. 1, p. 1-16, 2012.

KNIEST, G. R. **A Relação Terapêutica Frente à Homossexualidade**. 2005. Dissertação (Mestrado). Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2005.

LOURO, G. Conhecer, pesquisar escrever... **Revista Educação, Sociedade & Culturas**, n. 25, p. 235-245, 2007.

MACEDO, C. M. R.; SÍVORI, H. F. Repatologizando a homossexualidade: a perspectiva de "psicólogos cristãos" brasileiros no século XXI. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 18, n. 4, p. 1415-1436, 2018.

MALOTT, Richard W. **A Behavior-Analytic View of Sexuality, Transsexuality, Homosexuality, and Heterosexuality.** *Behavior and Social Issues*, [S.l.], dec. 1996. Disponível em: <<http://journals.uic.edu/ojs/index.php/bsi/article/view/288>>. Acesso em: 05 nov. 2020.

MCCONAGHY, N. Aversive and positive conditioning treatments of homosexuality. **Behaviour Research and Therapy**, v.13, n. 4, p. 309-319, 1975.

MENEZES, A. B. **Análise da investigação dos determinantes do comportamento homossexual humano.** 1989. 340f. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Pará Belém do Pará, PA, 2005.

MENEZES, A. B. D. C.; BRITO, R. C. S. Reflexão sobre a homossexualidade como subproduto da evolução do prazer. **Psicologia em Estudo**, v.12, n. 1, p. 133-139, 2007.

MISKOLCI, R. Pânicos morais e controle social: reflexões sobre o casamento gay. **Cadernos pagu**, n. 28, p. 101-128, 2007.

MIZAE, T. M. Perspectivas Analítico-Comportamentais sobre a homossexualidade: análise da produção científica, **Perspectivas em análise do comportamento**, v. 09, n. 01, p. 15-28, 2018.

MONTOYA, G. J. M. Aproximación Bioética a Las Terapias Reparativas: Tratamiento Para El Cambio de La Orientación Homosexual. **Acta Bioethica**, v.12, n.2, p.199- 210, 2006.

OJEDA, T. Ofertas Terapéuticas, Estilos de Vida y " Cura Gay" en Chile: Aprendiendo a Ser Heterosexuales. **Psykhé (Santiago)**, v. 28, n. 2, p. 1-13, 2019.

O'SHAUGHNESSY, T.; SPEIR, Z. The state of LGBTQ affirmative therapy clinical research: A mixed-methods systematic synthesis. **Psychology of sexual orientation and gender diversity**, v. 5, n. 1, p. 82, 2018.

RUBIN, G. Pensando o Sexo: Notas para uma Teoria Radical das Políticas da Sexualidade. **Cadernos Pagu**, n. 21, p. 01-88, 2003 [1984].

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento Humano**. 11ª ed. (J. C. Todorov & amp; R. Azzi, Trans.). São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1953].

STOCKWELL, F. M.; MORAN, D. J. A relational frame theory account of the emergence of sexual fantasy. **Journal of sex & marital therapy**, v.40, n. 2, p. 92-104, 2014.

TOLEDO, L. G.; PINAFI, T. A clínica psicológica e o público LGBT. **Psicologia Clínica**, v. 24, n. 1, p. 137-163, 2012.

VANDENBERGHE, L. Uma ética behaviorista radical para a terapia comportamental. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 7, n.1, p. 55-66, 2005.

WAIDZUNAS, T. **The straight line: How the fringe science of ex-gay therapy reoriented sexuality**. University of Minnesota Press, 2015.

WAS. **Declaration of sexual rights**. World Association for Sexual Health. Praga, 2014.

WEEKS, J.; O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. (org.) **O corpo educado: pedagogias das sexualidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 1996.

SOBRE OS (AS) AUTORES (AS)

Aline de Marco da Silveira. Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP. Mestre em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem pela UNESP. Formada em Terapia de Aceitação e Compromisso pela ATITUDE, conhecimento introdutório em Terapia Comportamental Dialética. Atua na Clínica Comportamental com Adultos, focando em demandas referentes a ansiedade, depressão, dificuldades interpessoais e desregulação emocional grave.
E-mail: alinedmarco@gmail.com

Camila Muchon de Melo. Psicóloga pela Universidade Estadual de Londrina (UEL/2000). Mestrado (2004) e Doutorado (2008) em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Realizou estágio sanduíche na *University of South Australia*, sob a orientação do prof. Bernard Guerin. Pós-doutorado pelo Instituto Nacional sobre o Comportamento, Cognição e Ensino, na UFSCar. É professora adjunta do Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento da UEL. Professora credenciada e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento da UEL. Atua principalmente nas seguintes áreas: Compromissos filosóficos da Análise do Comportamento e na Análise Comportamental da Cultura.
E-mail: camuchon@uel.br

Caroline Prestes Villa. Psicóloga pela Universidade Estadual de Londrina (UEL/2018). Especialista em Terapia Analítico-Comportamental pelo Centro Universitário Filadélfia (UniFil/2019). Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação

em Análise do Comportamento - UEL. Áreas de atuação: sexualidade e Comportamentalismo Radical, clínica analítico-comportamental.
E-mail: carolinepvilla@gmail.com

Felipe Gonçalves. Psicólogo pelo Centro Universitário Sudoeste Paulista em Avaré/SP (UniFSP). Qualificação avançada em Psicoterapia com Enfoque na Sexualidade pelo Instituto Paulista de Sexualidade (InPaSex) em São Paulo. Especialista em Direito Homoafetivo e de Gênero pela Universidade Santa Cecília (UniSanta). Atualmente, atua como psicólogo clínico com foco nas questões da sexualidade e saúde mental da população LGBTI+.
E-mail: psicofelipegoncalves@gmail.com

Florêncio M. da Costa Júnior. Psicólogo e Mestre em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, ambos pela UNESP – Bauru. Doutor em Medicina Preventiva (USP – São Paulo) com estágio sanduíche na *Aarhus University* – Dinamarca. Docente no Programa de Pós Graduação em Educação Sexual da Universidade Estadual Paulista (UNESP- Araraquara), e no curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Bauru (FIB). Psicólogo clínico no Instituto de Análise do Comportamento de Bauru (IACB). Áreas de atuação: gênero e masculinidades; sexualidades e saúde; clínica comportamental e psicoterapia de queixas sexuais.
E-mail: mcostajunior@gmail.com

Leonardo Peres Navarro. Graduando em Psicologia. Faculdades Integradas de Bauru – FIB. Áreas de atuação: ética e psicoterapias de queixas sexuais; sexualidade; análise do comportamento.
E-mail: leonardoperes16@gmail.com

Mayra Savi Gonçalves. Graduada em Psicologia pela UNISAGRADO. Mestranda em Educação Sexual - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP- Araraquara). Áreas de atuação: sexualidade; políticas de prevenção ao HIV e Psicoterapia Cognitivo Comportamental.

E-mail: savi.mayra@gmail.com

Renan Kois Guimarães. Psicólogo pela Universidade Estadual de Maringá (UEM/2017). Pós-Graduando em Terapias Comportamentais Contextuais pelo Instituto Continuum. Mestre em Análise do Comportamento pela Universidade Estadual de Londrina (UEL/2019). Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento - UEL. Áreas de atuação: altruísmo; Comportamentalismo Radical; historiografia da Análise do Comportamento.

E-mail: renankois@gmail.com

Sarah Faria Abrão Teixeira. Psicóloga pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/Bauru. Possui Especialização em Terapia Comportamental (Terapia por Contingências de Reforçamento) pelo Instituto de Terapia por Contingências de Reforçamento (ITCR-Campinas). É psicóloga clínica no Instituto de Análise do Comportamento de Bauru (IACB). Áreas de atuação: atendimento clínico ao público infantil e adulto.

E-mail: sahteixeiraa@gmail.com

Táhcita Medrado Mizael. Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Centro de Educação e Ciências Humanas. Especialista em Gênero e Sexualidade pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Áreas de atuação: Psicologia experimental; Clínica

Analítico-Comportamental; Questões Raciais; Gênero e Sexualidade.

E-mail: tahcitammizael@gmail.com

Thais de Souza Mascotti. Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/Bauru. Mestre em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”– UNESP/Bauru. Áreas de atuação: Clínica Comportamental com adultos; Orientação profissional e de carreira.

E-mail: thaismascotti@gmail.com

Thaís Juliana Medeiros. Cientista Social e Psicóloga. Pós-Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Gerontologia - Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Áreas de atuação: Psicologia Social e Comunitária; Psicologia Organizacional e do Trabalho; Psicologia Clínica; Saúde Mental; Habilidades Sociais.

E-mail: thaisjuliana84@gmail.com

Tiago Florêncio. Psicólogo pela Universidade de Taubaté, com Formação em Clínica Analítico Comportamental Infantil pelo Paradigma – Centro de Ciências do Comportamento. É Mestre em Análise do Comportamento Aplicada pela mesma instituição. Foi professor de Análise Experimental do Comportamento na Faculdade Anhanguera. Atualmente é professor, supervisor e orientador nos cursos de Acompanhamento Terapêutico e Análise do Comportamento Aplicada ao Transtorno do Espectro Autista, ambos no Paradigma (São Paulo); professor e orientador no curso de Análise do Comportamento Aplicada ao Transtorno do Espectro Autista no NEPNEURO – Goiânia.

E-mail: tiagoflorencio_psico@yahoo.com.br

SOBRE O ORGANIZADOR E A ORGANIZADORA

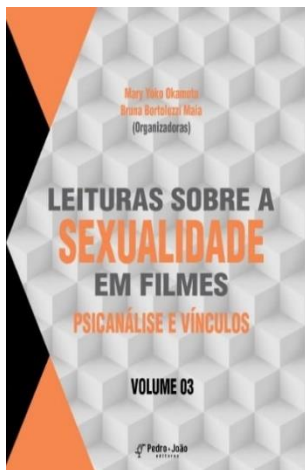
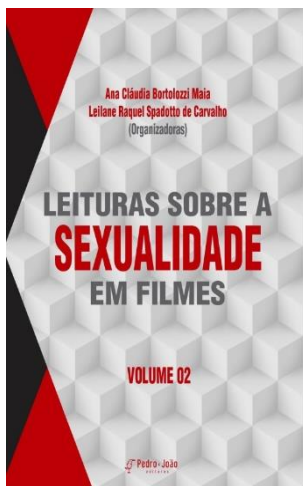
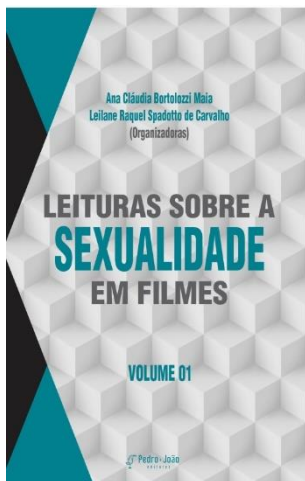
Florêncio M. da Costa Júnior. Psicólogo e Mestre em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, ambos pela UNESP – Bauru. Doutor em Medicina Preventiva (USP – São Paulo) com estágio sanduíche na *Aarhus University* – Dinamarca. Docente no Programa de Pós Graduação em Educação Sexual da Universidade Estadual Paulista (UNESP- Araraquara), e no curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Bauru (FIB). Psicólogo clínico no Instituto de Análise do Comportamento de Bauru (IACB). Áreas de atuação: gênero e masculinidades; sexualidades e saúde; clínica comportamental e psicoterapia de queixas sexuais.

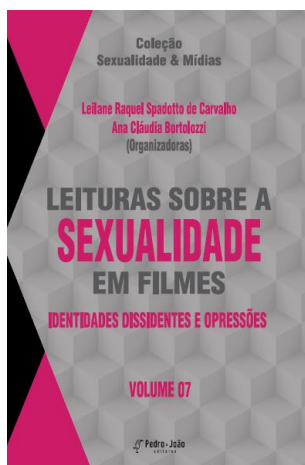
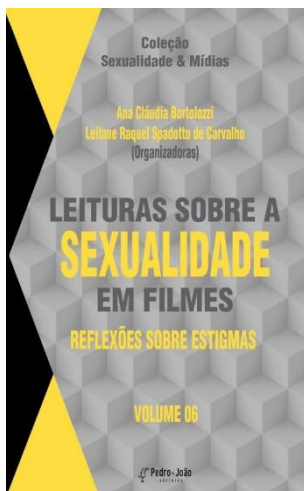
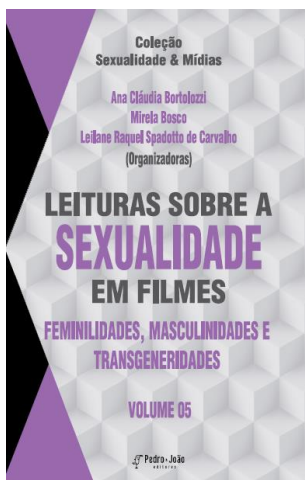
E-mail: mcostajunior@gmail.com

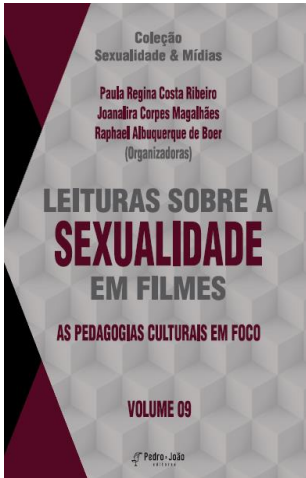
Ana Cláudia Bortolozzi. Psicóloga. Docente no Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP. Livre docente em Educação Sexual, Inclusão e Desenvolvimento Humano. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Sexualidade, Educação e Cultura (GPESEC) e do Laboratório de Ensino e Sexualidade Humana (LASEX). Áreas de atuação principais: Psicologia do Desenvolvimento Humano. Educação Sexual. Sexualidade e Deficiências.

E-mail: claudia.bortolozzi@unesp.br

OUTROS VOLUMES DA COLEÇÃO SEXUALIDADE & MÍDIAS







Neste volume 10 da **Coleção Sexualidade & Mídias**, o que os capítulos têm em comum é a perspectiva Behaviorista e as contribuições da Análise do comportamento e das Terapias Contextuais focalizando os fenômenos que tratam de questões de gênero, sexualidade e diversidade sexual, no campo conceitual, experimental ou aplicado. Esperamos que a leitura proporcione contribuições analíticas potencialmente capazes de mobilizar a integração de vieses teóricos que dialoguem com os princípios fundamentais das ciências comportamentais. Além disso, pensar a sexualidade nesta perspectiva, dialogando com o arcabouço teórico produzido por outras ciências psicológicas é uma oportunidade importante para promover uma aproximação entre o Behaviorismo, os direitos sexuais e a diversidade humana na atualidade.



ISBN, 978-65-5869-169-2



9 786538 167166 2